



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS – MEL

LORENA ENÉAS ROSA SANTOS

**A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE
NÚMERO EM CARTAS DE INÁBEIS DO SERTÃO BAIANO
(1906-2000)**

Feira de Santana – BA
2017

LORENA ENÉAS ROSA SANTOS

**A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE
NÚMERO EM CARTAS DE INÁBEIS DO SERTÃO BAIANO
(1906-2000)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como resquisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Feira de Santana – BA
2017

LORENA ENÉAS ROSA SANTOS

**A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE
NÚMERO EM CARTAS DE INÁBEIS DO SERTÃO BAIANO
(1906-2000)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como resquisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Aprovada pela Banca Examinadora em: _____ / _____ / 2016.

Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro
Orientadora – UEFS

Profa. Dra. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda
UEFS

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim
UFBA

A Deus, por me dar vida e por ser o sustento da minha fé.
À minha mãe, Dolores Rosa, por ser o meu maior exemplo de dedicação e perseverança.
Ao meu filho, Davi, meu esposo, Enéas Junior, e meus irmãos, Laís e Luiz Fernando, por todo amor, incentivo e apoio a mim dispensado.
A Huda Santiago, minha fiel amiga, por ter acreditado em mim, desde o começo.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, por todas as contribuições dadas à minha pesquisa, permitindo-me entender os objetivos e caminhos do rigor científico. Obrigada por cada palavra de conforto e amizade proferida nos momentos de angústia e por estar ao meu lado desde o início da minha trajetória acadêmica.

À Profa. Dra. Norma da Silva Lopes, por ser inacreditavelmente acessível e generosa. A leitura atenta e as importantes sugestões dadas à minha pesquisa, a partir da sua experiência sobre a concordância, durante e após o exame de qualificação, foram imprescindíveis para o aprimoramento da minha pesquisa.

À Profa. Dra. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, pelas preciosas sugestões e conhecimentos compartilhados durante o exame de qualificação. A sua contribuição engrateceu o meu trabalho. Também à Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim, por fazer parte da minha banca de defesa.

À Huda Santiago, por ser luz no meu caminho. Obrigada pela amizade, pelo incentivo, apoio e generosidade de sempre. De todos os bons frutos que o mestrado me proporcionou colher, a sua amizade foi a melhor parte. Eu não teria conseguido sem você.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida. Aos professores do MEL/UEFS, pelos conhecimentos compartilhados, em especial à Profa. Dra. Silvana Araújo, pela disponibilidade e paciência em me ensinar a rodar dados. Também às minhas colegas de Mestrado, pelos maravilhosos momentos compartilhados durante o curso, em especial às minhas amigas Paula Torres, Geysa Andrade, Jaci Leal, Damares Oliveira e Joseilda Martins. Vocês deixaram essa caminhada mais leve.

À minha mãe, Dolores Rosa, por cada demonstração de amor e de dedicação. Obrigada por sonhar o meu sonho e por estar ao meu lado nos momentos mais importantes da minha vida. Você é a minha fortaleza.

Ao meu filho, Davi, por fazer de mim uma pessoa melhor a cada dia. A inocência do seu sorriso e o seu amor foram o meu refúgio nessa árdua jornada. Você é a minha melhor parte.

Ao meu marido e grande amor, Enéas Junior, por ter suportado, com paciência, a minha ausência e por ter sido, durante esses dois anos, o meu braço forte. Obrigada pelo incentivo de sempre. Sem você tudo seria mais difícil.

Aos meus irmãos, Laís e Luiz Fernando, pela torcida e pelo apoio constantes.

A Deus, pela proteção divina sempre.

RESUMO

Esta dissertação faz uma análise da variação da concordância de número no sintagma nominal em 91 cartas pessoais, editadas por Santiago (2012), escritas entre 1906 e 2000 por sertanejos baianos semi-alfabetizados, definidos como “inábeis” (MARQUILHAS, 2000). Trata-se de um tipo de documentação bastante rara, oferecendo indícios da variante popular do português brasileiro (PB). A pesquisa toma como escopo teórico a Linguística Histórica *stricto sensu*, nos termos definidos por Mattos e Silva (2008) e a Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972), para quem a mudança deve ser explicada não somente por argumentos internos ao sistema, mas também pelos externos. A partir da análise dos dados, foram identificados os fatores linguísticos e sociais que mais condicionam a sua variação, sob duas perspectivas: a sintagmática e a atomística. Além disso, verificamos se o comportamento linguístico dos redatores das cartas que compõem o *corpus* em questão apresenta semelhanças e/ou divergências com resultados de trabalhos antecedentes em torno dessa temática no PB popular, em *corpus* oral e escrito, e na aquisição de concordância. Os resultados demonstraram que as estratégias mais usadas pelos escreventes inábeis, no que diz respeito à realização das marcas de pluralidade no SN, estão próximas tanto às variantes populares do PB, como às construções encontradas em estudos sobre aquisição. O estudo linguístico aqui realizado poderá contribuir, portanto, para a caracterização da língua falada na região semiárida da Bahia, colaborando, de um modo geral, para o estudo do português popular do Brasil e, mais especificamente, do português rural baiano.

Palavras-chave: Cartas pessoais. Inábeis. Português brasileiro. Concordância nominal de número.

ABSTRACT

This dissertation undertakes an analysis of variation in number agreement in the noun phrase in 91 personal letters, edited by Santiago (2012), written between 1906 and 2000 by semi-literate Bahian inlanders, defined as "unskilled" (MARQUILHAS, 2000). It is a very rare type of documentation, offering indications of the popular variant of Brazilian Portuguese (BP). The research takes as the theoretical scope the Historical Linguistics *stricto sensu*, in the terms defined by Mattos and Silva (2008) and the Labovian Sociolinguistics (LABOV, 1972), for whom the change must be explained not only by internal arguments to the system, but also by the external. From the analysis of the data, the linguistic and social factors that most conditioned the variation were identified, from two perspectives: the syntagmatic and the atomistic. In addition, we verified if the linguistic behavior of the writers of the letters that integrate the *corpus* in question present similarities and/or divergences with the results of previous works about this subject in the popular BP, in oral and written *corpus*, and in the acquisition of agreement. The results showed that the strategies most used by unskilled scribes regarding to the realization of the plurality marks in the NP are close to both the popular BP variants and to the constructs found in acquisition studies. The linguistic study carried out here may contribute to the characterization of the spoken language in the semi-arid region of Bahia, collaborating in general for the study of popular Portuguese in Brazil and, more specifically, in the rural Portuguese of Bahia.

Keywords: Personal letters. Unskilled. Brazilian portuguese. Nominal number agreement.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa da região sisaleira da Bahia: municípios de Conceição do Coité, Ichu e Riachão do Jacuípe	86
FIGURA 2 - Quantidade de remetentes por ocupação profissional	88
FIGURA 3 - Modelo de carta escrita por sertanejos baianos	96
FIGURA 4 - Frequência da variação na concordância nos SNs em cartas de inábeis do século XX	104
FIGURA 5 - Efeito da Posição do SN em relação ao verbo na variação da concordância..	107
FIGURA 6 - Efeito do Número absoluto de constituintes do SN na variação da concordância	109
FIGURA 7 - Efeito da Situação de aprendizagem na variação na concordância de número nos SNs	114
FIGURA 8 - Variação da concordância entre os constituintes dos SNs em cartas de inábeis do século XX	120
FIGURA 9 - Efeito da variável posição do item em relação ao núcleo na variação na concordância de número nas cartas dos inábeis	124
FIGURA 10 - Efeito da Saliência fônica na concordância nominal	133
FIGURA 11 - Efeito da variável marcas precedentes na variação na concordância de número nos SNs	138
FIGURA 12 - A aquisição de número em crianças em função da expressão morfológica de número	152
FIGURA 13 - A aquisição de número em crianças em função do Tipo de DP	152

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	Informações detalhadas dos remetentes	89
QUADRO 2 -	Ficha da remetente Ana Helena Cordeiro de Santana	95
QUADRO 3 -	Características de inábeis	98
QUADRO 4 -	Variáveis independentes linguísticas e sociais	100

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	Número e percentual de SNs plurais por entrevista na fala de uma criança dos 4 aos 8 anos	58
TABELA 2 -	Formação populacional do Brasil entre 1538 a 1890	66
TABELA 3 -	Quantidade de escravos por proprietário	79
TABELA 4 -	Taxas da variação da concordância no SN	104
TABELA 5 -	Efeito da posição do SN com relação ao verbo sobre a realização da concordância de número	107
TABELA 6 -	Efeito do número absoluto de constituintes do SN sobre a realização da concordância de número	109
TABELA 7 -	Efeito da situação de aprendizagem sobre a realização da concordância de número	113
TABELA 8 -	Efeito da presença/ausência dos SNs nas fórmulas sobre a realização da concordância de número	117
TABELA 9 -	Taxas da variação da concordância entre os itens do SN.....	119
TABELA 10 -	Efeito da posição do constituinte em relação ao núcleo sobre a realização da concordância de número	123
TABELA 11 -	Efeito da saliência fônica e tonicidade sobre a realização da concordância de número nos itens do SN	133
TABELA 12 -	Efeito das marcas precedentes sobre a realização da concordância de número nos itens do SN	137
TABELA 13 -	Efeito da situação de aprendizagem sobre a realização da concordância de número nos itens do SN	139
TABELA 14 -	Efeito da presença/ausência em fórmulas sobre a realização da concordância de número nos itens do SN	140
TABELA 15 -	Dados comparativos: Efeito da posição do item em relação ao núcleo sobre a realização da concordância de número	145
TABELA 16 -	Dados comparativos: Efeito das marcas precedentes sobre a realização da concordância de número	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABREVIATURAS

CONT – Singular Controle
D – Determinante
DP – Sintagma determinante
G-NPAD – Gramatical Não-Padrão
G-PAD – Gramatical Padrão
L1 – Primeira língua
L2 – Segunda língua
N – Nome
NG-INF – Não gramatical Infixo
NG-SUF – Não gramatical Sufixo
PB – Português brasileiro
PE – Português europeu
PL – Plural
PR – Peso relativo
SG – Singular
SN – Sintagma nominal
Spec – Especificador
WLH – Weinreich, Labov e Herzog

SIGLAS

CE-DOHS – *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão
FINEP – Empresa Financiadora de Estudos e Projetos
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LAPAL – Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem
NURC – Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil
PEPP – Programa de Estudo do Português Popular
PHPB – Projeto Para a História do Português Brasileiro

LISTA DE SÍMBOLOS

∅ – Posição vazia

s – Morfema de plural

sss – Marca formal de pluralidade em todas as posições

ss0 – Marca formal de pluralidade apenas na 1ª posição

s0s – Mistura de marcas precedentes (presença e ausência)

00s – Ausência de marcas precedentes com marca formal na 3ª posição

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
------------------------------	----

PARTE I

A concordância de número no sintagma nominal: aspectos gerais, conceitos e antecedentes

1	A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO: ASPECTOS GERAIS	20
2	ALGUNS CONCEITOS	24
2.1	A BASE FUNCIONALISTA	24
2.1.1	A condição de distintividade	25
2.1.2	O princípio da economia	27
2.1.3	A Saliência Fônica	27
2.1.4	O processamento com paralelismo	29
2.2	A BASE FORMALISTA	31
2.2.1	O Minimalismo	31
2.2.2	A Teoria dos 4M	34
3	ESTUDOS ANTECEDENTES	37
3.1	A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SN EM <i>CORPORA</i> DA LINGUAGEM ORAL	37
3.1.1	Marta Scherre (1988)	38
3.1.2	Norma Lopes (2001)	42
3.1.3	Alan Baxter (2009)	44
3.2	A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SN EM <i>CORPORA</i> DA LINGUAGEM ESCRITA	47
3.2.1	Maria Tereza da Costa (2008)	47
3.2.2	Oliveira, Souza e Coelho (2009)	49
3.3	A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SN NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	52

3.3.1	Ferrari-Neto (2008)	52
3.3.2	Capellari e Zilles (2002)	57

PARTE II

A formação do PB, a polarização linguística e a sócio-história do semiárido baiano

4	A FORMAÇÃO DO PB E SUAS EXPLICAÇÕES PARA A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA: CONTROVÉRSIAS	62
4.1	A DERIVA SECULAR: UMA VISÃO “IMANENTISTA”	63
4.2	A TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR: UMA VISÃO CONTATISTA	65
5	A POLARIZAÇÃO LINGUÍSTICA DO PB: O PORTUGUÊS POPULAR VERSUS O PORTUGUÊS CULTO	71
5.1	A IMPORTÂNCIA DE PESQUISAS EM <i>CORPORA</i> PRODUZIDOS POR INÁBEIS PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL	74
6	CONSIDERAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DO SEMIÁRIDO BAIANO	76
6.1	A ORIGEM DOS MUNICÍPIOS DE RIACHÃO DO JACUÍPE, CONCEIÇÃO DO COITÉ E ICHU	76
6.2	A PRESENÇA INDÍGENA E AFRICANA/AFRODESCENDENTE E A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA LINGUÍSTICA NO SEMIÁRIDO BAIANO	78

PARTE III

Pressupostos teórico-metodológico e a descrição do *corpus*

7	OS PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA ...	84
7.1	O <i>CORPUS</i> EM ESTUDO	85
7.2	OS SUJEITOS INÁBEIS	96
7.3	OS CAMINHOS DA ANÁLISE	99

PARTE IV

A descrição da concordância nominal de número em cartas de inábeis: aspectos sintagmáticos e mórficos

8	PERSPECTIVA SINTAGMÁTICA	103
8.1	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	105
8.1.1	A posição do SN com relação ao verbo	105
8.1.2	O número absoluto de constituintes do SN	108
8.2	VARIÁVEIS SOCIAIS	110
8.2.1	A situação de aprendizagem	111
8.2.2	A presença/ausência dos SNs nas fórmulas	114
9	PERSPECTIVA ATOMÍSTICA	119
9.1	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	120
9.1.1	A posição do item com relação ao núcleo	121
9.1.2	A saliência fônica e tonicidade	129
9.1.3	Sobre as marcas precedentes ao elemento nominal	134
9.2	VARIÁVEIS SOCIAIS	138
9.2.1	A situação de aprendizagem	139
9.2.2	A presença/ausência do constituinte em fórmulas	140
10	ESTUDO COMPARATIVO	142
10.1	DADOS ESCRITOS <i>VERSUS</i> DADOS ORAIS	142
10.2	DADOS DAS CARTAS <i>VERSUS</i> DADOS DAS ATAS	148
10.3	DADOS DE INÁBEIS <i>VERSUS</i> DADOS DE CRIANÇAS E ADULTOS	150
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
	REFERÊNCIAS	161
	APÊNDICE	170

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente trabalho, analisamos a concordância gramatical de número plural entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal em cartas pessoais produzidas por sertanejos baianos, no século XX. São 91 cartas, editadas por Santiago (2012), escritas, entre 1906 a 2000, por redatores oriundos da zona rural do semiárido baiano, pouco escolarizados, definidos como “inábéis”, a partir de Marquilhas (2000, p. 235), para se referir a escreventes adultos “estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita”.

De fato, os materiais escritos por aqueles que não possuem maior habilidade com a escrita são de fundamental importância, considerando-se a dificuldade de encontrar textos que reflitam a escrita cotidiana, produzidos pelos segmentos sociais mais estigmatizados. Por esta razão, o estudo linguístico aqui desenvolvido poderá contribuir para a caracterização da língua falada nessa região refletida nos textos escritos, bem como para a valorização das diferenças intrínsecas e extrínsecas à língua, colaborando, de um modo geral, para o estudo do português popular do Brasil e, mais especificamente, do português rural baiano.

Dentre os fenômenos linguísticos variáveis no PB, talvez a concordância nominal seja um dos traços mais estigmatizados socialmente, representando, na maioria das vezes, um indicador de falta de escolarização ou de desprestígio social. Diante disso, a realização de pesquisas que contribuam para um maior esclarecimento acerca do fenômeno da concordância, destacando os condicionamentos estruturais que interferem na presença/ausência de marca de plural, convergem para uma visão menos preconceituosa do fenômeno.

Em verdade, no âmbito da morfossintaxe, este tema é um dos aspectos mais estudados no conjunto de fenômenos linguísticos variáveis em terras brasileiras, em diferentes abordagens teóricas, como no âmbito da sociolinguística (SCHERRE, 1988, 1991; LOPES, 2001; NARO; SCHERRE, 1997; BAXTER, 2009; LUCCHESI, 2008; ANDRADE, 2003; OLIVEIRA; SOUZA; COELHO, 2009; entre outros), para opor as variantes populares e não populares do PB, e na gerativa (FERRARI NETO, 2003; LOPES, 2004, 2006; SCHMITT; MUNN, 1999; SIMIONI, 2007; entre outros). Essas abordagens têm apresentado bons resultados, uma vez que colaboram para a caracterização do PB em oposição ao português europeu (doravante PE) e trazem contribuições significativas sobre o processo do contato linguístico que caracterizou a formação do PB.

Posto isto, cumpre destacar que, para uma melhor compreensão de tal fenômeno, os estudos da história externa do PB têm sido de grande importância. Sem dúvida, a heterogeneidade linguística que caracterizou a história sociolinguística do Brasil gerou

consequências significativas para a configuração atual do PB, de modo que a diversidade linguística existente em nosso território representa um terreno fértil para os estudos empíricos acerca de fenômenos variáveis no português do Brasil. Assim, assumindo esta assertiva, julgamos importante, neste trabalho, levantar as discussões fomentadas em torno da formação do PB e as considerações sócio-históricas e linguísticas do Brasil e, mais especificamente, do semiárido baiano, conforme explanado no *Capítulo IV*.

Esta dissertação segue a orientação da Linguística Histórica em uma perspectiva sócio-histórica, em que se consideram os fatores extralinguísticos ou sociais e os intralinguísticos (MATTOS e SILVA, 2008, p. 10), e apoia-se também nos pressupostos da teoria Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), na direção do que é defendido por Labov (2006 [1972]), para quem a mudança deve ser explicada não somente por argumentos internos ao sistema, mas também pelos externos. Desse modo, o presente estudo pretende buscar possíveis relações entre a realização da concordância dentro do sintagma nominal e os fatores linguísticos e sociais que podem estar relacionados com a realização desse fenômeno. Nesta perspectiva, temos três objetivos com esta análise:

- 1) Analisar a concordância de número nos sintagmas nominais em cartas pessoais, escritas por inábeis, redatores em níveis incipientes de aquisição de escrita, oriundos da zona rural da região semiárida da Bahia, ao longo do século XX, identificando os fatores linguísticos e sociais que mais condicionam a sua variação;
- 2) Fazer comparações entre os resultados encontrados na análise com outras pesquisas sobre a realização da concordância no sintagma nominal em regiões diferentes do país, tanto em *corpus* oral como em *corpus* escrito;
- 3) Verificar se as estratégias mais usadas por esses escreventes estariam mais próximas às variantes populares do PB ou apontariam para processos comuns de indivíduos adultos em processo de aquisição de escrita, com construções próximas às encontradas em estudos sobre aquisição, a exemplo do que ocorre com crianças, ou ainda, se são encontradas ambas as situações.

De uma forma geral, pretendemos trazer contribuições a nível descritivo/explicativo em torno das variáveis linguísticas e sociais que regem a concordância nominal variável em *corpus* escrito numa sincronia passada. Ao estudar os aspectos linguísticos e sociais voltados ao passado, com base em um *corpus* escrito, valemo-nos das respectivas metáforas¹ feitas por

¹ Essas metáforas, cujas expressões originais são “hearing the inaudible” (ROGER LASS, 1997, p. 45) e “the art of making the best use of bad data” (LABOV, 1982, p. 20) foram traduzidas por Mattos e Silva (2008, p. 7).

Roger Lass (1997, p. 45) e William Labov (1982, p. 20), a respeito do tipo de dados de que dispõem os que trabalham no campo da linguística histórica, no sentido de que é como “ouvir o inaudível” e praticar “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”. Para tanto, este trabalho foi organizado em seis seções: *Considerações iniciais*, *Parte I*, *Parte II*, *Parte III*, *Parte IV* e *Considerações finais*.

A *Parte I* é composta por três capítulos, a saber: no *Capítulo I*, teceremos algumas considerações gerais em torno da concordância de número no sintagma nominal do PB; no *Capítulo II*, apresentaremos alguns conceitos comumente aplicados na análise desse fenômeno em diversas pesquisas; no *Capítulo III*, apresentamos uma descrição de algumas pesquisas antecedentes sobre a morfossintaxe da concordância nominal de número no PB, tanto em *corpus* oral como em *corpus* escrito (SCHERRE, 1988; LOPES, 2001; BAXTER, 2009; COSTA, 2008; OLIVEIRA; SOUZA; COELHO, 2009), além de alguns estudos sobre a aquisição da concordância nominal de número no PB (FERRARI-NETO, 2008; CAPELLARI; ZILLES, 2002).

A *Parte II* é também composta por três capítulos: no *Capítulo IV*, faremos uma breve reflexão a respeito das condições históricas sobre o processo de formação do português brasileiro, apontando as duas visões controversas sobre este aspecto, a derivista e a contatista, e suas explicações para a variação da concordância; no *Capítulo V*, esboçamos a consideração da polarização linguística existente e os aspectos sócio-históricos e linguísticos da realidade brasileira, tendo em vista que a variação é mais registrada em textos da denominada tradicionalmente variante popular; e no *Capítulo VI*, discutimos, mais especificamente, sobre os aspectos linguísticos e sócio-históricos do semiárido baiano, no que diz respeito aos municípios de origem dos remetentes das cartas, Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, cuja população originalmente seria falante da variante popular.

Na *Parte III*, composta pelo *Capítulo VII*, abordamos os aspectos teórico-metodológicos utilizados na pesquisa. Além disso, apresentamos o *corpus* da pesquisa e os trabalhos que caracterizam um inábil (MARQUILHAS, 2000; BARBOSA, 1999; OLIVEIRA, 2006; SANTIAGO, 2012).

Na *Parte IV*, descrevemos os resultados da variação da concordância nominal de número nas cartas de inábeis sob duas perspectivas de análise, a sintagmática, num primeiro momento, e a atomística, num segundo momento, a fim de proporcionar uma visão mais ampla do fenômeno linguístico analisado. Para isso, no *Capítulo VIII*, apresentamos os resultados da perspectiva sintagmática e, no *Capítulo IX*, discutimos os resultados obtidos na perspectiva atomística. Além disso, no *Capítulo X*, realizamos um estudo comparativo entre os dados dos

inábeis e alguns estudos antecedentes em torno desta temática no PB popular (SCHERRE, 1988; BAXTER, 2009; OLIVEIRA; SOUZA; COELHO, 2009), além de um estudo comparativo entre os dados dos inábeis e dados da aquisição da concordância (FERRARINETO, 2008).

Ao final, são apresentadas as *Considerações finais* com os resultados da pesquisa.

PARTE I

A concordância de número no sintagma nominal: aspectos gerais, conceitos e antecedentes

Embora a variação de número dentro do SN seja um dos aspectos mais “bem-resolvidos”, porque vem sendo exaustivamente estudado, no conjunto de fenômenos linguísticos variáveis do PB, o estudo aqui proposto em torno dessa temática apresenta um diferencial, já que desenvolve uma análise desse fenômeno linguístico em um *corpus* bastante raro, escrito por indivíduos que não possuem maior domínio das habilidades de escrita, sendo, por isso, representativo da variedade popular do PB². Nessa perspectiva, apresentaremos de início, na *Parte I*, os aspectos gerais frequentemente discutidos em torno da apreensão da variação da concordância de número no SN, a fim de apresentar o fenômeno linguístico em análise.

Para tanto, no *Capítulo 1*, teceremos, brevemente, algumas considerações sobre a concordância nominal de número, identificando os padrões variáveis de concordância no PB. No *Capítulo 2*, apresentaremos alguns conceitos, de bases funcionalistas e formalistas, comumente aplicados em pesquisas antecedentes em torno do assunto. Sobre isso, cumpre esclarecer, de antemão, que não é objetivo deste trabalho relacionar todos esses conceitos com a análise aqui realizada, uma vez que este estudo caminha mais por uma trilha descritivo-interpretativista em torno da concordância de número no SN em documentos datados. Todavia, dada a relevância das possíveis explicações desses conceitos para as motivações deste fenômeno, que se encontram na base de alguns estudos antecedentes, buscamos elencar alguns deles para entendermos como a variação da concordância nominal pode ser explicada à luz de diferentes perspectivas teóricas. Nesse sentido, a correlação entre alguns destes conceitos e a nossa análise será feita conforme a pertinência dos resultados obtidos. Por fim, no *Capítulo 3*, serão elencados alguns trabalhos antecedentes, desenvolvidos em torno dessa temática, em corpus oral, escrito e no estudo sobre aquisição da linguagem.

1 A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO: ASPECTOS GERAIS

De modo geral, a concordância nominal é frequentemente definida em termos da reiteração de certas informações – de gênero, número – de um elemento a outro inter-relacionado sintática ou semanticamente. Essa reiteração de informações pode ser vista, como bem elucida Brandão (2009), como uma marca explícita da dependência sintática ou semântica que existe entre tais elementos. Diante disso, é possível lançar mão da seguinte afirmação:

² Falaremos sobre isso, com mais detalhes, na *Parte II*.

concordar está diretamente relacionado ao ato de reiterar, já que se tem a repetição de um conteúdo morfológico nos constituintes do SN.

Utilizando as palavras de Brandão (2009, p. 57), poderíamos dizer, então, que a concordância nominal corresponde à

reiteração do mesmo conteúdo morfológico (categoria de gênero e/ou de número) de um nome no(s) determinante(s) (artigo, demonstrativo, possessivo), quantificador(es) e/ou adjetivo(s) a ele inter-relacionado(s) sintática e semanticamente, o que funciona, por vezes, como uma marca explícita ou redundante dessa interdependência.

Scherre (1988) já designava essas marcas como sendo “explícitas” ou “redundantes”. Sobre esse aspecto, a referida autora faz uma importante ressalva em torno de algumas situações que envolvem o fenômeno da concordância. De acordo com Scherre (1988, p. 62), a concordância gramatical, ao pé da letra, “implica harmonia formal em pelo menos dois elementos de uma dada construção”, o que não ocorre em determinadas construções. Assim, como bem coloca a autora:

O termo concordância neste caso não é bem apropriado para todas as situações, considerando que muitas vezes apenas um elemento do SN é formalmente marcado (as perna toda marcada), podendo inclusive haver SNs sem nenhuma marca formal de plural (dois risco verde; um montão de nego velho). Nestes casos, o mais exato seria falar em indicação de pluralidade e não em concordância [...]. (SCHERRE, 1988, p. 62).

Nesse sentido, apesar de essas construções não corresponderem à definição literal da concordância, segundo Scherre (1988), elas podem ser consideradas como presença de concordância, já que a inserção do morfema -s em apenas um elemento ou a presença de um numeral na sentença refletem uma noção semântica de pluralidade à guisa de concordância.

Com base no exposto acima, é admissível, portanto, afirmar que, no PB, é possível identificarmos padrões variáveis de concordância. De um lado, temos a regra geral que corresponde à variedade tida como padrão – em virtude dos padrões apresentados nas gramáticas tradicionais e normativas³ – que se caracteriza pela reiteração das marcas morfológicas de número. Segundo essa regra, no âmbito do SN, colocam-se marcas explícitas de plural em todos os seus elementos flexionáveis quando o núcleo do sintagma for formalmente plural. Não obstante, do outro lado temos a regra de concordância não-redundante, podendo ou não ser reiterada nos demais itens do SN.

Isso implica dizer que a concordância de número dentro do SN não é uma regra categórica, mas resulta na presença da forma binária: presença de marca formal de número

³ Ali (1927); Pereira (1949); Rocha Lima (1983); Cunha; Cintra (1985); Xavier; Mira Mateus (1990); Almeida (1992); Bechara (1999), entre outros.

plural em todos os elementos do SN X ausência de marca formal de número plural em algum(uns) elemento(s) do SN. Destarte, resultados de pesquisas variadas, tanto na perspectiva sincrônica contemporânea em *corpus* de língua falada (SCHERRE, 1988; LOPES, 2001; ANDRADE, 2003; BAXTER, 2009, entre outros) como em sincronias passadas em documentos escritos (OLIVEIRA; SOUZA; COELHO, 2009) acerca desse fenômeno, evidenciam que a marcação de plural pode-se exibir em várias posições do SN, conforme os exemplos⁴ a seguir:

(i) Na inserção da marca de plural em todos os elementos do SN

(1) Osmeus tiosqueridos ou todosaqueles estudantes.

(ii) Na inserção da marcação de plural em alguns elementos

(2) Osmeus tioØ queridoØ ou todosaqueles estudanteØ.

(iii) Na inserção da na marcação de plural num único elemento do SN, geralmente o que reside na primeira posição (ou em outras posições)

(3) a. OsmeuØ tioØ queridoØ ou todosaqueleØ estudanteØ.

b. O meus tioØ queridoØ.

A partir do exposto acima, é possível, portanto, prever que o português vernacular do Brasil apresenta variação sistemática nos processos de concordância de número. Essas construções são aceitas e avaliadas pelos falantes da língua portuguesa como variáveis em sua língua.

Apesar de a não realização da concordância prevista ter um forte cunho estigmatizante e representar um indicador de falta de escolarização ou de desprestígio social, muitos são os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a sua variação. Nesse sentido, alguns dos principais fatores internos e externos apontados na literatura como sendo favorecedores ou desfavorecedores da presença redundante da marca morfológica de plural são: a saliência fônica, o paralelismo formal e discursivo, a posição linear do constituinte, o gênero (masculino/feminino), a faixa etária, o nível de escolarização, entre outros. Cabe salientar ainda que o fenômeno da concordância variável parece estar ganhando cada vez mais força, deixando de ser um fenômeno exclusivo da oralidade e entrando progressivamente na língua escrita,

⁴ Exemplos extraídos de Oliveira, Souza e Coelho (2009).

como sugerem os trabalhos realizados por Costa (2008), Oliveira, Souza e Coelho (2009), assim como a presente pesquisa.

Diante do que já foi exposto, podemos perceber, deste modo, que a variação nos processos de concordância de número do português vernacular do Brasil não ocorre de forma aleatória, mas sistemática, regida por condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. Assim sendo, pensar na variação da concordância de número no SN é entender que o português do Brasil apresenta características peculiares que propiciam o desenvolvimento de pesquisa como esta, que contribui para o entendimento desse aspecto tão característico, tão geral e tão sistemático que envolve o português vernacular do Brasil: a variabilidade da concordância de número.

O próximo capítulo trata dos conceitos motivacionais, de base funcionalista e formalista, que podem ser aplicados na análise da variação da concordância de número no sintagma nominal.

2 ALGUNS CONCEITOS

Neste capítulo, discutiremos a respeito de alguns conceitos, formais e funcionais, utilizados na explicação do fenômeno da concordância nominal. No que diz respeito aos conceitos de natureza funcional, serão discutidos, a partir da releitura de Scherre (1988), a “Condição de Distintividade” (KIRPASKY, 1972) e o Princípio da Economia (HAIMAN, 1983), e serão apresentados alguns conceitos formulados por meio de pesquisas sociolinguísticas, a citar: o princípio da Saliência Fônica (NARO; LEMLE, 1976) e o princípio do Processamento Paralelo (SCHERRE, 1988). Com relação aos conceitos de base formal, discorreremos sobre o Minimalismo (CHOMSKY, 1995, 1999) e a Teoria dos 4 M (MYERS-SCOTTON; JAKE, 2000), que estão na base de algumas pesquisas em torno do assunto.

2.1 A BASE FUNCIONALISTA

O funcionalismo considera a linguagem como um fenômeno social, admitindo-se que os universais linguísticos derivam da universalidade dos usos a que a linguagem está sujeita nas sociedades humanas. Dessa forma, o “funcionalismo transparente”, assim denominado por Du Bois (1984), assume que, apesar de os fatos sintáticos serem aparentemente autônomos e independentes dos contextos sociais, são, de fato, resultantes dos objetivos funcionais dos falantes. Assim, coloca-se em pauta a linguística externa como uma força que também governa a sintaxe.

Para além de uma versão purista e individualizada em torno da linguística interna/linguística externa, Du Bois (1984) propõe uma visão conciliadora, que integra parcialmente esses dois enfoques. De acordo com o referido autor, “nenhuma teoria do discurso ou da gramática seria adequada [...] sem uma teoria explícita da competição e reconciliação sistemática de motivações externas e internas” (DU BOIS, 1984, p. 347).

Podemos observar claramente que o enfoque da variação de categorias linguísticas, como a marcação ou não marcação de pluralidade na aplicação da regra de concordância, é o princípio de que nesse processo, interagem motivações em competição. Nesse caso, é possível existir duas motivações que competem para o controle de um único paradigma linguístico, ou, em se tratando da concordância, de um morfema, podendo ser tanto ambas forças internas em competição entre si, quanto forças externas também em competição entre si ou mesmo pode ocorrer que uma das motivações seja interna enquanto a outra seja externa.

Alguns conceitos funcionalistas foram discutidos por Scherre (1988), em sua tese de doutoramento, servindo de base teórica para a sua análise em torno da variação da concordância nominal de número no português falado do Rio de Janeiro. Para a análise do seu fenômeno, a referida autora discutiu acerca de tais conceitos funcionalistas: *as Condições de Distintividade* (formulado por Kirpasky (1972)), *o da Iconicidade e o da Economia* (ambos formulados por Haiman (1983)), *o Princípio do Fluxo da Informação Preferido e o da Topicidade* (ambos formulados por Du Bois (1984)) e *o da Natureza Comunicativa Periférica da Oração VS ou o Princípio da Tensão Baixa* (formulado por Naro e Votre (1986)). A partir dos resultados obtidos na sua análise, Scherre (1988), concluiu que alguns desses conceitos funcionalistas justificavam os seus resultados.

Conforme já foi dito anteriormente, não reproduziremos em detalhe todos esses conceitos funcionais aqui por não ser este o nosso objetivo, mas traremos à tona alguns deles de modo explanatório, a fim de demonstrar como o fenômeno da variação da concordância de número no SN pode ser explicado à luz do funcionalismo. Em vista disso, os conceitos funcionalistas discutidos aqui se baseiam na “Condição de Distintividade” (KIRPASKY, 1972) e no Princípio da Economia (HAIMAN, 1983), além daqueles formulados por meio de pesquisas sociolinguísticas, a citar: o princípio da Saliência Fônica (NARO; LEMLE, 1976) e o princípio do Processamento Paralelo (SCHERRE, 1988).

2.1.1 A condição de distintividade

O primeiro conceito funcionalista aqui discutido diz respeito às “condições de distintividade”, apresentado por Kiparsky (1972). Denominado de “hipótese funcionalista” pela literatura variacionista, vários trabalhos⁵ vêm sendo realizados sob esse viés, ora buscando, ora apresentando evidências que a fortaleçam.

De acordo com esse conceito, “há uma tendência para a informação semanticamente relevante ser retida na estrutura superficial” (KIPARSKY, 1972, p. 195 *apud* SCHERRE, 1988, p. 65). Em outras palavras, é possível afirmar que um segmento que seja necessário à transmissão eficiente da mensagem, no ato comunicativo, tenderá a não desaparecer, mas ficará retido na estrutura.

Assim, ainda segundo as Condições de Distintividade, Kiparsky (1972, p. 175 *apud* SCHERRE, 1988, p. 42) afirma que a “retenção de informação funcional na estrutura superficial

⁵ Poplack (1980a, 1980b, 1981); Guy (1981a, 1981b); Scherre (1988); Paredes Silva (1993); Cameron (1993); Salomão (2010); Lemos (2014).

pareceria ser motivada por necessidade de percepção da fala", indicando, claramente, que quanto maior for a indispensabilidade da assimilação no contexto da interlocução, haverá maior retenção da informação na estrutura. Tal assertiva pode ser verificada na análise da variação da concordância de número nominal.

Conforme já discutido aqui, no que diz respeito à variação na aplicação das regras da concordância de número no SN (*cf.* Capítulo 1), podemos afirmar que este fenômeno, no PB, não é uma regra categórica, mas resulta na presença da forma binária: (i) marcação redundante do morfema plural (-s) em todos os elementos do SN, como em (4); (ii) marcação não-redundante em alguns elementos do SN, conforme pode ser observado em (5).

(4) O_s meus balões.

(5) O_s meuØ filhoØ.

Neste aspecto, a hipótese funcionalista de Kiparsky (1972) procura justificar se a existência de um elemento flexionável no SN, passível de receber a marca formal de plural (-s), pode desfavorecer a marcação nos demais itens do sintagma, por motivo de redundância.

De acordo com Scherre (1988), os trabalhos que perseguem esse princípio, envolvendo a análise do fenômeno em questão, têm apresentado resultados controversos quanto à sua aplicabilidade. Por isso, tornam-se necessárias outras discussões na observação desse princípio com o estudo do -S final de natureza morfêmica no português do Brasil.

2.1.2 O princípio da economia

Outro conceito de base funcionalista é o Princípio da Economia, formulado por Haiman (1983). Cabe salientar que tudo o que será aqui exposto em torno do Princípio da Economia também se baseia na releitura de Scherre (1988).

O princípio da Economia postula que quanto mais previsível for um pedaço de informação, menos codificação ele recebe. Inversamente, pode-se dizer, então, que quanto mais imprevisível, mais codificação ele requer.

Nesse sentido, o princípio funcional de economia representa uma pressão para a simplificação máxima da expressão, na qual marcas redundantes podem ser suprimidas. A partir desta perspectiva, tomando como exemplo o caráter variável da aplicação das regras de concordância de número no SN, como posto nos exemplos (4) e (5), percebemos que, no português do Brasil, é possível eliminar algumas marcas de concordância dentro do SN, respeitando o princípio da economia: preservam-se as marcas necessárias e eliminam-se as

redundantes, como em (5); ou, pelo contrário, preservam-se as marcas redundantes, como em (4).

Conforme o que já foi colocado, pode-se entender o princípio de economia sintagmática como uma tendência para a redução do comprimento ou da complexidade do enunciado, de maneira que as expressões mais frequentes no uso tendem a reduzir-se fonologicamente e a informação redundante ou recuperável no contexto comunicativo tende a ser suprimida. Logo, de acordo com a Motivação Econômica, há uma tendência para que algumas informações funcionais redundantes fiquem retidas na estrutura superficial e outra tendência para que algumas informações funcionais sejam suprimidas.

Este princípio proposto por Haiman (1983) em muito se assemelha às condições de distintividade formuladas por Kiparsky (1972). Entretanto, a diferença entre esses dois princípios corresponde ao fato deste último, embora funcional, estabelecer uma relação entre determinadas condições de natureza funcional e o arcabouço teórico da gramática gerativa. Dessa forma, enquanto para Kiparsky (1972, p. 195 *apud* SCHERRE, 1988, p. 41) há uma série de regularidades na fonologia e na morfologia que são baseadas em condições de natureza funcional e que para explicá-las é necessário "[...] adicionar à teoria condições substantivas que pertencem não à forma da gramática (isto é, ao sistema de regras que gera a língua), mas à sua saída (output)", Haiman (1983), ao formular o Princípio da Economia, assume claramente a natureza deste princípio como externa, ou seja, uma natureza não formal e não estritamente gramatical.

2.1.3 A saliência fônica

Resultante de pesquisas sociolinguísticas, o princípio da saliência fônica, também de natureza funcional, foi inicialmente desenvolvido por Naro e Lemle (1976, 1977), para explicar aspectos do funcionamento sincrônico de uma língua, em estudos sobre o português do Brasil, (*cf.* NARO; LEMLE, 1976; LEMLE; NARO, 1977). Apesar de os referidos autores terem focalizado o princípio da saliência fônica especialmente na concordância verbal, diversos autores o utilizaram para análises em concordância nominal, como Braga e Scherre (1976), Braga (1977), Scherre (1978, 1988, 1994, 1997), Ponte (1979), Carvalho Nina (1980), Guy (1981), entre outros.

Este princípio consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isso mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes. Dessa forma, ao estudarem a saliência fônica na concordância verbal, Lemle e Naro (1977) focalizaram a

ocorrência desse princípio na dimensão que envolve a quantidade de diferenciação material fônica na relação singular/plural. Em 1981, Naro retoma o estudo da concordância verbal, propondo que se estabeleçam duas dimensões no eixo da saliência fônica: a diferenciação material fônica e tonicidade.

Ao ser aplicado na análise da concordância nominal, este conceito postula que as palavras que possuem uma maior oposição fônica tendem a receber mais a marca⁶ de plural (-s) do que as palavras de plural regular. Vejamos:

(6) a. O balão/ Os balões.

b. Os balãoØ.

(7) a. O cipó / Os cipós.

b. Os cipóØ.

(8) a. O menino/ Os meninos.

b. Os meninoØ.

Podemos observar, com base nos exemplos acima, que a palavra *balão*, em (6), apresenta uma maior oposição fônica na relação singular/plural, sendo, portanto, mais propícia a receber a marcação de pluralidade (*balões*) do que em (8), em função da saliência. O mesmo se observa em (7), com relação à tonicidade. A palavra *cipó*, por ser uma palavra oxítônica, apesar de regular, possui maior tonicidade do que a palavra *menino*, sendo, por isso, mais saliente e, conseqüentemente, mais propícia a reter a marca de pluralidade (*cipós*). Decerto, a não concordância entre os elementos desses sintagmas, como em (6a) e em (7a), causaria muito mais estranheza fônica do que em sintagmas, como em (8a), cujo constituinte é uma palavra regular paroxítona, não tendo, por isso, uma sílaba tônica final.

Nesta perspectiva, Scherre (1988), ao estudar a saliência fônica aplicada à variação de número na concordância nominal, denomina essa oposição fônica na relação singular/plural de *processos*. Com isso, a autora estabeleceu uma escala fônica que vai da maior à menor diferença na relação singular/plural, a saber: em primeiro lugar, as palavras com plural duplo (Ex.: ovo/ ovos); em segundo lugar, aquelas com singular em *ão* (*balão/ balões*); em terceiro lugar ficam as palavras com singular em /R/ (*prazer/ prazeres*); na quarta posição encontram-se as palavras com singular em /S/ (*país/ países*); na quinta posição, as palavras com singular em /l/ (*casal/*

⁶ O termo *marca* refere-se à presença do morfema -s nos elementos flexionáveis do sintagma nominal.

casais); e, por último, na escala hierárquica do material fônico, encontram-se as palavras com o plural regular (coisa/ coisas).

Das palavras com plural regular, considerando uma só variável, advinda da junção de Processos e Tonicidade, ignorando a relação oxítono e paroxítono para os itens não regulares e mantendo-a, acrescida do fator proparoxítono, para os itens regulares, obtém maior saliência as palavras oxítonas e monossílabas tônicas, por apresentarem maior tonicidade na última sílaba.

Logo, de acordo com o princípio da *saliência fônica*, na oposição fônica da relação singular/plural, denominada por Scherre (1988) de *processos*, espera-se que as formas que apresentam maior diferenciação de material fônico na relação singular/plural tendam a ser mais marcadas do que as que apresentam menor diferenciação.

2.1.4 O processamento com o paralelismo

O Processamento com o Paralelismo é um princípio de natureza não gramatical, de motivação externa, formulado por Scherre (1988), em sua tese de doutoramento intitulada *Reanálise da concordância nominal*, que serve para explicar fenômenos diversos de línguas diversas. Nesta perspectiva, esse princípio vem sendo largamente utilizado na análise do fenômeno da concordância de número no SN no PB.

Tal princípio subjaz a tendência de formas semelhantes se agruparem, através de processos mentais associativos presentes no desempenho linguístico. Dessa forma, no que tange a concordância de número nominal, postula-se que, na relação entre os elementos dentro do SN e na relação entre os SNs no discurso, marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros.

Scherre (1988), em sua pesquisa, a fim de atestar este conceito, observou a sua aplicabilidade em três variáveis, a saber, as *Marcas Precedentes* e *Posição*, a nível atomístico, e a *Pluralidade do Contexto*⁷, a nível não atomístico. Os resultados de sua análise ratificaram o que postula este princípio, ou seja, marcas levaram a marcas e zeros a zeros.

Ao testar a aplicabilidade deste princípio, Scherre (1988) assegura que o Princípio do Processamento com Paralelismo explica a preferência pelas configurações sss⁸ ou s00⁹ e a

⁷ Nos trabalhos posteriores, essa denominação foi substituída por *Paralelismo Discursivo* (SCHERRE; NARO, 1991, 1993).

⁸ O símbolo -sss é utilizado aqui para se referir à marca formal de pluralidade em todas as posições.

⁹ O símbolo -s00 representa marca formal de pluralidade apenas na 1ª posição.

raridade das configurações s0s¹⁰ ou 00s¹¹. Nesta perspectiva, de acordo com esse princípio, no Português do Brasil, são aceitáveis sentenças como em (9) e em (10):

(9) As meninas bonitas.

(10) As meninaØ bonitaØ.

Assim, a nível do SN, uma segunda marca conduz a mais marcas do que a sua ausência. Em verdade, sendo a segunda posição do SN não marcada, a subsequente será quase que categoricamente não marcada. Em contrapartida, sentenças que obedecem à ordem s0s ou 00s, como em (11) e em (12), não são comuns na oralidade porque fogem à regra de associação dos processos mentais, no que diz respeito à tendência de formas semelhantes se agruparem.

(11) As meninaØ bonitas.

(12) AØ meninaØ bonitas.

Scherre (1988) ressalta a importância do Princípio do Processamento com Paralelismo, afirmando que ele não só é capaz de explicar a ocorrência de variáveis como Marcas precedentes e Posição, a nível atomístico, e a Pluralidade do contexto, a nível global, mas, também, porque ele se mostra eficaz para explicar o funcionamento de um expressivo conjunto de fenômenos do Português do Brasil, bem como o funcionamento de fenômenos de um número significativos de línguas naturais. Nesse sentido, a referida autora elucida que

[...] o Princípio do Processamento com Paralelismo é um candidato a universal, atuando sobre o comportamento lingüístico e, como tal, deve ser incorporado pela teoria lingüística. Até que ponto o funcionamento deste princípio é capaz de afetar a forma da língua no decorrer do tempo, é um estudo que está por se fazer. O fato é que a concordância com o mais próximo em situações normalmente não previstas já aparece em textos escritos, relidos e revisados. (SCHERRE, 1988, p. 520).

Conforme o que foi aqui discutido, percebemos que o Princípio do Processamento com Paralelismo serve para explicar a concordância de número no SN no PB. Neste sentido, até aqui vimos como o fenômeno da concordância nominal de número, no PB, pode ser explicado por meio de princípios de naturezas funcionalitas. No item seguinte, veremos como os conceitos de base formalista buscam justificar a motivação da ocorrência desse fenômeno.

¹⁰ O símbolo -s0s indica mistura de marcas precedentes (presença e ausência).

¹¹ O símbolo -00s se refere à ausência de marcas precedentes com marca formal na 3ª posição.

2.2 A BASE FORMALISTA

A base formalista, praticamente dominada pela Gerativa, ao contrário do funcionalismo, acredita que as únicas forças que organizam a linguagem são as internas ao sistema e nenhum tipo de motivação externa é capaz de atingir o sistema. Nesta perspectiva, o gerativismo, sendo uma corrente de cunho inatista, via a língua como um constituinte inato produzido na mente humana, preocupando-se apenas com a estrutura interna da língua e desconsiderando o contexto social.

Muitos trabalhos¹² realizados no âmbito da gerativa vêm sendo desenvolvidos em torno da análise da concordância nominal de número no PB. Neste item, trataremos de explicar dois conceitos de base formal, baseados, portanto, nos fatos internos ao sistema, utilizados no tratamento deste fenômeno, a saber: o *Minimalismo* (formulado por Chomsky (1995, 1999), sobretudo, observando o mecanismo de concordância concebido como operação do tipo *Agreement*, e a *Teoria dos 4M* (quatro tipos de morfemas) de Myers-Scotton e Jake (2000), que podem explicar o problema da aquisição do número gramatical em PB.

2.2.1 O Minimalismo

A perspectiva Minimalista (1995) formulado por Chomsky é uma das mais recentes versões da Teoria Linguística de base gerativa, no qual encontramos inovações no que diz respeito ao mecanismo de concordância. Antes, contudo, de discutirmos as questões implícitas à perspectiva minimalista, cumpre-nos entender os postulados desse modelo.

De uma forma geral, o modelo minimalista postula que as línguas humanas seriam formadas por um sistema computacional e por um léxico. Enquanto o sistema computacional é responsável por selecionar e integrar os elementos que geram expressões da língua, o léxico especifica-os, sendo o local onde estão representadas as propriedades particulares dos itens lexicais. Cada item lexical armazenado no léxico é composto por traços, de modo que os traços de concordância, por exemplo, (gênero, número, pessoa) são chamados de traços Ø.

Um determinado item lexical (como, por exemplo, um nome) é acrescido de uma especificação de traços Ø no momento em que é selecionado para a numeração¹³. Neste sentido,

¹² Lopes (2004); Costa e Silva (2006); Simioni (2007); Ferrari Neto (2003, 2008, 2009).

¹³ Entenda-se aqui *Numeração* como o conjunto dos itens lexicais selecionados do léxico para constituir a derivação de uma sentença.

no momento da numeração, alguns traços Ø, denominados de traços intrínsecos, são especificados pela entrada lexical (como os de gênero e o categorial) e outros, os denominados traços opcionais, pela operação que forma a numeração (como o traço de plural). Cumpre-nos observar que os traços intrínsecos são essenciais e, portanto, devem vir logo especificados; já os traços opcionais, como o próprio nome sugere, podem ou não ser acrescentados no momento da numeração, sendo, portanto, variáveis.

Além de serem intrínsecos ou opcionais, os traços podem ser ainda interpretáveis ou não interpretáveis. Sobre isso, Ferrari Neto (2009, p. 16) esclarece que

um traço é interpretável quando pode ser lido nos níveis de interface. É intrínseco quando o seu valor já está especificado na entrada lexical e é opcional quando o seu valor varia, sendo especificado quando selecionado para a numeração. A manifestação desta opcionalidade é morfológica tanto nos nomes quanto nos determinantes (presença ou não do morfema de número). No que toca à interpretabilidade, há uma grande discussão a respeito de onde o traço de número deve ser interpretável, ou nos nomes ou em outros itens.

De modo geral, a perspectiva minimalista postula que as categorias lexicais possuem traços [+interpretáveis] e, em contrapartida, as categorias funcionais possuem traços [-interpretáveis]. Por isso, Chomsky (1995) afirma que o traço de número é interpretável somente no nome e não-interpretável nos determinantes.

No que diz respeito à concordância, Chomsky (1995), no seu Programa Minimalista, postula que esta deve ser concebida como uma checagem de traços. Este modelo de checagem se dá entre os núcleos e seus especificadores, de maneira que, tanto o traço interpretável quanto o traço não-interpretável entram na Numeração com seu valor definido. A partir daí, a concordância emparelhará os elementos de mesma dimensão ou tipo de traço e de mesmo valor e checará e eliminará o traço não-interpretável, já que ele não poderia ser lido na interface semântica.

Cumple esclarecer, no entanto, que isso ocorre porque, no momento da checagem de um traço [-interpretável], um elemento de categoria funcional atrai o núcleo de uma categoria lexical. O núcleo se move, então, para a posição de especificador (Spec) da categoria funcional, checando seu(s) traço(s) [+interpretável] com o(s) traço(s) daquela categoria, que será(ão) apagado(s). Neste sentido, de acordo com a perspectiva minimalista, esse apagamento é estimulado pelo *Princípio da Interpretação Plena* ("Full Interpretation") que, sendo um exemplo de "economia" aplicada a representações, exigiria a eliminação de traços não-interpretáveis nos níveis de interface da língua.

No processo de emparelhamento, entre traços [-interpretáveis] de categorias funcionais e os traços [+interpretáveis], há um movimento sintático que acarretaria na checagem e

eliminação dos traços [-interpretáveis], no curso da derivação. Essa checagem da concordância com movimento de traços foi chamada por Chomsky (1999) de *Agreement*¹⁴.

De acordo com a operação *Agreement*, é principalmente no núcleo sintático do DP que se processa a manifestação da concordância de número em PB. Sobre isso, Magalhães (2003) levanta uma instigante questão acerca do *locus* onde o traço de número seria interpretável. Enquanto Chomsky (1995) assume que o traço de número é somente interpretável no nome (N), e que para outros itens esse traço é não-interpretável, Magalhães postula que o traço de número é não-interpretável em N e interpretável em D. Segundo a referida autora, tal visão poderia lançar alguma luz em manifestações não-padrão de concordância nominal em PB, como mostra o exemplo a seguir:

(13) Os meninoØ chegaram.

Conforme pode ser observado, o traço de número só se manifesta no argumento. Assim, no momento em que se perde a redundância da realização da flexão nos sintagmas, esta só se realiza no item na qual é interpretável.

Entretanto, conforme preconiza Ferrari Neto (2008), há contra-evidências a esta proposta, a partir de dados empíricos do inglês. Como se sabe, a realização padrão da concordância em inglês se difere do PB. Logo, em inglês, o morfema de número aparece somente em N, onde, segundo Chomsky, seria interpretável:

(14) TheØ Boys.¹⁵

Percebemos, então, a partir dos exemplos expostos, que a questão é o lugar da interpretabilidade do traço de número. Sobre isso, Ferrari Neto (2008, p. 35) afirma que

a proposta aqui assumida, entretanto, [...] é a de que o traço de número é interpretável na categoria funcional NumP. Tal proposta faz com que o traço de número passe a ser não-interpretável tanto em D quanto em N, sendo a interpretação semântica de um DP marcado para número garantida pela presença de NumP. O fato de o afixo flexional de número não aparecer em todos os elementos lexicais do DP (caracterizando desta forma variantes dialetais do PB) não se deve, por conseguinte, a fatores ligados ao local da interpretabilidade do traço de número, nem mesmo a esta interpretabilidade em si mesma – a concordância ocorre mesmo que seus reflexos morfofonológicos não se façam visíveis na interface fonética - mas sim devido a outros fatores [...].

¹⁴ Além da *Agreement*, haveria outra possibilidade de checagem. É o caso da checagem da relação entre Determinante e Nome, a qual ocorreria sem a necessidade de alçamento do nome para a posição de especificador. Chomsky (1999) denomina esta operação de checagem *Concord*. Magalhães (2003), no entanto, argumenta que não seria preciso postular outro mecanismo de concordância para dar conta da operação de valoração de traços no âmbito do DP, mas uma operação tipo *Agreement* ocorreria igualmente entre os elementos do DP.

¹⁵ Exemplo extraído de Ferrari-Neto (2008).

Logo, o referido afirma que a ocorrência da não redundância de número em todos os elementos lexicais do DP nada tem a ver com o local da interpretabilidade do traço do número, mas a outros fatores. Tais fatores dizem respeito à proposta baseada na caracterização do morfema de número feita por Embick e Noyer (2001) e discutida e aplicada ao PB por Costa e Figueiredo Silva (2006). Segundo essa proposta, o morfema de número é do tipo *singleton* em PB, ao passo que, no PE, o morfema de número é do tipo *dissociated*.

Um morfema é do tipo *dissociated* quando não figura na sintaxe propriamente dita, sendo inserido após *spell-out* pelo componente morfológico, indicando a estrutura sintática apenas indiretamente. Já um morfema é do tipo *singleton* quando se adjunge apenas ao elemento que receber a interpretação semântica concernente. De acordo com Costa e Silva (2006), a consideração desse aspecto explicaria as diferenças observadas nos padrões de concordância interna ao DP verificados quando do cotejo entre o PE e o PB, no tocante à concordância nominal.

Outro fator que poderia explicar a não-marcação de número plural em todos os elementos lexicais do DP, e, conseqüentemente, a variação observada nos padrões de concordância do PE e do PB seria a de que tal variação é devida ao enfraquecimento do paradigma morfológico da flexão nominal de número, em virtude do caráter foneticamente precário do morfema /-s/.

Assim sendo, com base no que foi exposto, percebemos que, dentro da teoria linguística gerativa, a aquisição da concordância de número no PB também pode ser concebida como uma operação do tipo *Agreement*. Tal operação, formulada pela perspectiva minimalista, dá conta de entender o processamento da concordância de número no âmbito do DP.

2.2.2 A Teoria dos 4M

A outra teoria, no arcabouço da gerativa, que também dá conta de explicar a concordância nominal de número e a aquisição desse fenômeno, diz respeito à teoria dos 4M, ou teoria dos 4 tipos de morfemas, formulada por Myers-Scotton e Jake (2000).

A teoria dos 4M postula que a ordem em que os morfemas são adquiridos numa língua está relacionada a uma tipologia. Por isso, Myers-Scotton e Jake (2000) estabelecem uma ordem de aquisição da linguagem aos diversos tipos de morfemas, encontrados na estrutura da língua.

De acordo com essa teoria, são 4 tipos de morfemas que podem ajudar a entender, ao nosso ver, a concordância nominal de número no Sintagma Nominal:

- 1) Os *content morphemes*, ou morfemas de conteúdo (os substantivos, os adjetivos, os verbos são exemplos de *content morphemes*); e os *system morphemes*, ou morfemas sistêmicos, podendo ser de três tipos:
- 2) Os *early system morphemes* (em inglês, *out* e *at*, em *to look out* e *to look at*);
- 3) Os *bridge system morphemes* (o morfema de plural *-s*, em *two tables*);
- 4) Os *outsider system morphemes* (o *-s* indicador de 3ª pessoa, em *he works*). (MYERS-SCOTTON; JAKE, 2000, p. 1054).

Em outras palavras, fazendo uma comparação com o que acontece no português, Lopes (2015, p. 68), postula que esses quatro morfemas são apresentados hierarquicamente da seguinte forma:

- a) De conteúdo: substantivos, adjetivos, advérbios;
- b) Gramaticais precoces: em inglês *at*, *de look at* (em inglês); os artigos, em português, que indicam a definitude: o menino, por exemplo, e são aprendidos conjuntamente com os morfemas de conteúdo;
- c) Gramaticais tardios pontes: preposições (amor de mãe), por exemplo, que relacionam elementos dentro do mesmo sintagma;
- d) Gramaticais tardios exteriores: *-mos*, em *estudávamos* (pois relaciona dois sintagmas diferentes, o nominal e o verbal, daí serem exteriores), dentre outros.

Deste modo, ao observarmos o que postula a teoria dos 4 tipos de morfemas, segundo Myers-Scotton e Jake (2000), percebemos que há uma hierarquia na ordem de aquisição dos morfemas numa língua. Em vista disto, afirma-se que os morfemas de conteúdo são os primeiros a serem adquiridos pelo falante e os últimos a serem alvo de variação. Os gramaticais precoces, como o próprio nome sugere, apesar de sistêmicos, são aprendidos conjuntamente com os morfemas de conteúdo. Os outros morfemas, por sua vez, os tardios pontes e os exteriores, têm apenas função estrutural, sistêmica: enquanto os primeiros estabelecem relação gramatical entre elementos no mesmo sintagma (por isso denominado de “tardio ponte”), os últimos relacionam elementos de sintagmas diferentes (o nominal e o verbal).

É interessante observarmos que essa proposta hierárquica de aquisição de morfemas de uma língua pode ser justificável tanto no que diz respeito à aprendizagem de primeira como de segunda língua. Sobre isto, Lopes (2001) afirma que, assim como a teoria dos 4M explica a aquisição desses elementos, pode servir também para entender o processo da variação dos mesmos. Assim, a autora defende que a variação da concordância nominal de número entre os elementos do SN, no português do Brasil, tem a ver com o tipo de aquisição que passaram negros e índios, podendo também ser respaldada na teoria dos 4M.

No que diz respeito ao PB, Andrade (2003, p. 78), ao discutir sobre a teoria dos 4M, infere que os *early system morphemes* seriam ativados concomitantemente aos *content morphemes* para atender necessidades funcionais imediatas. Assim, como bem coloca Lopes (2001), enquanto os *early system morphemes* correspondem à concentração de marcas de plural

no primeiro elemento do SN ou aqueles elementos anteriores imediatamente ao nome, no português popular do Brasil, os demais itens pluralizáveis do SN são considerados *bridge late system morphemes*, recebendo a marca apenas para cumprir a regra gramatical da concordância.

Diante disto, Lopes (2001, p. 98) considera que “a morfologia referente à concordância dentro do sintagma nominal, no português, estaria ora entre os *early system morphemes*, ora estaria se comportando como os *late system morphemes*”. Observemos o exemplo abaixo:

(15) As garotas chegaram.

Nesta perspectiva, de acordo com Lopes (2001), o morfema de plural em “as” deve ser considerado um *early system*, pois é logo inserido. Em contrapartida, “s” de “garotas” parece não ser gerado no mesmo momento, sendo, então, considerado um tipo de *late system*. Por esta razão, a referida autora julga que essa pode ser a explicação para o morfema de plural -s de “garotas” ser registrado com menos frequência em processos de variação, e ser fixado apenas mais tarde em processos de aquisição.

Assim sendo, tomando como base o postulado da teoria dos 4 morfemas, ao afirmar que os morfemas de plural não são todos ativados no mesmo nível, podemos presumir que isso pode ter implicações nessa língua. Logo, é aparentemente viável dizer que a teoria dos 4M poderia ser uma alternativa para a explicação do processo de aquisição e também da variação do morfema de plural -s na aplicação da regra de concordância no PB.

A partir das discussões feitas neste capítulo, vimos que alguns conceitos, tanto de natureza funcionalista como de natureza formalista, fornecem bases para explicar a concordância de número no SN. No próximo capítulo, elencaremos alguns trabalhos antecedentes realizados em torno dessa temática.

3 ESTUDOS ANTECEDENTES

Este capítulo objetiva elencar algumas pesquisas que abraçaram, no seu escopo de estudo, a variação de número no SN no PB. Deste modo, serão mencionados alguns trabalhos que, ao adotarem o modelo teórico metodológico da Sociolinguística Quantitativa¹⁶, tanto em *corpus* da linguagem oral, como na linguagem escrita, revelaram quais fatores linguísticos e sociais podem condicionar a variação do fenômeno aqui em análise. Além disso, elencaremos algumas pesquisas antecedentes que tratam da aquisição do número gramatical por crianças falantes do PB.

3.1 A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SN EM *CORPORA* DA LINGUAGEM ORAL

De acordo com Scherre (1994), as análises que envolvem a variação da concordância de número no SN tiveram início com o estudo desenvolvido por Jeroslow, em 1974, o qual abarcou uma pesquisa na área rural cearense e fez uma descrição estruturalista dos diversos subsistemas linguísticos do falar dessa área. Dentre os diversos aspectos descritos, registrou-se a concordância de número verbal e nominal. Entretanto, esses estudos ainda não tinham o aporte teórico metodológico laboviano.

Diante desse fato, os estudos realizados por Braga e Scherre, em 1976 foram considerados os pioneiros, já que, ao utilizar o modelo teórico metodológico da Sociolinguística Quantitativa laboviana, analisaram dados de sete falantes do Rio de Janeiro, de classe social e procedência geográfica distinta. Doravante, muitos trabalhos foram sendo realizados em torno da variação de número na aplicação das regras de concordância, dentre os quais podemos citar: Braga (1977), que retomou o tema e desenvolveu sua dissertação com dados de sete falantes da classe média e baixa, residentes do Triângulo Mineiro, com três níveis de escolaridade; Lemle e Naro (1977) que, utilizando os princípios labovianos da teoria da variação, iniciaram a pesquisa sobre a concordância verbo/sujeito, com dados de 20 falantes semi-escolarizados da zona urbana Rio de Janeiro; Scherre (1978) que, também retomando a temática, analisou, em

¹⁶ A Sociolinguística Quantitativa é um modelo de análise linguística que, por operar com número e tratamento estatístico dos dados coletados, recebe este nome. Este modelo de análise sociolinguística é também chamado de “teoria da variação linguística”. Formulado pelo americano William Labov, este modelo teórico-metodológico tem por princípio a existência de uma ciência da linguagem social, que assume a coexistência de variantes no meio social e que procura analisar a probabilidade do uso dessas variantes. Deste modo, esse modelo surgiu como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo.

sua dissertação de mestrado, inquéritos fônicos de dez falantes da zona urbana Rio de Janeiro, com diferentes níveis de escolaridade; entre outros.

Esses e outros estudos, posteriormente desenvolvidos, evidenciaram que

[...] o fenômeno da variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda a comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que de princípio, ou seja, as diferenças são mais relativas à quantidade de marcas de plural e não aos contextos lingüísticos nos quais a variação ocorre. (SCHERRE, 1993, p. 38).

De modo geral, é comumente aceito que a variação da concordância de número no PB é sistematicamente regida por restrições linguísticas (como saliência fônica, a influência da posição do constituinte, classe gramatical, entre outros) e não-linguísticas (como o grau de escolaridade, a faixa etária e o gênero/sexo). Na tentativa de descobrir quais são os principais fatores que influenciam na marcação ou não do plural dentro do SN, vislumbra-se, aqui, alguns trabalhos sobre o tema em questão em *corpora* constituídos por inquéritos oriundos da linguagem oral, dentre os quais se destacam o de Scherre (1988), Lopes (2001) e Baxter (2009), e da linguagem escrita, como o de Costa (2008) e Oliveira, Souza e Coelho (2009).

3.1.1 Marta Scherre (1988)

Mesmo contando com estudos anteriores, foi a pesquisa desenvolvida por Scherre (1988), apresentada como tese de doutorado e intitulada *Reanálise da concordância nominal em português*, que se tornou obra-referência no assunto. Ao elencar os mecanismos que regem o fenômeno da variação de número do sintagma nominal no português falado do Rio de Janeiro, seu estudo se tornou, inquestionavelmente, um parâmetro para os trabalhos posteriores que se ocupavam em analisar a mesma temática.

Scherre (1988) fundamentou sua pesquisa com base na análise de 64 inquéritos da fala de 64 falantes radicados no município do Rio de Janeiro. Estas 64 horas estão na forma de entrevistas, transcritas e armazenadas eletronicamente, constituindo-se um “banco de dados”. As entrevistas feitas com os 64 falantes ocorreram em dois momentos distintos: em 1982-1984, gravaram-se 48 entrevistas com 48 falantes de 15 a 71 anos, através de um projeto de pesquisa financiado pela FINEP¹⁷ e, em 1983-1985, gravaram-se 16 entrevistas com 16 falantes de sete a 14 anos, através de outro projeto de pesquisa financiado pelo INEP¹⁸.

¹⁷ Empresa Financiadora de Estudos e Projetos.

¹⁸ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Na elaboração dos grupos de fatores sociais, a autora o fez com base num modelo canônico da Sociolinguística que reparte as variáveis sociais em três categorias clássicas: anos de escolarização, sexo e faixa etária.

Encontram-se no escopo dessa análise todo e qualquer SN que tenha pelo menos uma marca formal ou semântica de plural. Dessa forma, foram incluídos casos como: “muitas_s mulheres casadas_s”; “muitas_s mulheres casadaØ” ou “muitas_s mulher casadaØ”. Incluiu-se igualmente casos do tipo “uma porção de coisas_s”; “uma porção de coisas_s interessantes_s”, “uma porção de coisaØ interessante” ou “uma porção de coisaØ”. Estes dois últimos casos são considerados pela tradição gramatical também como desvios da norma, embora não se encontrem claramente referenciados em quaisquer partes das gramáticas, relativas à concordância nominal.

Foram analisados, portanto, os SNs nas seguintes situações¹⁹:

(i) Com todas as marcas formais de plural

(16) Todos_s os_s dias_s.

(ii) Com algumas marcas

(17) Essas_s estradas_s novaØ.

(iii) Com apenas uma marca

(18) Aqueles_s médicoØ todinho.

(iv) Sem nenhuma marca formal explícita²⁰

(19) Vinte anoØ.

(20) Um montão de coisaØ.

Após o levantamento de todos os dados relevantes, obteve-se um total de 7193 sintagmas nominais nas 64 horas de fala analisada. Destes 7193, 6027 foram produzidos pelos falantes adultos e 1166 pelas crianças.

Dentre os objetivos elencados pela referida autora, está o de apresentar a descrição e explicação de um conjunto de variáveis linguísticas e não linguísticas que regem a sistematicidade da variação da concordância de número entre os elementos do SN, a fim de prever em que estruturas linguísticas os falantes são propensos a colocar ou não todas as marcas

¹⁹ Os exemplos das construções foram extraídos de Scherre (1988).

²⁰ Quando ocorre um SN contendo um numeral como primeiro elemento seguido de outros elementos não marcados ou quando o SN encontra-se encaixado num SN mais alto semanticamente plural sem marca formal explícita.

formais de plural. Nesse sentido, no que diz respeito aos grupos de fatores linguísticos, a autora adotou uma abordagem tanto atomística ou mórfica como sintagmática ou não-mórfica. A primeira considera cada elemento do SN como um dado de análise, já a segunda considera o SN inteiro como unidade de análise.

As conclusões de Scherre (1988, p. 277-278) sobre os fatores que condicionam ou não a variação da concordância no SN na perspectiva mórfica apontam que as seguintes variáveis exercem influência: saliência fônica com as suas dimensões Processos e Tonicidade, relação entre os elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares, marcas precedentes em função da posição, contexto fonético-fonológico seguinte, função resumitiva do SN, formalidade dos substantivos e adjetivos, grau dos substantivos e adjetivos e animacidade dos substantivos. Dessa forma, partindo para as análises dessas variáveis, a autora concluiu que a concordância ocorre com maior probabilidade nas seguintes situações:

1. Quando há mais saliência fônica na oposição singular/plural;
2. Quando os itens nucleares ocupam as primeiras e as terceiras posições do SN;
3. Quando os itens não-nucleares estão antepostos ao núcleo do SN;
4. Quando os itens não são precedidos por qualquer elemento ou quando são precedidos por elementos marcados;
5. Quando o contexto seguinte é consonantal, com os traços [+surdo], [+velar] ou [-nasal] ou quando é uma pausa;
6. Quando o SN não é de função resumitiva;
7. Quando os itens lexicais são formais e são de grau normal e humanos.

Os contextos que desfavorecem a concordância, de acordo com a pesquisa de Scherre (1988), são contrários aos descritos acima. Assim, basta inverter essas situações para que se conheçam os contextos inibidores da marcação de plural. Para Scherre (1988, p. 131) a análise em torno da variação de número do sintagma nominal avança no sentido de “invocar uma força de motivação externa (*cf.* DUBOIS, 1984, p. 353) para explicar, não a estrutura da língua, mas o funcionamento das estruturas no seu uso efetivo”.

Com relação à análise sintagmática, ao lado do estudo das diversas variáveis levantadas como hipóteses de explicação da variável Configuração sintagmática do SN, Scherre (1988) estudou também a Pluralidade do contexto e os Processos morfofonológicos de formação do plural. Seus resultados apontaram que estas duas variáveis exercem influência sobre a concordância também numa perspectiva não atomística, e que a variável Pluralidade é a mais forte das três em questão, seguida da Configuração Sintagmática.

Com relação à variável Pluralidade de contexto, a referida autora afirmou que, pelos resultados apresentados, pode-se verificar que todos os agrupamentos de falantes, independentemente do seu grau de escolarização, apresentam SNs mais marcados nos ambientes de [+pluralidade] do que nos de [-pluralidade]. Desse modo, concluiu-se, então, que esta variável não constitui um artefato de junção de falantes de comportamento distinto. Sua influência é absolutamente sistemática.

As variáveis Formalidade do SN, Pluralidade do SN e Localização do SN, possuem resultados consistentes, tendo as suas próprias explicações. No que diz respeito à formalidade do SN, Scherre (1988) afirma que a sua atuação se explica pelo fato de a Formalidade léxica ser índice do grau de formalidade da situação da conversa: quanto mais informais os itens léxicos mais informalidade discursiva e quanto mais informalidade discursiva menor o número de marcas formais de plural no SN.

Já com relação à pluralidade do SN, a autora elucida que tem a sua explicação em termos da relação semântica entre as formas singulares e plurais, no sentido de as formas plurais serem ou não diferentes das singulares em algo mais do que a simples relação mais de um, de maneira que é possível, também, que haja formas plurais que estejam caminhando para uma cristalização e que, portanto, são dadas "prontas", já na forma "plural".

Em se tratando da localização do SN, por sua vez, a referida autora conclui que os SNs à esquerda favorecem o índice de SNs com todas as marcas e os demais os desfavorecem, tendo a sua explicação em termos discursivos. A posição à esquerda é a posição tópica ou de centralidade, a de maior evidência e, por isto, sempre mais marcada. Desse modo, devido à questão da posição à esquerda ser sempre a mais favorecida, o Status informacional do SN nem foi considerado como estatisticamente relevante.

Com relação à configuração sintagmática, ficou demonstrada a força do artigo definido, junto ou não ao quantificador “todo” anteposto ao núcleo do SN, favorecendo o índice de marcas de plural. Nesse contexto, cumpre observar os resultados de Scherre (1988), quando destaca o fato de que traço [+definido], aqui especificamente o do artigo definido, é discursivamente marcado e, como tal, favorece a presença de marcas plurais.

Ainda no que diz respeito à configuração sintagmática, foi demonstrado que a influência favorecedora do substantivo e a desfavorecedora do não substantivo no final do SN pode ser explicada pela existência da "coesão sintagmática" associada ao Princípio da Iconicidade. Ao fim da sua análise não atomística, Scherre (1988), ao observar a atuação da variável configuração sintagmática na aplicação das regras de concordância, afirma que o estudo da Configuração sintagmática do SN não tem importância apenas com referência à concordância

de número entre os elementos nominais, mas pode trazer mais esclarecimentos sobre a própria forma da língua se estruturar através de funções discursivas diversas ou sobre como ela usa as diversas possibilidades estruturais para funções discursivas diferentes.

Sem dúvidas, o estudo desenvolvido por Scherre (1988), tanto numa perspectiva mórfica como sintagmática mostrou-se muito pertinente. Por oferecer uma análise detalhada e completa, demonstrando quais contextos linguísticos são mais propensos à realização das marcas de pluralidade, este estudo vem servindo de referência para trabalhos posteriores.

3.1.2 Norma Lopes (2001)

Outro estudo extremamente importante sobre a variação da concordância nominal é o trabalho de Lopes (2001) apresentado também como tese de doutorado, cujo título é *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Lopes (2001, p. 32) introduz o seu trabalho fazendo a seguinte afirmação sobre o tema em questão:

[...] A não realização da concordância prevista, sem dúvida, é traço dos mais estigmatizados, sendo considerado como indicador de falta de escolarização ou de desprestígio social. Dessa forma, é comum pressupor que os falantes de nível universitário façam a concordância em qualquer situação ou contexto. Sem acreditar muito que a escolaridade seja o único fator responsável por essa variação, esse trabalho se iniciou.

Por acreditar, assim, que a escolaridade não fosse o único fator responsável por desencadear o favorecimento ou não da concordância, Lopes (2001) analisou também a ocorrência desse fenômeno com base num grupo de fatores sociais composto por, além de três graus de escolarização, quatro diferentes faixas etárias, dois gêneros e dois diferentes grupos de etnia, identificando os fatores linguísticos e sociais que mais condicionam a sua variação.

A autora investigou a variação da concordância de número no sintagma nominal na cidade de Salvador, a partir das amostras de fala de indivíduos cultos em dois intervalos de tempo, comparando os resultados relativos à escolaridade superior da década de 90 (NURC/SSA/90) com o mesmo fenômeno estudado na realização culta da década de 70 (NURC/SSA/70). Entretanto, além das amostras de fala de indivíduos cultos, Lopes (2001) acrescentou amostras de falas de indivíduos circunscritos no âmbito do português popular retiradas do banco de dados do Programa de Estudo do Português Popular de Salvador – PEPP.

Com base numa análise apenas atomística (ou mórfica), Lopes (2001, p. 372-374) concluiu que a variação da concordância no sintagma nominal relaciona-se principalmente a quatro grupos de fatores linguísticos ou estruturais: a saliência fônica, o contexto antecedente,

a classe, associada à posição linear e relativa, e o contexto subsequente ao elemento do sintagma.

Nesse sentido, as suas conclusões comprovaram que:

- a) Com relação à *saliência fônica*: as oposições mais salientes contribuem para mais concordância, deixando de ser marcados com o plural (na perda) primeiramente os menos salientes, como os que fazem o plural apenas com a inserção do -s/ (o plural regular);
- b) No que concerne à presença de determinados *contextos antecedentes* a elementos do SN: Lopes (2001) concluiu que na segunda posição é mais provável haver marca de concordância quando não há marca em itens de primeira posição, ou quando há numerais, do que quando há itens já marcados;
- c) Quanto à *classe, posição linear e posição relativa*: existe uma propensão a serem mais alvo de marcação de plural os elementos em adjacência ao núcleo à esquerda dele, bem como os elementos não adjacentes, mas que se encontram também à esquerda do núcleo, além dos elementos nucleares em primeira posição. Assim, em posição de grande desfavorecimento estão os elementos à direita do núcleo e os elementos nucleares em segunda, terceira ou quarta posição;
- d) Por fim, no que se refere ao *contexto subsequente ao elemento do sintagma*, os elementos do sintagma que têm um contexto posterior de final de enunciação têm mais probabilidade de serem marcados com o plural do que quando são seguidos por consoante, vogal ou uma pausa interna.

Além de observar a atuação da variável faixa etária e escolarização, um grande diferencial no trabalho desenvolvido por Lopes (2001) é o fato de ter considerado a variável etnia, representada pela origem dos sobrenomes. Os resultados atrelados a essa variável foram muito consistentes.

Ficou demonstrado que, apesar de ser um fator importante para o estudo da variação da concordância no SN, a escolaridade não foi a única variável social que interferiu neste fenômeno. Assim, ao analisar falantes do mesmo nível de escolaridade, como os do nível primário, foram encontradas tendências diferentes entre grupos de sobrenomes e faixas etárias diferentes.

De modo geral, independente da escolaridade, a variável etnia mostra que o grupo de sobrenome religioso, de ancestralidade negra, faz menos concordância que o grupo de sobrenome não religioso. Entretanto, ao cruzar os dados referentes à faixa etária com a etnia,

no grupo de sobrenome religioso, revelou-se um aumento de concordância nas faixas etárias mais novas, numa tendência que sugere aquisição da regra. Como o grupo de sobrenome religioso é considerado de ancestralidade negra, é perfeitamente compreensível o fato de esse grupo estar adquirindo a concordância, principalmente a partir do momento em que o processo de escolarização, os meios de comunicação e o próprio contato com outros grupos iniciaram a ampliação da linguagem dessa população em direção ao padrão de uso em Salvador, fazendo com que a regra de concordância passasse a ser, pouco a pouco, assumida.

Com base no que foi exposto, notamos que este trabalho traz uma grande contribuição aos estudos em torno da variação da concordância entre os elementos flexionáveis do SN, oferecendo uma profícua discussão dos fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar envolvidos na ocorrência deste fenômeno.

3.1.3 Alan Baxter (2009)

Baxter (2009) apresenta uma análise em torno do perfil da variável plural (doravante PL) em duas comunidades afrodescendentes, a saber: uma brasileira, a comunidade de Helvécia (Bahia), e uma africana, a comunidade dos tongas, da roça Monte Café, na República de São Tomé e Príncipe. A primeira é uma comunidade rural afro-brasileira isolada, ao passo que a segunda é uma comunidade de fala formada por descendentes de trabalhadores braçais africanos que foram levados para as empresas agroexportadoras de café e cacau de São Tomé, entre os finais do século XIX e o início do século XX.

Nesse trabalho, desenvolveu-se um estudo contrastivo entre esses dois dialetos, motivado pelos seguintes fatos linguísticos e sociolinguísticos compartilhados:

- (i) A ocorrência da variação na concordância de número nessas duas comunidades:
 - (21) a. As pessoaØ de lá é muito bom. [Helvécia-M3 *apud* BAXTER, 2009]
 - b. Bota duas culeres n'agua morna. [Helvécia-M2 *apud* BAXTER, 2009]
 - (22) a. Os ôtros disse. [Monte Café- H3 *apud* BAXTER, 2009]
 - b. Issosz coesaØ tudo [Monte Café- H3 *apud* BAXTER, 2009]
- (ii) Essas variedades do português surgiram em microssociedades de trabalho “controladas”: no caso de Helvécia, trabalho escravo, na comunidade de Monte Café, trabalho contratado;
- (iii) Surgiram em contexto demográfico com grandes números de africanos e afrodescendentes (BAXTER; LUCCHESI, 1999; BAXTER, 2002, 2009);
- (iv) Os seus antepassados adquiriram o português pelo contato, como L2;

- (v) Nas duas comunidades houve presença de línguas africanas do grupo Kwa e banto.

Em seu estudo, Baxter (2009), apresentou os resultados da variável linguística *posição linear do item PL em relação ao núcleo e função*, que foi a primeira variável independente selecionada pelo programa VARBRUL²¹, e, em seguida, conjugou essa discussão com o comentário da variável *marcas precedentes*, considerada por Scherre (1989, 1998) como essencial para a caracterização da variável PL. Com relação às variáveis sociais, Baxter (2009) observou a *faixa etária, gênero e estada fora da comunidade*.

A variável *posição linear do item PL em relação ao núcleo* foi configurada seguindo as linhas gerais do modelo de Scherre (1988, 1998), entretanto Baxter (2009), assim como Lopes (2001), distinguiu as posições pré-nucleares em termos de adjacência ao núcleo. Para os dois dialetos, Helvécia e Monte Café, foram feitas análises independentes de cada faixa etária e uma análise global de todas as faixas em conjunto. Para tanto, os dados foram processados pelo programa GOLDBARB X²² (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que forneceu os resultados percentuais e os pesos relativos. Os resultados apontaram que essa variável estrutural foi a mais relevante para o condicionamento do uso do PL.

Com relação à variável *posição linear do item PL em relação ao núcleo* ficou demonstrado que:

- a) Há diversos paralelos nos papéis da estrutura pré-nuclear, nuclear e pós-nuclear na marcação de PL, e ainda no desenvolvimento do sistema de marcação do PL de faixa para faixa nos dois dialetos. Assim, ficou demonstrado que, em todas as faixas etárias, há um declínio no grau de marcação da esquerda para direita do SN, de modo que há muito mais marcação nas posições pré-nucleares do que no núcleo ou nas posições pós-nucleares. Neste contexto, a posição pré-nuclear adjacente ao núcleo desempenha um papel central, principalmente na faixa 4 de Helvécia e nas faixas 3 e 4 dos tongas que apontam para um sistema cujo mecanismo predominante de marcação de PL está radicado na estrutura funcional (artigo, demonstrativo, possessivo, quantificador);

²¹ O Variable Rule Analysis (VARBRUL) é um tipo de análise multivariada amplamente empregada em estudos de variação linguística. Este programa busca separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores (sociais ou linguísticos) em uma variável linguística.

²² O GOLDBARB é um programa computacional que corresponde a uma versão atualizada do VARBRUL. Esta atualização do programa permite sua utilização em sistemas operacionais diversos, como o Macintosh, Windows e Linux, operando de forma semelhante em todos os sistemas. Proporcionando uma pesquisa de referência cruzada, seus resultados são apresentados com uma casa decimal (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o que tem favorecido resultados mais precisos. Assim, os resultados obtidos através do Goldvarb são evidências que vão auxiliar ao pesquisador confirmar ou não sua hipótese inicial na análise.

- b) O núcleo em 2ª e 3ª posição é bastante desfavorável à marcação de PL nos dois dialetos, em todas as faixas etárias. Enquanto no dialeto dos tongas, na faixa 4, não houve ocorrência de PL nos núcleos em 2ª posição, nos dados de Helvécia, nessa mesma faixa, a ausência dessa ocorrência também foi quase categórica, já que apenas 3 de 158 constituintes nucleares em segunda posição receberam a marcação de PL. Esse desfavorecimento persistiu nas faixas etárias sucessivas;
- c) Os itens pós-nucleares desfavorecem muito a marcação de PL nos dois dialetos;
- d) As regras de atribuição de PL são diferentes nas sucessivas faixas etárias. Nas faixas mais avançadas, a marcação de PL é estabelecida primeiro no pré-núcleo, ao passo que nas faixas intermediárias e jovens, a marcação de PL favorecida na posição adjacente se estende para a esquerda dessa posição.

Com relação à variável *marcas precedentes* nesse *corpus*, ficou demonstrado que:

- a) A presença de marca formal na primeira posição não favorece a marcação do segundo item;
- b) A marcação do item em terceira posição é desfavorecida, tanto pela presença de uma mistura de marcas com marca formal precedente, como pela presença da mistura de marcas com zero formal precedente;
- c) O PL, em segunda posição, é favorecido pela ausência da marca formal na 1ª posição nos dois dialetos. Além disso, nessas duas comunidades de fala, nota-se a inibição da marca de PL em itens de 3ª posição pela mistura de marcas com zero precedente;
- d) O dialeto dos tongas apresenta três diferenças notáveis: a marca precedente em 1ª posição é favorável à marcação; o numeral em 1ª posição a desfavorece; a marcação do item em 3ª posição é favorecida pela presença de uma mistura de marcas com marca formal precedente;
- e) De modo geral, o que se depreende dos resultados desta variável é que o princípio de *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros* não é relevante para o dialeto de Helvécia. No dialeto dos tongas, o princípio se revela contraditório.

Com relação às variáveis sociais, a *faixa etária* foi a primeira variável social selecionada. De acordo com os resultados, o perfil dessa variável sugere que a flexão de PL está em processo de mudança aquisicional nas duas comunidades. No que diz respeito à variável gênero, ficou demonstrado, nas duas comunidades, que os homens favorecem, ainda que modestamente, tanto o uso da regra sintática da concordância como da morfologia flexional de número, ao passo que as mulheres desfavorecem as duas variáveis. Em se tratando da variável

estada fora da comunidade, nas duas comunidades, o resultado foi semelhante à variável gênero, já que, ao passarem mais tempo fora da comunidade a trabalho, os homens têm um maior grau de integração social, o que implica um maior contato com padrões linguísticos adventícios. Por esta razão, o contato e o convívio fora da comunidade se fazem relevantes no processo de aproximação do dialeto aos padrões de maior prestígio social.

Este estudo contrastivo entre uma comunidade afro-brasileira isolada e uma comunidade de fala formada por descendentes de africanos reveste-se numa grande contribuição para os estudos em torno da observação em torno do perfil da variável PL nos SNs. Neste estudo, ficou demonstrado que, diferentemente das propostas recentes sobre o comportamento do PL na configuração estrutural do PB urbano, as variedades de português faladas por afrodescendentes em contextos rurais apresentam especificidades, em virtude de suas características históricas.

3.2 A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SN EM *CORPORA* DA LINGUAGEM ESCRITA

Diferentemente dos vastos estudos sobre a concordância de número no SN em *corpora* da linguagem oral, a apreensão do fenômeno na linguagem escrita não dispõe de muitos trabalhos antecedentes. Dentre os poucos trabalhos encontrados em *corpora* da linguagem escrita, foi encontrado um pequeno texto escrito por Maria Tereza Borges da Costa (2008) a respeito da variação de número na aplicação das regras de concordância no SN na escrita de alunos do município baiano de Ribeira do Pombal, e o estudo desenvolvido por Oliveira, Souza e Coelho (2009) sobre esse aspecto, nas atas escritas por africanos na Salvador oitocentista. Neste item discutiremos sobre esses trabalhos.

3.2.1 Maria Tereza da Costa (2008)

A fim de entender como se dava a ocorrência da variação da concordância de número no SN na escrita dos alunos do ensino fundamental e médio, Costa (2008) desenvolveu uma análise deste fenômeno na escrita dos estudantes residentes no município de Ribeira do Pombal, Bahia. Para tanto, o *corpus* da sua pesquisa foi composto por 40 produções escritas, nas quais 20 foram produzidas por alunos da 8ª série (atual 9º ano) do ensino fundamental da rede privada e 20 por alunos do 3ª ano do ensino médio da escola pública.

De acordo com Costa (2008, p. 568), a escolha para a constituição do *corpus* não foi aleatória, mas tendenciosa, já que se justifica “pelo fato de se tratar de séries finais de ciclos

escolares, tendo, portanto, os alunos que participaram de cada um dos ciclos um contato mais íntimo com a Gramática Normativa”. Nesta perspectiva, como o fenômeno da concordância de número no SN é um fenômeno que está relacionado à escolarização, é de se esperar que quanto maior for o nível de escolarização, maior será a realização da concordância.

Duas variáveis linguísticas foram selecionadas para a análise dos resultados: a *saliência fônica* e a *posição*. Com relação às variáveis sociais, compõem o cenário os *anos de escolarização*, a variável *sexo* e *faixa etária*. Somaram-se um total de 180 ocorrências dentro do SNs, os quais 86 são pertencentes às amostras do 3º anos da rede pública, e 94 correspondem às amostras da 8ª série da rede privada.

Seus resultados apontaram para as seguintes conclusões:

- a) Com relação à *saliência fônica*, a autora observou que, assim como outrora verificou Naro e Scherre (1996), quanto maior o grau de *saliência fônica*, as marcas de plural são favorecidas; de modo contrário, quanto menos saliente for o item, menor a presença dessas marcas;
- b) Com relação à variável *posição*, Costa (2008) constatou que os elementos pré-nucleares, ou seja, à esquerda do núcleo, tendem a um favorecimento maior às marcas explícitas de pluralidade; em contrapartida, os elementos situados à direita tendem a desfavorecer as marcas de pluralidade. No que diz respeito à posição nuclear, ficou demonstrado que o favorecimento de marcas explícitas dar-se-á de acordo à linearidade, ou seja, estando linearmente mais à esquerda na construção sintagmática observa-se mais marcas explícitas, ao passo que, do contrário, há um desfavorecimento. De modo geral, a autora observou que, mesmo em outras posições, quanto mais à esquerda o elemento tiver, maior o aparecimento de marcas explícitas.

Diante de tudo o que foi discutido, o que também ficou demonstrado nesse trabalho de Costa (2008) é que, mesmo esse fenômeno sendo analisado em *corpus* escrito, encontramos pontos em comum, no que diz respeito aos condicionamentos, com trabalhos de língua falada. Este fato demonstra que, mesmo a escrita sendo uma modalidade mais monitorada, quanto às regras gramaticais, a língua oral e a língua escrita não são tão diferentes quando o assunto em voga são os fatores que favorecem ou não a aplicação das regras de concordância.

O trabalho de Costa (2008) contribuiu para os estudos em torno da variação da concordância de número dentro do SN, já que buscou analisar esse fenômeno em *corpus* da

linguagem escrita, como as produções escolares. Como se sabe, quando se trata da apreensão desse fenômeno na linguagem escrita, os resultados são poucos, para não dizer raros.

A partir dessas discussões, percebemos a importância da crescente continuação da análise desse fenômeno em produções escritas. É nesta perspectiva que se encontra o trabalho desenvolvido por Oliveira, Souza e Coelho (2009), discutido a seguir, e a presente pesquisa.

3.2.2 Oliveira, Souza e Coelho (2009)

O trabalho desenvolvido por Oliveira, Souza e Coelho (2009) também deu a sua contribuição para os estudos em torno da variação de número na aplicação das regras de concordância no SN, uma vez que propiciou uma análise do fenômeno em questão em numa sincronia passada, através de um *corpus* oriundo da linguagem escrita.

Os autores supracitados investigaram a variação da concordância de número dentro do SN, tendo como alicerce documentos escritos na Salvador oitocentista. Tratam-se de atas escritas por africanos e negros brasileiros forros da Sociedade Protetora dos Desvalidos (irmandade negra originada em 1832). Com efeito, vale destacar que a importância da análise realizada pelos referidos autores se deve muito mais à apreensão do fenômeno linguístico num *corpus* especial e raro, como são as atas dos africanos, do que a análise em si, já que, além de terem sido poucos os dados encontrados, eles se apresentaram enviesados em certas circunstâncias.

Os autores retiraram dessas atas dos africanos 559 constituintes passíveis de receber a concordância de número no SN, pautando a sua análise numa perspectiva atomística. Para a análise dos resultados, Oliveira, Souza e Coelho (2009) não utilizaram o programa VARBRUL, haja vista terem sido poucos os dados, mas buscaram caminhar por uma trilha descritivo-interpretativista. Dos 559 constituintes analisados pelos autores, 422 (75%) obtiveram a marcação de plural, enquanto apenas 137 (25%) não receberam a marca em virtude do *corpus* ser composto por textos escritos e bastante formais, como são as atas.

Como variáveis linguísticas, Oliveira, Souza e Coelho (2009) selecionaram a *saliência fônica*, analisando-a com base na *oposição de material fônico singular x plural*, *tonicidade* e *número de sílabas*, seguida por *marcas precedentes*, *posição linear do constituinte* e *posição do constituinte em relação ao núcleo*. No que diz respeito às variáveis sociais, os referidos autores destacaram o *redator da ata* e *presença/ausência do constituinte em fórmulas*.

Diante disso, as conclusões desse trabalho apontaram que, com relação à *saliência fônica*, na *oposição de material fônico singular x plural* seis fatores imperam mais os índices

de concordância, a saber: o plural metafônico, palavras terminadas em /l/, em -ão irregular, em -ão regular, em /R/ e em vocábulos regulares (que fazem o plural apenas com o acréscimo do -s). A situação só se inverte com os vocábulos finalizados em -s. Por isso, os autores concluem, ao observar as porcentagens e compará-las entre si, que a escala da saliência fônica nessa dimensão de oposição entre o singular e o plural não se aplica aos dados em questão.

Com relação à *tonicidade*, quatro variáveis foram nomeadas para analisar como se comportam em relação à variação da concordância no SN: os *monossílabos átonos*, *oxítonos* e *monossílabos tônicos*, *paroxítonos* e *proparoxítonos*, nos quais os monossílabos átonos apresentaram um maior índice de concordância, embora, de maneira geral, os resultados tenham apontado que a maioria dos vocábulos acolheu a marca da concordância. Por fim, ainda atrelada à saliência fônica, no que diz respeito ao *número de sílabas do vocábulo*, repartido em *monossílabos*, *dissílabos* e *três ou mais sílabas*, chegou-se a conclusão que essa variável parece não importar muito, já que, de acordo com os resultados, a marcação do morfema de plural é alta, seja em palavras monossilábicas, dissilábicas ou naquelas com três ou mais sílabas.

Como se pode observar, em seu trabalho, os autores consideraram a variável saliência fônica, em suas dimensões Processos de formação de plural e Tonicidade, separadamente. De acordo com Scherre (1988), uma análise que codifica duas variáveis tão superpostas, quanto Processos e Tonicidade o são, não é desejável do ponto de vista linguístico e nem do ponto de vista estatístico e, por isso, é recomendado se fazer uma análise alternativa que considere uma só variável, advinda da junção de Processos e Tonicidade. Diante disso, acreditamos que os resultados para a variável saliência fônica, nas suas dimensões Processos e Tonicidade, apresentam-se enviesados.

Quanto à variável *marcas precedentes*, Oliveira, Souza e Coelho (2009) afirmaram que as maiores chances de aplicação da regra canônica da concordância ocorrem com mais frequência quando nenhum elemento antecede o analisado. No que concerne à *posição linear do constituinte* dentro do SN, os resultados apontaram que a primeira posição é percentualmente a mais marcada. Por fim, com relação à *posição do constituinte com relação ao núcleo*, constatou-se que os constituintes pré-nucleares parecem exibir tendências a reterem a marca de plural mais que os constituintes pós-nucleares.

Com relação à análise feita por Oliveira, Souza e Coelho (2009), Galves (2009) teceu uma crítica, em virtude da ausência de uma abordagem sintática da concordância nominal. De acordo com a autora, uma abordagem sintática deste fenômeno ressaltaria ainda mais a ausência de concordância explícita. Embora esclareça que não fez nenhuma quantificação a esse respeito, Galves (2009) observa que são pouquíssimos os sintagmas nominais em que a marca de

concordância aparece em todos os constituintes, concluindo, superficialmente, que os africanos dominam mais a morfologia da concordância (75% das palavras plurais são pluralizadas) do que a sintaxe da concordância.

De fato, um estudo numa perspectiva sintagmática, que considera o SN inteiro como unidade de análise, atrelada à análise atomística, já realizada por Oliveira, Souza e Coelho (2009), poderia oferecer uma maior descrição na ocorrência do fenômeno em questão nesse *corpus*.

Entretanto, é inegável a contribuição da análise feita por estes autores no que tange à análise da variação de número na aplicação das regras de concordância num *corpus* tão peculiar.

Por isso, na conclusão dos seus trabalhos, Oliveira, Souza e Coelho (2009, p. 314) ressaltam a relevância desta pesquisa para os estudos posteriores sobre a análise desse fenômeno em documentos escritos, afirmando que:

[...] Os textos dos africanos, escritos ao longo de duas décadas do século XIX, se mostraram uma precisa fonte a servir de base empírica para mostrar que, nos oitocentos, a variação no âmbito da concordância nominal já acontecia e, pelo que tudo indica, de forma sistemática, já que levando para o passado alguns fatores que regem a concordância no presente, houve consonância com o que se observa nos estudos da concordância nominal em tempos que correm. Julga-se que este trabalho, e tudo o que foi feito nele, se reveste em uma boa contribuição para os estudos de concordância nominal no português brasileiro, na medida em que, se no presente os estudos voltados para o tema são por demais numerosos, para outras sincronias, já não se pode dizer o mesmo [...].

Logo, trabalhos como os de Oliveira, Souza e Coelho (2009), bem como o presente texto, colaboram para os estudos do PB, na medida em que vem suprir uma lacuna em torno da observação do fenômeno em questão, uma vez que pautam suas análises a partir de *corpora* que buscam elucidar cenas de variação em torno da concordância nominal de número nos documentos escritos em palcos de séculos passados.

Conforme podemos verificar, foram vistas, neste capítulo, várias pesquisas de cunho sociolinguístico que tratam da variação de número na aplicação das regras de concordância no sintagma nominal no PB, tanto em *corpus* da linguagem oral, como em *corpus* da linguagem escrita. Scherre (1988), Lopes (2001), Baxter (2009), Costa (2008) e Oliveira, Souza e Coelho (2009) demonstraram, a partir de suas pesquisas, que a variação neste fenômeno não ocorre de maneira aleatória, mas é regida por situações linguísticas e sociais.

No item seguinte, trataremos apenas das questões internas ao sistema, procurando verificar como se dá o processo da aquisição da concordância de número no PB.

3.3 A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SN NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Trabalhos em torno da aquisição da concordância nominal de número apresentam ideias fecundas e esclarecedoras e, portanto, não devem ser deixados de lado no debate em torno deste assunto. Nesse sentido, os resultados dessas pesquisas poderão apresentar indícios de como as crianças, no processo de aquisição da linguagem, adquirem a concordância nominal.

Berko (1958) foi um dos primeiros estudiosos a realizar pesquisas em aquisição do sistema de número gramatical, concentrando-se na caracterização das regras morfológicas que subjazem à marcação de plural na fala infantil. Além desta pesquisa, outros trabalhos visavam uma análise quantitativa e qualitativa de dados de produção colhidos longitudinalmente (CAZDEN, 1968; MERVIS; JOHNSON, 1991), todos elaborados a partir de dados do inglês.

Estudos semelhantes foram levados a cabo com crianças adquirindo PB (Massotti (1977), Palhares (1981) para o desenvolvimento da morfologia de número; Cappellari e Zilles (2002), Simioni (2002), Ferrari-Neto (2003) para estudos longitudinais). Destes, em rigor, somente os trabalhos de Simioni (2002) e Ferrari-Neto (2003) cuidam especificamente da aquisição do número, ao passo que os demais se situam no contexto maior da aquisição e desenvolvimento da morfologia.

Neste item, elencaremos alguns trabalhos que tratam da concordância de número no SN na aquisição da linguagem. Para tanto, trouxemos dois importantes estudos, o de Ferrari-Neto (2008) e Capellari e Zilles (2002), que tratam o processo de aquisição do número gramatical por crianças.

3.3.1 Ferrari-Neto (2008)

Ferrari-Neto (2008), em sua tese de doutoramento intitulada *Aquisição de Número Gramatical no Português Brasileiro: processamento de informação de interface e Concordância* busca discutir o processo de aquisição do número gramatical por crianças falantes do PB. Deste modo, a hipótese que orienta o seu trabalho é que a percepção de distinções morfo-fonológicas, por parte da criança, nos elementos da categoria funcional D (Determinante) é crucial para a identificação de número como um traço formal do português.

Para fundamentar a sua análise, o referido autor tem como alicerce os pressupostos do *Programa Minimalista* (CHOMSKY, 1995, 1999) e a proposta teórica elaborada no LAPAL²³, a qual visa a uma articulação entre teoria linguística e psicolinguística na teorização sobre a Aquisição da Linguagem (CORRÊA, 2002, 2006). Para compor a sua análise, foram feitos quatro testes experimentais, cujo objetivo foi obter evidências sobre como a criança processa o material linguístico a que é exposta, extraindo informação relativa a número presente nas interfaces, tendo o processamento da concordância um papel fundamental neste processo. Deste modo, os experimentos relatados visaram investigar em que medida a criança identifica informação de número no DP e parte do pressuposto da concordância no DP na identificação de número como um traço formal.

O primeiro experimento foi realizado com crianças entre 1 ano e meio e 2 anos e meio, por meio de estímulos-teste, nos quais, através de um pedido, por parte de um fantoche chamado *Dedé*, a criança lhe mostra uma figura correspondente ao que lhe é solicitado (Ex.: *Mostre os dabo_s pro Dedé*). A resposta da criança é acolhida com um comentário de incentivo à sua participação, independentemente de esta corresponder à figura-alvo.

Esse experimento buscou verificar a capacidade destas crianças reconhecerem a variação morfo-fonológica no âmbito do DP, tomando esta variação como indicativa da manifestação do número no PB, tentando comprovar, assim, se processam concordância de número. Nesta perspectiva, conforme demonstram estudos longitudinais baseados em dados de produção infantil (SIMÕES, 2004; SIMIONI, 2002; FERRARI-NETO, 2003), essa é uma fase da criança em que não necessariamente a morfologia de número se encontra estabelecida na fala.

Entretanto, a fim de evidenciar esta questão, o referido autor considerou duas variáveis independentes, a saber: a *Expressão morfológica do número* e o *Tipo de DP*. A primeira variável possui dois níveis: gramatical (forma Padrão e Não Padrão do DP Plural em PB) e não gramatical (marcação de número como sufixo e como infixo). Vejamos os exemplos²⁴:

(i) Gramatical Padrão (G PAD): Determinante Plural e Nome Plural.

(23) Ache o-s dabo-s pro Dedé.

²³ O LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem) é um laboratório vinculado ao Departamento de Letras da PUC- Rio que desenvolve pesquisas experimentais em Processamento Linguístico por adultos e em aquisição da linguagem por crianças desde os primeiros anos de vida.

²⁴ Exemplos extraídos de Ferrari-Neto (2008).

(ii) Gramatical Não Padrão (G NPAD): Determinante Plural e Nome Singular.

(24) Mostre o-s daboØ pro Dedé.

(iii) Não Gramatical Sufixo (NG SUF): Determinante Singular e Nome Plural.

(25) Ache oØ dabo-s pro Dedé.

(iv) Não Gramatical Infixo (NG INF): Marca de Plural inserida no meio do Nome.

(26) Ache o da-s-bo pro Dedé.

(v) Controle (CONT): Determinante e Nome no singular.

(27) Ache o dabo pro Dedé.

Ferrari-Neto (2008) estabeleceu que a variável dependente seria o número de respostas “plural”, ou seja, repostas correspondentes à figura em que várias instâncias (*tokens*) de um mesmo tipo de objeto/criatura eram apresentadas. Os resultados apresentam um efeito significativo de *Expressão morfológica do número*, com um número maior de respostas “plural” para a condição gramatical. No que se refere a Tipo de DP, não há diferença significativa entre as condições *gramatical padrão* e *não padrão*, assim como entre as condições sufixo e infixo, sugerindo que as crianças tratam as duas condições do conjunto de estímulos gramaticais assim como as duas condições do conjunto de estímulos não gramaticais de forma indiferenciada.

Ferrari-Neto (2008) afirma, assim, que a criança por volta dos dois anos de idade está sensível à expressão gramatical do número no PB, visto que processa diferentemente as condições gramaticais e não gramaticais. Dessa forma, ficou comprovado, neste experimento, que nessa fase, a criança é capaz de identificar o número plural de DPs com base na flexão de número do Determinante, independentemente da marcação morfológica de número em N, o que foi atribuído à coexistência de dois dialetos no PB – o padrão, no qual a flexão de número se encontra presente no nome e nos elementos que entram em concordância com este no DP; e o não-padrão, no qual número se apresenta manifesto apenas em D.

Tendo em vista esse resultado, o segundo experimento teve como objetivo verificar se crianças da faixa etária de 23 e 30 meses identificam a informação relativa ao número gramatical quando codificada morfológicamente apenas no N, como em construções existenciais, e o quanto a alomorfia de número afetaria o reconhecimento desta informação.

A variável independente foi o *tipo de plural no nome alvo* (plural com alomorfia e sem alomorfia, este último representado por terminação em sílaba travada por /r/ ou /l/ (que se realiza como [w]), como em *mar-mares/ jornal-jornais*, versus terminação em vogal temática -

e ou em ditongo com semivogal /y/. As condições experimentais foram a de plural com alomorfa (condição 1) e plural sem alomorfa (condição 2) e a variável dependente foi o número de respostas correspondentes ao plural do nome alvo apresentado. Para o experimento, foram utilizados estímulos visuais, por meio de figuras, e estímulos sonoros, utilizando-se frases pronunciadas pelo experimentador, na condição 1 e na condição 2, as quais continham nomes que designam objetos inventados e os objetos reais. Os estímulos sonoros faziam referência à apresentação das fichas às crianças com as seguintes frases²⁵:

- (28) a. Aqui tem um DAFAR.
 b. Aqui tem outro DAFAR.
 c. Mostra para mim onde tem DAFARES.

- (29) a. Aqui tem um DAFARE.
 b. Aqui tem outro DAFARE.
 c. Mostra para mim onde tem DAFARES.

- (30) a. Aqui tem BOLA.
 b. Aqui tem outra BOLA.
 c. Mostra para mim onde tem BOLAS.

Os resultados sugerem que a criança também percebe informação relativa a número quando expressa exclusivamente em N e trata de forma indiferenciada o plural de nomes terminados em vogal temática e o plural dos nomes terminados em consoante/semivogal, uma vez que o índice de reconhecimento da figura-alvo plural é semelhante nas duas condições. Esta análise indica que as crianças tratam morfema de número e alomorfe de número de maneira indistinta, e que a alomorfa não se constitui em um problema para o reconhecimento da informação relativa a número. Conclui-se, então, que as crianças em torno de dois anos possuem capacidade de lidar com alomorfias – representação abstrata de número – e que a criança é capaz de lidar com número plural em nomes nus de sintagmas existenciais. Dessa forma, mesmo que se considere que a informação de número no PB é interpretável em D, a criança, por volta dos dois anos de idade, percebe a informação de número das interfaces fônica e semântica e pode representá-la no léxico em termos de um traço formal.

O experimento três, por sua vez, investigou se diferenças no material linguístico afetam diferentemente crianças da faixa etária de 24 a 36 meses, oriundas de classes sociais distintas (as quais recebem, como *input*, respectivamente, a variante padrão e a variante não-padrão), no

²⁵ As frases dispostas nos exemplos (28), (29) e (30) foram extraídas de Ferrari-Neto (2008, p.101), para esboçar as condições utilizadas para o estímulo sonoro utilizado no experimento 2.

reconhecimento da informação relativa a número expressa por morfemas e alomorfes de número em PB. Para tanto, neste experimento, tomaram-se como variáveis independentes a *alomorfia*, determinando assim duas condições experimentais, a saber, nome com alomorfe (condição 1) e nome sem alomorfe (condição 2); e grupo social, determinando assim o *grupo padrão* (formado por crianças expostas predominantemente à variante padrão do PB) e o *grupo não-padrão* (formado por crianças expostas predominantemente à variante não-padrão do PB).

Os resultados apontaram que a variável *grupo social* não apresentou resultado significativo, o mesmo ocorrendo com a variável *alomorfia*. Deste modo, os resultados do terceiro experimento indicaram que as crianças de ambos os grupos sociais tratam morfema de número e alomorfe de número de maneira indistinta, e que, ainda que a interpretação de DP's existenciais apresente dificuldade para crianças de até 3 anos de idade, a alomorfia não se constitui em um problema para o reconhecimento da informação relativa a número, podendo tornar a informação de número mais visível para a criança.

Por fim, o experimento quatro investiga o papel das informações sintáticas e semânticas veiculadas no DP no processo de aquisição da distinção entre nomes massivos e contáveis do PB, em especial as informações relativas à expressão do número gramatical. Este experimento contou com um diferencial porque, além do teste ser realizado em crianças de 3 a 5 anos, adultos entre 17 a 39 anos que se apresentaram voluntariamente para participar do experimento.

Nesta perspectiva, o resultado do experimento 4 revela que crianças de 3 anos, baseiam-se preferencialmente em informação de ordem morfológica na interpretação de DPs como massivos ou contáveis, ao passo que as crianças de 5 anos, por outro lado, levam particularmente em conta informação de natureza semântica proveniente da raiz nominal na interpretação de DPs singulares com nome nus. Tais resultados são discutidos em função de uma proposta teórica que visa a conciliar teorias de base sintática e conceitual no tratamento da distinção massivo/contável por crianças.

Em suma, as discussões fomentadas por Ferrari-Neto, no seu trabalho, evidenciam que, na aquisição da língua materna (doravante L1), o reconhecimento da variação sistemática singular/plural (SG/PL) dos elementos funcionais D facilita a identificação do morfema de número, que é tratado como uma categoria funcional. Dessa forma, o PL entra no sistema a partir do elemento D.

3.3.2 Capellari e Zilles (2002)

Outro trabalho que trata da concordância de número na aquisição da linguagem é a pesquisa desenvolvida por Capellari e Zilles (2002), intitulada *A marcação de plural na linguagem infantil*, a partir de uma perspectiva longitudinal na fala de crianças. As referidas autoras justificam a importância deste estudo, ao afirmarem que

de acordo com o que já foi visto até o momento, podemos observar que vários são os trabalhos sobre a concordância de número na fala dos adultos. Porém no que se refere à fala das crianças, infelizmente, não dispomos de muitos trabalhos na área. (CAPELLARI; ZILLES, 2002, p. 194).

Então, a partir desta citação, as autoras ressaltam a importância de verificar como se dá o processo da aquisição da concordância de número nas crianças, tendo em vista a gama de trabalhos direcionados aos dados de falantes adultos. Para tanto, o estudo longitudinal por elas efetuado é composto por dados extraídos de 18 entrevistas, da informante Carmela²⁶, coletadas, pela primeira vez, quando ela tinha 4 anos, e pela última, quando tinha 8 anos, no período de 1992 a 1996. Pertencente à classe socioeconômica B²⁷, ela estudava em uma escola particular do bairro onde residia, era filha de pai fotógrafo e a mãe trabalhava com relações públicas.

Esta análise tem como objetivo principal verificar, com relação à marcação variável de plural, se os fatores que condicionam para mais ou para menos o fenômeno da linguagem infantil sejam, talvez, os mesmos observáveis na fala adulta. Para compor as suas análises, as autoras supracitadas elaboraram duas situações de contextos, no momento da entrevista: o *relato pessoal*, no qual existem momentos em que a criança faz um relato de sua vida pessoal, e *narrativa oral de historinha*, em que a criança conta uma historinha para quem interroga. No primeiro contexto, espera-se um maior grau de informalidade, já que se busca proporcionar, com isso, uma situação natural de comunicação. Já no segundo contexto, por se tratar da reprodução de história advinda de suporte escrito, espera-se uma fala mais formal e monitorada.

Reunindo todos os dados de SNs plurais colhidos da fala de Carmela, as autoras chegaram aos resultados expostos na *Tabela 1*:

²⁶ Os dados da informante Carmela integram o Banco de Dados do projeto Desenvolvimento da Linguagem da Criança em Fase de Letramento (DELICRI). Durante o período de 1992-1996, a coleta foi realizada numa escola particular de Porto Alegre.

²⁷ De acordo com o critério estabelecido pelo DELICRI, a categorização dos informantes em classe A, B ou C corresponde aos seguintes quesitos:

CLASSE A: nível superior- escolaridade superior de pelo menos um dos pais, profissão liberal, professores de 3º grau, empresários, residentes de bairro considerado A na cidade, escola particular;

CLASSE B: nível médio.

Tabela 1 - Número e percentual de SNs plurais por entrevista na fala de uma criança dos 4 aos 8 anos

Entrevista (idade)	Total de SNs	SNs padrões	%	SNs não-padrões	%
4;07.11 ²⁸	01	0	0.0	01	100.0
5;02.02	05	0	0.0	05	100.0
5;03.00	06	0	0.0	06	100.0
5;08.01	01	0	0.0	01	100.0
5;09.29	04	04	100.0	0	0.0
6;03.05	08	03	37.5	05	62.5
6;05.15	05	02	40.0	03	60.0
6;07.16	02	0	0.0	02	100.0
6;09.10	11	04	36.4	07	63.6
7;01.27	05	02	40.0	03	60.0
7;04.13	01	0	0.0	01	100.0
7;07.16	16	06	37.5	10	62.5
7;10.22	34	22	64.7	12	35.3
8;01.15	20	05	25.0	15	75.0
8;05.01	07	02	28.6	05	71.4
TOTAL	126	50	40.0	76	60.0

Fonte: Cappelari e Zilles (2002)

Os resultados percentuais dos sintagmas plurais produzidos nas entrevistas, na fala de Carmela, dos 4 ao 8 anos, comprovaram que não há ocorrência de SNs pluralizados nas entrevistas iniciais, o que sugere que, nos anos iniciais, há uma tendência, por parte da criança, em produzir sintagmas do tipo não-padrão. Assim, quando a informante começou a produzir os referidos SNs, apresentou uma tendência de uso preferencial da regra variável de marcação de plural própria da língua falada.

A ocorrência de SNs totalmente marcados acontece apenas a partir dos 5 anos. Nessa perspectiva, as autoras chamam à atenção por terem sido observadas duas entrevistas, de quando ela tinha em média 5 e 7 anos, nas quais foram registrados altos índices de sintagmas plurais padrões. Sobre isso, Capellari e Zilles (2002, p. 203) justificam essas ocorrências afirmando que

a entrevista que corresponde à idade dos 5;09.29, como dissemos, apresenta 100% de plurais padrão (4 ocorrências). Todavia, o fato de terem sido produzidos em um discurso baseado em um texto escrito (Os três porquinhos) provavelmente explica esse resultado discrepante. A outra exceção refere-se à entrevista que corresponde à idade dos 7;10.22 anos. Esses SNs foram produzidos em situação de relato pessoal, mas nesse caso, a criança estava contando sobre um teatro de que ela participou na escola. Há, ainda, o fato de que esse teatro foi uma adaptação de um livro infantil e foi ela

²⁸ Leia-se 4 anos, 7 meses e 11 dias. O mesmo se aplica às outras ocorrências.

quem fez essa adaptação. Trata-se, portanto, de uma fala que toma por base, em certa medida, um texto escrito.

Conforme o exposto na citação acima, podemos inferir que a ocorrência de SNs com altos índices de pluralidades deve-se, sobretudo, à influência do texto escrito no discurso de Carmela, já que, no primeiro momento da entrevista, a sua fala está baseada no texto de “Os três porquinhos”. O mesmo ocorre no outro momento da entrevista, onde, já com 7 anos, Carmela relata a experiência de uma apresentação de teatro de que ela participou e fez a adaptação de um livro infantil.

Diante disso, seus resultados apontaram para o que foi esperado: enquanto no contexto de contar histórias há um maior número de SNs marcados, apontando para uma inevitável influência do texto escrito padrão na fala, no contexto de relato pessoal, há uma variação da marcação de pluralidade, o que significa que em situações naturais e espontâneas na oralidade, os SNs tendem a variar quanto à aplicação das regras de concordância.

Na tentativa de verificar se os fatores que condicionam a variação na linguagem infantil são os mesmos observáveis na fala adulta, Capellari e Zilles (2002) observam a ocorrência de sete sintagmas plurais produzidos por Carmela:

(31) Os pés todo embarradoØ. (5;02.02)

(32) Um monte de coisaØ. (5;03.00)

(33) Os três porquinhos. (5;09.29)

(34) Umas ferinhaØ. (6;09.10)

(35) Uns hambúrgueriØ. (7;01.27)

(36) Trinta reais. (7;07.16)

(37) Milhares de borrachaØ. (8;01.15)

Com base nesses sintagmas, as autoras fazem determinadas observações a respeito da ocorrência ou não de pluralidade nessas situações. Nessa perspectiva, no que diz respeito ao primeiro sintagma, em (31), foi percebido que o item *todo*, atuando como modificador do constituinte *embarrado*, parece quebrar a coesão sintagmática, justificando, com isso, a ausência do morfema de pluralidade -s no último elemento. Já no sintagma (32), a falta de marcação do SN pode ser explicada, segundo as autoras, devido ao fato de a flexão de plural se relacionar à noção de nominais contáveis e não-contáveis. Como a palavra *monte* é um termo não-contável, designado como um quantificador massivo, esse fato conduz ao não-acionamento do morfema -s no seguimento posterior *de coisa*, ou seja, a ausência de flexão se deve à falta de percepção de elementos contáveis para a percepção do plural. Além deste termo, a

preposição *de* propicia uma fronteira entre os constituintes sintáticos, além de ter valor partitivo, atuando também como inibidora da ocorrência de plural.

Em se tratando do sintagma (33), as autoras afirmam que foi o primeiro SN com marca formal de plural em todos os constituintes. Dessa forma, Capellari e Zilles (2002) afirmam que a ocorrência de pluralidade, neste sintagma, pode estar relacionada com o provável papel que o contato com o texto escrito desempenha na aplicação de número na regra de concordância. No que diz respeito ao sintagma (34), as referidas autoras afirmam que construções como essa ocorrem em outros exemplos (como “os bonequinhoØ, os pãozinhoØ”), e podem ser justificadas pelo fato de que itens no diminutivo tendem a desfavorecer a concordância de número. A construção sintagmática em (35) não foi considerada pelas autoras como sendo padrão, já que a criança pode não ter estampado na sua fala a forma singular. Neste sentido, tomando como base este sintagma, admitem que, em algum momento da aquisição dessa criança, existiu o plural padrão, para que seja consentida o fato de, nesta construção, ter sido apagado. No entanto, ainda com relação a essa ocorrência, as autoras advertem que, se esse caso se tratar de uma epêntese²⁹, a explicação para a aquisição neste sintagma cai por terra. A ocorrência do sintagma (36), por sua vez, pode ser justificado, segundo Capellari e Zilles (2002), pelo fato da informante estar reproduzindo um discurso do pai, ao manifestar-se sobre o dinheiro gasto por ela. Essa ocorrência, de fato, contrariou as expectativas das autoras, já que seria esperada não-marcação nesses casos. Por fim, no sintagma (37), o que atuou como inibidor da aplicação da regra foi o vocábulo *milhares*, além da preposição *de*, que torna o sintagma menos coeso.

A partir da análise feita em torno desses sintagmas, Capellari e Zilles (2002) concluem que os dados de Carmela têm muitos pontos em comum com o que as pesquisas revelam sobre o fenômeno variável da concordância nominal de número na fala de adultos.

Até aqui discutimos os aspectos internos da língua, expondo algumas considerações a respeito da concordância de número no SN do PB. Na próxima seção, tomando como base os aspectos externos da língua, abordaremos a polêmica questão do processo de formação do PB e suas explicações para a variação da concordância nominal, além de discutir a respeito do português popular brasileiro e sobre os aspectos referentes à dinâmica da formação sócio-histórica linguística dos municípios de origem das cartas, Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu.

²⁹ Nota-se aí um provável equívoco por parte das autoras, ao classificar o termo “hambúrgueri” como sendo um possível caso do fenômeno fonético epêntese. Neste caso, trata-se de uma paragoge, já que é o fenômeno que se caracteriza pela inserção de segmentos no final de vocábulos.

PARTE II

**A formação do PB, a polarização linguística e a sócio-história do semiárido
baiano**

Considerando-se que conhecer a língua implica também compreender as condições externas em que ela se forma, na *Parte II*, serão abordadas, de forma consistente, as duas hipóteses para as origens do português brasileiro, a deriva secular e a transmissão linguística irregular, e suas possíveis explicações para a ocorrência da variação de número na aplicação das regras de concordância no PB. Além disso, buscamos discutir, através da consideração da polarização existente na realidade linguística brasileira, as condições históricas de formação do português popular brasileiro, demonstrando a importância da formação de *corpora* para o estudo da vertente popular. Por fim, ainda esboçando as condições externas, falaremos, mais especificamente, sobre os aspectos linguísticos e sócio-históricos do semiárido baiano, com ênfase nos municípios de origem das cartas que constituem o *corpus* da pesquisa, Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, cuja população original seria falante da variante popular do PB. Essas discussões se fazem importantes para compreendermos como as cartas escritas por sertanejos baianos, semi-alfabetizados, podem ser representativas do português popular brasileiro.

4 A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTROVÉRSIAS

Tendo em vista a grande importância dos estudos da história externa do PB, buscamos discutir, neste capítulo, a formação linguística brasileira e a sua relação com o fenômeno em questão.

A formação do PB é um assunto que vem sendo continuamente discutido, desde o início do século XIX. Tal discussão, inicialmente fomentada por Adolfo Coelho e posteriormente prosseguida por Serafim da Silva Neto, John Holm, Gregory Guy, Fernando Tarallo, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Dante Lucchesi, Antony Naro, Marta Scherre, entre outros, aponta para uma reflexão sobre o fato de a formação do português brasileiro girar em torno de dois polos de atração: a linha contatista e a linha derivista. A primeira atribui um papel determinante ao contato, predominantemente com as línguas africanas; ao passo que a segunda corresponde à noção de deriva linguística, que minimiza o efeito do contato, e insiste sobre tendências evolutivas já presentes na língua.

Diante desses extremos, algumas indagações norteiam a questão da formação do PB: o português brasileiro é mesmo fruto do contato linguístico, causado pelo tecido multilíngue do

Brasil ao longo de sua história? Ou as mudanças que caracterizam o PB já estavam previstas no sistema, ocorrendo, então, de maneira natural?

No intuito de entender como se deu esse processo, muitas pesquisas têm apresentado especificidades do PB, tanto no âmbito linguístico como sócio-histórico. Nesta perspectiva, apresentamos, aqui, os postulados dessas duas vertentes que têm sido objeto de acaloradas discussões, a saber, a *deriva secular* e a *transmissão linguística irregular*, demonstrando como a ocorrência do fenômeno da variação da concordância nominal de número no PB pode ser explicada através dos debates sobre a origem do português brasileiro.

4.1 A DERIVA SECULAR: UMA VISÃO “IMANENTISTA”

A forte visão imanentista, estabelecida na Linguística Moderna desde que Saussure decretou que a língua é uma estrutura que se move em função de sua lógica interna, vem sendo seguida por alguns pesquisadores que, ao analisarem a formação do português brasileiro, têm refutado qualquer proeminência do contato entre línguas neste processo. É nesse contexto que se insere a vertente da deriva secular.

O conceito da *deriva secular* foi formulado por dois sociolinguistas de grande importância para os estudos em torno do PB, Antony Naro e Marta Scherre (1993). Invocando o conceito de *deriva* do linguista norte-americano Edward Sapir (1949 [1921]), o qual postula que a língua se move ao longo do tempo num curso que lhe é próprio, e que as mudanças linguísticas estão, de certa forma, previstas no processo de evolução natural da língua, os referidos autores afirmaram que “o impulso motor do desenvolvimento do português do Brasil veio já embutido na deriva secular da língua de Portugal” (NARO; SCHERRE 2007, p. 48).

Dessa forma, os autores supracitados consideram que as especificidades do PB representam modificações pelas quais o PE passou no Brasil, já sendo previstas no sistema, entendendo, assim, que a mudança transparece na frequência dos usos e que a gramática da língua já pressupunha tais variações/mudanças. Por esta razão, esses autores vêm se dedicando à coleta de evidências empíricas no português arcaico e em descrições de variedades populares do português europeu contemporâneo que refutem a hipótese da participação do contato entre línguas na formação do PB e forneçam indícios de que o português do Brasil é resultado das nossas origens românica e lusitana.

Para Naro e Scherre (2007), o português popular brasileiro resulta de uma deriva românica já prefigurada no sistema:

A língua portuguesa falada em Portugal antes da colonização do Brasil já possuía uma deriva secular que a impulsionava ao longo de um vetor de desenvolvimento. No Brasil, este vetor se encontrou com forças que reforçavam e expandiam a direção original. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 47).

Como podemos observar, apesar de desconsiderar a influência das línguas africanas e indígenas, na formação do português popular do Brasil, Naro e Scherre (2007) reconhecem que essas línguas atuaram como *forças de atração*, as quais juntas se reforçaram para produzir o português popular do Brasil (NARO; SCHERRE, 2007, p. 25). Nesta perspectiva, os referidos autores argumentam que

[...] o português moderno do Brasil é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal, indubitavelmente exagerada no Brasil pela exuberância do contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e pela nativização desta língua pelas comunidades formadas por estes falantes. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 69).

Entretanto, apesar de afirmarem que esse processo natural da deriva pode ter sido intensificado pela exuberância do contato de adultos, falantes de outras línguas, os autores supracitados declaram que

no português do Brasil inexistiu influência gramatical específica de qualquer língua africana, ou de língua de qualquer outra proveniência não portuguesa, como também não existe nenhuma forma ou estrutura inteiramente nova criada por um processo geral de simplificação durante a fase de aquisição da língua. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 182).

Seguindo esta lógica, esses autores declaram ainda que as principais características do português popular brasileiro, assim como as suas especificidades linguísticas, resultam de uma deriva românica. Nesse contexto, a variação existente na concordância de número no SN pode ser explicada através desta visão:

[A concordância variável de número entre o sujeito e o verbo, entre os elementos do sintagma nominal e no sintagma predicativo nos dialetos não padrão do português do Brasil tem] origem unicamente na antiga deriva secular das línguas indo-européias em geral, e das línguas românicas em particular, em direção a uma gramática com menos flexão nos termos de Sapir (1949/1921: 145-170). (NARO; SCHERRE, 2007, p. 50).

De acordo com esta visão, a ocorrência da variação na aplicação das regras de concordância de número no SN já estava prefigurada no sistema, já que as línguas caminham, no decorrer do tempo, em direção a uma gramática com menos flexão. Dito de outro modo, as mudanças linguísticas, como o caso da variação na concordância nominal, estavam, de certa forma, previstas no processo de evolução natural da língua.

Apesar de ressaltar a supremacia da visão derivista na formação do PB, Naro (2007, p. 184), no entanto, reconhece, ainda que em segundo plano, a atuação de outras circunstâncias envolvidas neste processo

poderíamos admitir que, embora todas as características da língua popular do Brasil sejam derivadas em primeira instância de variedades do português europeu da época, mesmo assim seriam relevantes também outras circunstâncias alheias à Europa, tal como interferência lingüística, simplificação, criouliização etc.

Posto isto, Naro (2007), defendendo ferrenhamente a deriva secular, desafia os proponentes da teoria contatista, sobretudo a crioulista, a declarar quais são as consequências empíricas não cobertas pela teoria da origem europeia que a teoria crioula, mais complexa por ser múltipla, prevê. Ratificando a deriva secular, o supracitado autor declara, assim, que a hipótese da procedência estritamente portuguesa dos traços brasileiros supostamente típicos dá conta de explicar a formação do português do Brasil, já que as estruturas relevantes existiam no próprio português.

Esse desafio foi aceito por Lucchesi (2012), que, além de defender o fato de que a formação do PB é consequência de um processo de *transmissão lingüística irregular*, tece algumas críticas à visão oponente da deriva secular. É justamente sobre esse assunto que o item a seguir trata.

4.2 A TRANSMISSÃO LINGÜÍSTICA IRREGULAR: UMA VISÃO CONTATISTA

Contrários à visão imanentista proposta pela deriva secular, Baxter e Lucchesi (1997) e Lucchesi (2001, 2012) acreditam que o contato entre línguas, estabelecido no nosso território durante a colonização, poderia fornecer uma explicação mais consistente para a formação do PB. Para tanto, a fim de explicar como se deu esse processo, os referidos autores formularam a proposta da *transmissão lingüística irregular* (BAXTER; LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 2003, 2008; LUCCHESI; BAXTER, 2009). Antes, porém, de adentrarmos no que postula essa proposta, cumpre-nos tecer um breve comentário acerca do contato lingüístico.

É bem verdade que o contato entre línguas na constituição da história do PB é um assunto que tem sido amplamente debatido desde o século XIX, quando já se observava especificidades de alguns usos característicos do português falado no Brasil, que o distanciava do português d'além-mar. Nesta perspectiva, levando-se em consideração os aspectos sócio-históricos de interação lingüística que perpassaram a sociedade brasileira, desde o início da colonização até o século XIX, pode-se presumir que o contato lingüístico e o

*multilinguismo/multidialealismo*³⁰, existente em solos brasileiros no período colonial, contribuíram para a realidade plurifacetada que, ainda hoje, recobre os muitos quilômetros de extensão do Brasil.

De acordo com Mattos e Silva (2004), os principais atores no contexto do multilinguismo/multidialealismo do Brasil colonial foram:

- a. **O português europeu** na sua dialeção diatópica, diastrática e diacrônica, que teria ao longo do período colonial um contingente médio de 30% da população brasileira [...];
- b. **As línguas gerais indígenas**, que, plurais e dialetalizadas, poderiam até confundir-se com o português geral brasileiro nas áreas geográficas delimitáveis em que se difundiram;
- c. **O português geral brasileiro**, antecedente histórico do português popular brasileiro que, adquirido na oralidade e em situações de aquisição imperfeita, é **difundido pelo geral do Brasil, sobretudo pela presença maciça da população africana e dos afro-descendentes** que perfizeram uma média de mais de 60% da população por todo o período colonial. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 90 – grifo nosso).

Percebemos, com isso, que esse contexto multilíngue, certamente, acarretou profícuas mudanças e especificidades no português do Brasil. Os dados demográficos da população brasileira, elaborados por Alberto Mussa (1991), de meados do século XVI até o final do século XIX, demonstram que, durante esse período, o contato linguístico foi inevitável. Vejamos:

Tabela 2 – Formação populacional do Brasil entre 1538 a 1890

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	—	20%	21%	19%	13%
Mulatos	—	10%	19%	34%	42%
Branços brasileiros	—	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Fonte: Mussa (1991, p. 163)

Através da *Tabela 2*, vemos que, durante toda a história brasileira, a maioria foi não branca. Com base nos dados demográficos, temos um total de 70% de *aloglotas*³¹ contra 30% de brancos, do final do século XVI até meados do século XIX. Diante disso, é possível notarmos

³⁰ Termo utilizado por Mattos e Silva (2004), para designar o contexto pluriétnico, cultural e linguístico existente no Brasil durante o período colonial.

³¹ Termo utilizado por Serafim da Silva Neto (1950) ao se referir as línguas indígenas brasileiras e as línguas africanas trazidas para o Brasil.

como esse perfil demográfico do Brasil, apontando para uma constante não branca, acarretou consequências significativas na formação do PB³².

Indubitavelmente, a consideração da demografia brasileira é crucial para entendermos a heterogeneidade discutida em torno do português do Brasil. Assim, a partir do que foi visto percebemos a importância de levarmos em consideração a dinâmica do contato linguístico e o seu papel fundamental nas especificidades do PB frente ao PE, especificamente nas variedades do português popular brasileiro.

Diante do contato linguístico na formação da sociedade brasileira, alguns pesquisadores³³ têm atestado e/ou alegado uma origem crioula para o PB. Vale lembrar que a Crioulística é uma ciência que tem focado seus estudos nos processos históricos de contato entre línguas, dos quais são originadas línguas gramaticalmente distintas das envolvidas no processo de contato.

Sabe-se que o processo de colonização europeia, entre os séculos XVI e XIX, ocasionou várias situações de contato entre povos com diferentes línguas. Neste contexto, com o encontro entre esses povos/comunidades colonizadas, iniciou-se a busca pelo estabelecimento da comunicação entre os escravos e os senhores e entre os próprios escravos, que até então eram falantes de línguas diversas. Diante da necessidade de se comunicar, os falantes trazidos pelos colonizadores de comunidades/línguas diferentes, buscavam uma linguagem comum. Esse cenário foi propício ao surgimento de pidgins e/ou línguas crioulas.

O contato entre línguas mutualmente ininteligíveis, geralmente ocorrido nas relações comerciais ou trabalhos forçados nas plantações, propiciou o desenvolvimento de uma segunda língua emergencial denominada *pidgin*. Desse modo, de acordo com Dante Lucchesi (2003, p. 273), o pidgin surge

quando uma grande população de adultos – em muitos casos falantes de línguas diferenciadas e mutuamente ininteligíveis – é forçada a adquirir uma segunda língua emergencialmente em função de relações comerciais e/ou de sujeição [...].

Já a língua crioula nasce a partir do contato de comunidades linguísticas diferentes, em meio a uma relação que se estabelece entre o grupo dominante e o grupo dominado. Antes, porém, de tornar-se uma língua crioula, o resultado do contato entre essas etnias será um pidgin, um meio de comunicação simplificado. A partir do momento em que começam a nascer crianças na comunidade e elas passam a ter o pidgin que seus pais falam como *input* na fase de

³² Sobre isso, Tânia Lobo (1996) destaca que os usuários mais prováveis do português europeu ou mais europeizado, constituíram menos de um terço da população convivente no Brasil. Daí dizer que a grande maioria teve história linguística familiar de língua não portuguesa.

³³ Coelho (1880), Silva Neto (1950), Guy (1981), dentre outros.

aquisição da linguagem, o pidgin passa então, por ação dessa nova geração de falantes, a ser um crioulo³⁴.

Ao discutir sobre a hipótese crioula do PB, apoiando-se em dados sócio-históricos, mais precisamente os demográficos, e na evidência linguística, Guy (1981), elucida que a hipótese da crioulaização apresenta duas evidências: uma histórica e outra linguística. Em relação à evidência sócio-histórica, ele considera que o contexto do Brasil era propício para a formação de um crioulo. Nesta perspectiva, o referido autor julga que a crioulaização do PB existiu, mas que o sistema linguístico brasileiro está se descrioulizando e as forças dessas mudanças linguísticas estão retomando vagarosamente ao seu alvo original. Com relação à evidência linguística, Guy (1981) acredita que esse processo pode ser explicado em virtude da ocorrência de duas variáveis fonológicas (o apagamento do -s e desnasalização de vogais finais), e de duas variáveis morfológicas (a concordância no sintagma verbal final e concordância no sintagma nominal).

Sobre isso, Lucchesi (2000, 2009) tem argumentado que as condições particulares da formação da sociedade brasileira não deram ensejo a um processo geral e duradouro de crioulaização do português. Por isso, declara que

o nível de crioulaização é inversamente proporcional à facilidade de acesso aos modelos da língua-alvo. Em termos demográficos, o acesso à língua-alvo é determinado pela proporção da população dominante. Em outras palavras, quanto menor for a proporção do segmento dominante, maiores as chances de ocorrer a crioulaização. Ora, a proporção de população branca no Brasil nunca foi inferior a 30%, crescendo significativamente no século XIX, quando chega a quase metade do total [...]. Portanto, de um modo geral, o acesso aos modelos da língua-alvo no Brasil sempre foi maior do que se observa nas situações mais típicas de crioulaização. (LUCCHESI, 2009, p. 62-63).

Essa afirmação nos leva a entender que, se houve crioulaização no Brasil, isso não ocorreu de modo geral à formação do PB, embora se saiba que isso se aplica a certas situações específicas, como, por exemplo, o caso de certas propriedades do interior, em que o número de escravos poderia em muito exceder a proporção geral.

De fato, como bem postula Lucchesi (2012), a ideia de uma crioulaização leve ou de uma semicrioulaização, aqui discutida, encontra a sua formalização teórica no conceito de transmissão linguística irregular, uma vez que se pretende dar conta dos processos de mudança pelos quais a língua portuguesa teria passado no Brasil em função do contato entre línguas.

³⁴ Em outras palavras, ocorre língua crioula quando há a nativização de um pidgin, ou seja, quando esse código emergencial passa a ser falado como língua materna pelas crianças que nascem em situação de contato.

Por transmissão linguística irregular, entende-se como sendo “[...] os processos históricos de contato massivo e prolongado entre línguas, nos quais a língua do segmento que detém o poder político é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos” (LUCCHESI, 2003, p. 272). Desse modo, a aquisição da língua portuguesa, por parte dos africanos e seus descendentes, ocorreu de forma imperfeita e na oralidade, de modo que, como bem coloca Darcy Ribeiro (1995, p. 220), “a primeira tarefa cultural do negro brasileiro foi a de aprender a falar o português que ouvia aos berros do capataz”.

Por esta razão, Lucchesi e Baxter (2009, p. 101) nos explicam que

tal processo de nativização da língua dominante ocorre de maneira irregular no sentido de que os dados linguísticos primários de que as crianças que nascem nessas situações dispõem para desenvolver a sua língua materna provêm praticamente de versões de segunda língua desenvolvidas entre os falantes adultos das outras línguas, que apresentam lacunas e reanálises em relação aos seus mecanismos gramaticais. Tal processo diferencia-se da situação de transmissão geracional normal das línguas humanas, em que as crianças dispõem de dados linguísticos mais completos fornecidos pela língua materna dos seus pais.

Tendo em vista essa afirmação, notamos o porquê desse processo de transmissão linguística ter sido denominado pelos referidos autores como sendo “irregular”, já que não foram em condições naturais que o negro e o índio foram submetidos à aprendizagem da língua portuguesa, mas em situações precárias de aprendizagem. Diante deste contexto, foi por essa razão que as crianças nascidas nessas situações tinham como língua materna um português que apresentava lacunas em relação aos seus mecanismos gramaticais. Lucchesi (2012, p. 250) ratifica essa afirmação, ao declarar que

essas mesmas condições possibilitaram que as alterações produzidas pela aquisição defectiva do português como segunda língua por parte de milhões de índios aculturados e africanos escravizados se espraiassem na variedade de português que se formou entre os descendentes desses índios e africanos cuja resultante histórica na atualidade são as variedades populares do português do Brasil.

Entretanto, Lucchesi (2012) afirma que a formação do PB não deve ser entendida como um processo de transmissão linguística irregular radical, que está na origem das línguas pidgns e crioulas típicas, mas sim como um processo de transmissão linguística do tipo leve. Este último se caracteriza, assim, não por uma reestruturação original da gramática, como ocorre na pidginização/crioulização, mas por uma erosão dos mecanismos gramaticais que não têm valor informacional. Deste modo, os efeitos mais notáveis do processo de transmissão linguística irregular no português brasileiro contemporâneo se concentrariam no maciço processo de variação no emprego das regras de concordância nominal e verbal.

Segundo Lucchesi (2003), a perda da morfologia flexional e de regras de concordância, como a variação existente na concordância nominal de número, pode ser considerada como uma decorrência do processo de *transmissão linguística irregular*, desencadeado pelo contato do Português com as diversas línguas africanas e indígenas que coexistiram no país a partir da fase de seu povoamento. Esse fato teria, assim, originado, no Brasil, novos processos de variação e mudança.

Logo, conforme afirma Lucchesi (2006), diante da diversidade linguística, o código de comunicação emergencial que se forma nesse contexto é caracterizado por uma drástica redução nos mecanismos gramaticais da língua alvo (no caso, o português), sobretudo, em suas regras de concordância nominal e verbal, que não veiculam um conteúdo informacional específico. Como esse código de comunicação emergencial acabou por se impor sobre as línguas nativas dos índios e escravos africanos, servindo de modelo para a aquisição da língua materna de seus descendentes, é previsível que os reflexos dessa redução gramatical se façam sentir nas variedades da língua portuguesa que se formaram nessa situação.

As mais recentes pesquisas no campo da transmissão linguística irregular tem demonstrado que esse é um amplo conceito que tem sido capaz de abarcar e interpretar muitos processos históricos em que o português sofreu alterações/variações.

Com base no que foi aqui exposto, considerando-se os aspectos sócio-históricos, percebemos que o PB se originou e se desenvolveu em uma contextualização multilíngue complexa e de efeito precário. Tal desenvolvimento acarretou numa polarização social e linguística que definem as feições atuais da realidade linguística brasileira. No próximo capítulo, trataremos a respeito desse assunto.

5 A POLARIZAÇÃO LINGUÍSTICA DO PB: O PORTUGUÊS POPULAR VERSUS O PORTUGUÊS CULTO

Com base nas considerações aqui expostas sobre o contato linguístico e suas implicações linguísticas e sociais, podemos afirmar que a formação histórica da realidade linguística brasileira é marcada, como bem designou Lucchesi (2001), por uma polarização sociolinguística. Desse modo, como resultado da complexa história de formação do PB, o autor se refere à existência de dois polos: as normas vernaculares e as normas cultas.

De acordo com o que postula a ideia da polarização sociolinguística, enquanto, por um lado, há o português culto brasileiro, representado pela fala de uma elite que sempre teve os olhos voltados para a Europa, em busca de seus modelos culturais e linguísticos que, disseminado pelo processo de escolarização, forjou os elementos definidores da originalidade cultural e linguística do Brasil, por outro lado, há o português popular³⁵ brasileiro, falado por aqueles que estão distantes dos modelos das variedades cultas, pertencentes às classes sociais mais baixas. Diante desses polos, notamos que, não só a história social, mas também a linguística, é igualmente bifurcada.

Conforme afirma Lucchesi (2009, p. 31 – grifo nosso)

[...] no cenário polarizado da formação histórica da realidade linguística brasileira, o contato entre línguas afetou diretamente a formação dos padrões coletivos de fala da maioria da população do país (o que se denomina aqui de **norma popular**) e só indiretamente a fala das classes economicamente privilegiadas, tradicionalmente chamada de **norma culta**.

A partir dessa citação, observamos que a norma popular é marcada por um conjunto de mudanças estruturais induzidas pelo contato entre línguas no Brasil, durante a sua fase de povoamento, enquanto a norma culta, embora afetada indiretamente pelo contato linguístico, derivou os padrões linguísticos da elite da Colônia e do Império, intensificado pelo processo de escolarização. Nesse sentido, conforme preconiza Lucchesi (2006), a consideração desse cenário polarizado é crucial para a compreensão dos grandes processos de mudança em curso desde o século XX, os quais vão definir as feições atuais da realidade linguística brasileira.

Para a compreensão da constituição histórica que define o português popular brasileiro atual, faz-se necessário observar, como bem coloca Mattos e Silva (2001, 2006), o confuso cenário linguístico dos três séculos seguintes à chegada dos primeiros portugueses ao país, cujos “atores principais”, são: a) mais de mil línguas indígenas, de vários troncos e famílias

³⁵ Aqui, “popular” se apresenta simplesmente como sinônimo de “substandard” ou “não-padrão”, opondo-se, claramente, às expressões “culto”, “padrão” ou “standard”.

linguísticas, no início da colonização; b) portugueses letrados, que faziam parte da elite econômica e cultural, ou seja, o clero e os administradores da colônia, e não-letrados, representados pelos colonos, o povo português, de diferentes regiões de Portugal; c) os africanos, falantes de diversos troncos linguísticos e d) os imigrantes açorianos, europeus da Europa Central e asiáticos do Oriente Médio e Extremo Oriente, que se deslocaram para o Brasil em um processo de imigração que se intensificou a partir do século XX.

Outro fato a ser considerado no processo de formação do português popular brasileiro, além do aspecto demográfico aqui brevemente discutido (*cf.* Subitem 4.2), é a organização político-econômica do país.

Sabe-se que a organização político-econômica do país girava em torno de uma sociedade rural, onde a maioria da população, sobretudo aquela que servia de mão-de-obra escrava, era excluída da vida social dos centros urbanos e, conseqüentemente, ficava distante do português culto, modelo mais próximo do PE. Diante desse quadro, o português europeu adquirido pelos indígenas e africanos adultos, como L2, através de um processo de transmissão linguística irregular, defectiva e imperfeita, sofreu inúmeras modificações.

Sobre isso, Mattos e Silva (2004) afirma que, tendo em vista os dados demográficos da população de africanos e afro-brasileiros da população colonial, assim como a forma de aquisição da língua portuguesa como *second language learning effect* (KROCH; TAYLOR, 1994), teria sido essa significativa parcela da população o agente difusor do que designou de *português geral brasileiro*³⁶, antecedente histórico do português popular do Brasil. Dessa forma, como bem coloca Mattos e Silva (2004, p. 85), “onde está o homem, está a sua voz, e essa voz veiculava, certamente, o português geral brasileiro, que se pode conjecturar como altamente diversificado e variável”³⁷.

Além desse fato, a polarização do português brasileiro também foi atenuada por alguns processos que alteram a organização do país, como o crescimento da urbanização e da escolarização.

No panorama da polarização linguística do Brasil, a chamada norma culta teria se formado e se concentrado em reduzidos núcleos urbanos fixados, principalmente, no litoral. Em contrapartida, no interior do país, o português popular brasileiro ia se constituindo, falado,

³⁶Este termo foi utilizado por Mattos e Silva (2001, 2004), para designar o antecedente histórico do português popular do Brasil.

³⁷ Conforme afirma Mattos e Silva (2006, p. 84-85), o português geral brasileiro foi sendo difundido pelos africanos e afro-brasileiros, tendo em vista os papéis sociais por eles desempenhados, isto é, “múltiplos e pequenos, mas essenciais, papéis tanto no interior das famílias dos colonizadores, como atividades externas indispensáveis, tanto nos núcleos urbanos em formação como no mundo rural da colônia”.

sobretudo pela maioria da população formada por africanos e seus descendentes mestiços e endógenos, além dos indígenas, e secundados por um reduzido núcleo de capatazes, senhores, colonos pobres de origem europeia. Com isso, variedades muito alteradas da língua portuguesa iam se formando em função da aquisição imperfeita do português como L2.

Até o início do século XX, mais de 80% da população vivia no campo. Entretanto, devido ao grande êxodo rural, ocorrido em meados desse século, houve uma grande concentração da população brasileira nos centros urbanos. Neste contexto, o deslocamento massivo da população rural para a periferia das grandes cidades transformou em variação diatrática o que antes era variação diatópica.

Muitos aspectos característicos da variedade popular foram levados para a norma culta, por meio, por exemplo, da chegada dos imigrantes no século XIX, que, após aprenderem o português popular com os trabalhadores locais, ascenderam socialmente.

Lucchesi (2009) afirma que, se os retirantes levaram para a área urbana os seus padrões linguísticos e culturais, também foram adquirindo forçosamente, em seu processo de integração, os padrões urbanos de maior valor simbólico, dando origem ao que ele denominou de *rurbano*³⁸, embora, tradicionalmente, o campo seja mais refratário à normatização linguística, já que este é um fenômeno em grande medida urbano. Entretanto, como o referido autor elucida, devido ao avanço tecnológico e educacional, assiste-se no interior do país a um grande processo de “nivelamento linguístico”, com a difusão dos padrões urbanos cultos, ou semicultos, de um modo que as marcas mais notáveis do contato linguístico do passado tendem a um progressivo desaparecimento.

Nesse sentido, Lucchesi e Baxter (2006) afirmam que, no século XX, a intensificação do ensino básico, o crescimento da industrialização e dos meios de transporte, assim como também o importante papel dos meios de comunicação de massa contribuíram para diminuir ainda mais as diferenças entre as falas das elites urbanas e as das populações pobres rurais, permitindo, com isso, que certas mudanças ocorridas na fala popular penetrassem na fala das camadas mais altas, correspondendo a uma tendência de mudanças de baixo para cima, ao passo que também eliminavam, na fala popular, as marcas mais características do processo de transmissão linguística irregular ocorrido nos séculos anteriores, numa tendência de mudança de cima para baixo.

Dessa forma, numa perspectiva de mudança, defende Dante Lucchesi (1994) que a norma culta, ou seja, os padrões de uso dos segmentos escolarizados, dos falantes das classes

³⁸ Este termo foi utilizado por Lucchesi (2009, p. 33) para designar o caráter híbrido presente na integração entre o rural e o urbano.

média e alta, tende a perder características que a aproximam do padrão europeu original, e a norma vernácula tende a adquirir características que a aproximam da norma culta, num processo de convergência, mas com nítidas diferenças quanto aos padrões de usos e aos sistemas de valores que subjazem a esses padrões. Dentre os fatos sintáticos observados, utilizados para a sua argumentação, o referido autor cita a variação da concordância, com base nos estudos de Gregory Guy e Anthony Naro, dos inícios dos anos 1980.

Diante desse panorama, percebe-se o quanto a língua reflete as estruturas sociais do povo que a fala, pois, conforme discutido aqui, ao longo da história, enquanto há as normas cultas brasileiras, restritas às camadas sociais mais altas, há o português geral brasileiro e, depois, o português popular, falado pela população que, através dos séculos, ficou às margens sociais. Por isso, Lucchesi e Baxter (2006, p. 189) afirmam que “[...] o que ocorreu e ainda ocorre no Brasil, é um violento processo de segregação social, com evidentes reflexos linguísticos”. Isso é perceptível na estigmatização sofrida pelas normas vernáculas da população pobre e/ou rural, e, mesmo que o quadro de polarização tenha sido atenuado, as suas marcas ainda são mantidas.

A seguir discutiremos um pouco sobre a necessidade de formação de *corpora* para o estudo da vertente popular.

5.1 A IMPORTÂNCIA DE PESQUISAS EM *CORPORA* PRODUZIDOS POR INÁBEIS PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL

Para a Linguística Histórica, a escrita por “mão inábeis” tem especial relevância, considerando-se a dificuldade de encontrar textos que reflitam a escrita cotidiana e vernacular. É bem verdade que alguns achados têm modificado essa realidade e têm tornado possível o acesso, por vias escritas, à vertente popular, como por exemplo, as atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos³⁹, escritas por africanos e negros brasileiros forros (OLIVEIRA, 2006), e as cartas pessoais do sertão baiano, produzidas “mãos inábeis” (SANTIAGO, 2012). Amostras desse tipo podem contribuir significativamente para a reconstrução dos aspectos sócio-históricos e linguísticos da vertente popular que, segundo Matos e Silva (2001), é fruto do contato linguístico intenso entre povos e línguas distintas que caracterizou o multilinguismo dos primeiros séculos de colonização do Brasil.

³⁹ Irmandade negra originada em 1832, cujas atas aí existentes constituíram o *corpus* para o trabalho de Oliveira (2006) e para desenvolvido de um estudo em torno da variação da concordância nominal de número, realizado por Oliveira, Souza e Coelho (2009).

Foram encontradas, nas atas dos africanos, como assim ficou conhecido o *corpus* do trabalho de Oliveira (2006), marcas de inabilidade na escrita de alguns remetentes das atas. Ao desenvolver, um estudo sobre a variação da concordância de número nestes textos, Oliveira, Souza e Coelho (2009) verificaram que, além de nenhum autor ter escapado à variação neste fenômeno, dois deles apresentavam mãos estacionadas em competência gráfica elementar.

No *corpus* de Santiago (2012), por sua vez, também foram encontradas marcas de inabilidade, por meio de uma análise grafofônica detalhada. Essas cartas, ao contrário das atas, são documentos de circulação privada e possuem especial valor para a realização de estudos linguísticos, por ser uma documentação rara, cujos autores, pouco escolarizados, em nível incipiente de aquisição da escrita, produziram textos que se distanciam das convenções da escrita, aproximando-se, em muitos aspectos, da fala.

Ambos os conjuntos são materiais significativos para o estudo do português brasileiro, sobretudo por constituírem fontes para o estudo da variedade linguística de indivíduos não cultos, as mais difíceis de serem encontradas, já que, como bem ressalta Mattos e Silva (2008, p. 23), o português popular brasileiro “fez-se e faz-se na oralidade”, o que coloca a sua recuperação como mais propícia de indícios⁴⁰. Por isso, a reconstrução aqui pretendida corresponde a uma aproximação do chamado português popular brasileiro feito, a partir do *corpus* então apresentado.

Para tanto, apresentaremos, no capítulo seguinte, alguns aspectos acerca do contexto sócio-histórico e linguístico de comunidades rurais da Bahia, correspondentes aos locais de origem dos redatores das cartas que constituem o *corpus* deste trabalho.

⁴⁰ Assume-se aqui a visão proposta pelo antropólogo-historiador Carlo Guinzburg (1989, p. 157), que defende a ideia de que a história social das línguas se insere num paradigma indiciário, uma vez que “o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural”.

6 CONSIDERAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DO SEMIÁRIDO BAIANO

Como se sabe, as cartas que compõe o *corpus* em estudo foram escritas ao longo do século XX, por remetentes pouco escolarizados, em níveis incipientes de aquisição de escrita, oriundos da zona rural de três municípios do semiárido baiano, a saber, Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu. Tendo em vista a localização de documentos que são mais próximos de uma escrita cotidiana, produzidos por aqueles que não possuem maior domínio das habilidades de escrita, podemos dizer que estamos diante de um *corpus* singular e representativo da vertente popular do PB.

Em uma comunicação apresentada ao *III Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), com o título *Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa*, Mattos e Silva (2002, p. 407 – grifo nosso) aponta como essencial para a recuperação da história do português brasileiro

[...] o estudo vertical das variantes populares do português brasileiro, não só as urbanas, como vem sendo feito pela Sociolinguística, mas nas suas variedades rurais de todo o Brasil, **conectando os estudos dos usos do presente com a história das comunidades rurais, não só aquelas que têm um passado profundamente marcado pela presença africana e afro-brasileira, [...] mas as outras com histórias diversificadas.**

Nesse sentido, é preciso recuperar a história das variantes populares também com o estudo das variedades dos não-escolarizados das diversas áreas rurais do Brasil. Assim, assumindo a sugestão dada por Mattos e Silva (2002), é que essa pesquisa se desenvolve.

Neste capítulo, comentaremos a respeito de alguns aspectos sócio-históricos e linguísticos da região de origem dos autores do *corpus* deste trabalho.

6.1 A ORIGEM DOS MUNICÍPIOS DE RIACHÃO DO JACUÍPE, CONCEIÇÃO DO COITÉ E ICHU

Embora não haja, por parte dos historiadores, um consenso definido sobre as origens do processo de ocupação da região do semiárido baiano, algumas explicações são dadas para elucidar esse processo.

De acordo com o historiador Tavares (2001), a conquista do território baiano começou ainda na primeira metade do século XVI e, já no século seguinte, houve a divisão das terras brasileiras em capitanias hereditárias, instituindo-se as sesmarias. As sesmarias tinham como objetivo incentivar a ocupação das terras e estimular a vinda dos colonos. Desse modo, o

sesmeiro seria proprietário das terras que ele conseguisse colonizar, dentro de um prazo previamente estabelecido pela Coroa Portuguesa.

A região correspondente à sesmaria das nascentes do Jacuípe e do Itapicaru, também conhecida como sesmaria dos Tocós, era pertencente ao português Antônio de Brito Correa e seu filho, o capitão Antônio Guedes de Brito, que a denominaram de Sertão dos Tocós e Pindá. Dentre as diversas concessões feitas pelo governo da província da Bahia a Guedes de Brito, a sesmaria dos Tocós foi concedida em meados do século XVII como prêmio pelas batalhas de que participou em defesa do território da Bahia. Ali, Guedes de Brito ter-se-ia responsabilizado por promover a colonização do local, controlando os índios que por lá teriam permanecido. Sobre isso, o historiador Santos (2010), em sua tese intitulada *Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750*, afirma que há uma declaração emitida por Antônio Guedes de Brito, a pedido da Coroa Portuguesa, a respeito das terras por ele possuídas, na qual afirma que ele foi o primeiro povoador português dos Tocós, lugar onde concebeu fazendas de gado e estradas.

É válido ressaltar que, sendo “Tocós” o nome de um rio que banha, atualmente, alguns municípios do semiárido baiano, infere-se que a nomenclatura desse rio pode fornecer indícios sobre a população autóctone e, assim sendo, sobre os primeiros grupos linguísticos da região. Como bem ressaltou Santiago (2012), os índios “Tocós” ou “tociós”, possivelmente pertencentes ao grupo linguístico Kariri, foram os povos primitivos que ocuparam a região, antes da ocupação portuguesa. Por isso, o nome do rio Tocós.

Segundo Freire (2011), a sesmaria de Tocós correspondia às terras de Itapororocas, Água Fria e Jacuípe. Esta última, Jacuípe, era correspondente ao território onde posteriormente fundou-se o município de Riachão do Jacuípe, e era a maior de todas elas, compreendendo 120 léguas.

Em 1822, ficou definitivamente suspensa a concessão das sesmarias, que, desde alguns anos, já não mais existiam. Dessa forma, as terras foram divididas, através de vendas, heranças, arrendamentos, com posses indevidas e até abandonos, fazendo com que, pouco a pouco, os grandes latifúndios fossem reduzidos, cedendo espaço aos “currais de coronéis”.

Geograficamente localizadas à borda dos rios, local propício à criação de gado e abastecimento dos moradores e viajantes que por ali passavam, essas terras propiciaram a fundação de muitas fazendas na região, dentre as quais se podem citar, conforme afirma Sampaio (2010), a Fazenda “Riachão”, Umbuzeiro, Boqueirão, Poços, São Bartolomeu, Cajazeiras, Bonsucesso (uma das mais antigas, que foi vendida, posteriormente, a um Senhor

da família Carneiro⁴¹), Lajes (que pertencia a um coronel da família Carneiro), Angico e muitas outras, pertencentes, até então, ao território do município baiano de Jacobina.

Situada às margens do rio Jacuípe, foi a fazenda “Riachão” que deu origem, posteriormente, ao município de Riachão do Jacuípe. Para tanto, em agosto de 1878, conforme lei assinada pelo Barão Homem de Mello, Riachão do Jacuípe foi elevado à categoria de Vila, e pela mesma lei foi criado o município, com o nome de Villa de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe, sendo-lhe anexadas as freguesias de Nossa Senhora da Conceição do Coité e Nossa Senhora da Conceição do Gavião.

Como se pode observar, então, infere-se que a cidade de Conceição do Coité começou por uma povoação – a exemplo de tantas outras na Bahia –, com a condição e o aspecto de fazenda ou sítio (moradia de uma família). Apenas em julho de 1933, é que Conceição do Coité foi elevada à categoria de município, sendo desmembrado de Riachão do Jacuípe.

Com relação à Ichu, sabe-se que ocorreu um processo semelhante à Conceição do Coité. Primeiramente, Ichu era um distrito subordinado ao Município de Riachão do Jacuípe e apenas mais recentemente, em julho de 1962, foi elevado à categoria de município e desmembrado de Riachão do Jacuípe.

6.2 A PRESENÇA INDÍGENA E AFRICANA/AFRODESCENDENTE E A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA LINGUÍSTICA DO SEMIÁRIDO BAIANO

Sobre a presença histórica de indígenas e africanos/afrodescendentes na região, existem algumas informações a respeito desse fato.

Como dito anteriormente, o próprio nome do Rio Tocós pode fornecer indícios sobre a presença indígena nessa região, fato esse que seria a razão para a nomenclatura do rio. Outra informação é dada pelo historiador Santos (2010), que afirma que há uma declaração de Antônio Guedes de Brito, na qual consta que ele ocupou a região do Tocós e que, para isso, fez as pazes com os índios cariocas, orizes, sapóias e carapaus. De acordo com Santos (2010, p. 127), “esses índios foram utilizados pelo sertanista como barreira contra os ataques dos índios rebeldes às fronteiras do ‘Inhambupe e Natuba’”. Além disso, há uma vaga informação no Conselho Ultramarino⁴², datado da segunda metade do século XVII, na qual os irmãos Veigas

⁴¹ O sobrenome “Carneiro” é muito comum, até hoje, nessa região, sendo esse o sobrenome de grande parte dos informantes desse *corpus*.

⁴² O Conselho Ultramarino foi um órgão criado em 1642, em Lisboa, e regulamentado pelo Regimento de 14 de Julho de 1642, para tratar de assuntos e negócios referentes às terras ultramar. Foi instalado em 2 de dezembro de 1643 e presidia, à época, D. Jorge de Mascarenhas, marquês de Montalvão e antigo vice-rei do Brasil.

pediram aos jesuítas que assistissem e doutrinassem os índios existentes nos territórios onde existiam currais. Os padres aceitaram e conseguiram civilizar a maior parte deles, tornando-os cristãos. Essas informações podem indicar a existência da presença indígena nessa região, ainda que não seja propriamente nas áreas onde se localizam atualmente os municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu.

Em se tratando da presença africana/afrodescendente, entende-se que, devido à predominância da atividade pecuária e à agricultura de subsistência, o número de escravos na região do semiárido baiano tenha sido menor, principalmente quando comparado ao número de escravos que existia em regiões como a do recôncavo baiano. Sobre isso, Lacerda (2008, p. 47) afirma que a menor quantidade de escravos nessa região, se comparada a regiões como o Recôncavo, era devida “tanto a alta dos preços dos cativos que impossibilitava sua comercialização em regiões tão inóspitas quanto à própria natureza dos serviços locais [...] não havendo necessidade da utilização de escravos, além das dificuldades para uma severa fiscalização”.

Apesar de não haver muitos estudos sobre a escravidão no sertão da Bahia, as informações transmitidas pela literatura são de um local, geralmente, sem conflitos e desentendimentos. Sobre isso, Rios (2003), ao tratar do silenciamento em torno da questão da escravidão na história local, indica a existência de um pequeno número de escravos na, até então, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Coité, conforme podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 3 – Quantidade de escravos por proprietário

Nº de escravos	Quant. de proprietários	%
01	110	59,8
02	27	14,7
03	12	6,5
04	13	7,1
05	07	3,8
06 a 09	13	7,1
+ de 10	02	1,0
Total	184	100,0

Fonte: Rios (2003, p. 60)⁴³

⁴³ Rios (2003) levantou essas informações a partir dos Livros de Escritura (1856- 1859, 1863-1868, 1869-1875 e 1876-1883).

De acordo com Rios (2003), a posse de escravos sinalizava poder na estrutura social da região. Como se pode ver através da tabela, era pouco o número de escravos por proprietário. Somente dois proprietários possuíam mais de dez escravos, representando apenas 1% do total da posse de escravos naquela região.

A presença de negros na região também foi notificada por Sampaio (2010), ao apresentar registros de fontes orais e a presença de porões e troncos das antigas casas de senhores. Ainda de acordo com esta pesquisadora, foram encontrados inventários de propriedades com registros de escravos, a exemplo das fazendas Cajazeiras e Angico.

De fato, diante de algumas evidências, nota-se que houve a presença da mão-de-obra escrava na região do semiárido baiano. Entretanto, além da menor quantidade de escravo nessa região, Lacerda (2008) aponta que existia também uma diferença quanto à relação entre senhores e cativos no sertão.

Segundo a referida historiadora, numa região em que predominava a pequena propriedade e pequenos senhores de escravos, onde, sem dúvida, o trabalho escravo, provavelmente, convivia diretamente com a família do proprietário, as relações entre senhor e cativo podem ser caracterizadas como mais íntimas, principalmente, devido à ausência de feitores. Sobre isso, Neves (1998, p. 254) afirma que “o fato de pequenos proprietários e suas famílias trabalharem juntos com seus cativos possibilitava maior proximidade entre escravos e senhores, o que facilitava maior controle individualizado do cativo e uma utilização, por parte do escravo, dessa relação para amenizar a degradação do cativo”. Nesse caso, possuindo um número menor de escravos, é muito provável que os senhores permitissem que esses escravos também cultivassem a terra de forma independente.

Em suma, por haver um número menor de escravo nessa região, é, primeiramente, a figura do vaqueiro, no trabalho com o gado, e, depois, a do lavrador, na cultura dos cereais, que marca o trabalho na região do semiárido baiano.

Com relação à formação linguística do semiárido baiano, é necessário fazer, antes, algumas considerações a respeito do processo de escolarização do Brasil.

De modo geral, no Brasil, de acordo com o que relata Mattos e Silva (2004), até o século XVIII, apenas 0,5% da população era letrada. Ao longo do século XIX, até 1920, essa taxa aumenta para 20 a 30% da população. No século XX, no entanto, o panorama pouco mudou e o percentual relativo aos índices de letrados continuou semelhante.

Em 1990, o Relatório Técnico emitiu uma nota, resultante de uma Comissão de alta nomeada do Ministério da Educação, afirmando que o sistema educacional cresceu, mas não educa. Enquanto, no período do 1º grau somente 38% concluem a 1ª série, menos de 25%

chegam ao 2º grau e apenas 17% o concluem. Somente 10% da população geral alcançam as universidades.

Diante disso, observando um panorama geral do Brasil, até o final do século XX, apenas uma minoria da população era, de fato, letrada, admitindo-se que são letrados todos os que concluem o 1º grau. Sobre este aspecto, Mattos e Silva (2004, p. 41) afirma que

esses dados históricos esboçados sobre a escolarização no Brasil permite-nos entrever que são as variantes orais dialetais espaciais e verticais que dominam o português brasileiro geral. O ideal normativizador – primeiro lusitanizante, depois em função de um padrão culto brasileiro – desencadeado no século XIX não teve vez de se implantar efetiva e generalizadamente no Brasil, restringindo-se apenas a uma minoria economicamente privilegiada e a alguns quantos, seres excepcionais, que rompem as limitações impostas pelo desenvolvimento econômico e cultural perverso do Brasil, desde as suas origens.

A consideração desses dados sobre a escolarização do Brasil é de suma importância para que observemos como esse processo não conseguiu se implantar efetivamente no vasto território nacional. Na região do semiárido baiano não foi diferente.

O processo de escolarização precário e as diversas irregularidades em seu funcionamento no interior da Bahia afastaram a possibilidade de falar-se um português culto nessa região, preponderando, com isso, o desenvolvimento de um português popular. Segundo Carneiro e Almeida (2011), é o português popular, falado pela grande população, em sua maioria mestiça, que teve mais chances de se desenvolver e se manter, reinando, praticamente, sozinho até o início do século XX. Por isso, a partir de dados referentes ao fim do período imperial e início do republicano, as referidas autoras afirmam ainda que, se o processo de escolarização ocorreu nessa região, talvez só seja possível falar de um “[...] português semi-culto e, principalmente, de um português popular” (CARNEIRO; ALMEIDA, 2011, p. 546).

Com relação à difusão do português na região do semiárido baiano, as autoras destacaram ainda que, com as estradas das boiadas, “[...] o processo da agropecuária deve ter sido um fator importante para a difusão e propagação da língua portuguesa pelos sertões da Bahia. Essa difusão inicialmente deve ter se dado através da boca de brancos pobres e descendentes de índios e escravos brasileiros” (CARNEIRO; ALMEIDA, 2011, p. 608-609). Além disso, é importante observar que, como as relações entre senhor e cativo eram mais íntimas, o processo de integração linguística no semiárido ocorreu de forma menos intensa do que em outras regiões, como na zona açucareira e na zona de mineração, por exemplo.

Este cenário, formado pelo entrelaçamento de relações históricas e socioeconômicas, fornece pistas do processo de implantação e difusão do português popular brasileiro nessa região do semiárido baiano. Como a existência dos quilombos, no semiárido, foi dispersa,

segundo as autoras, e não há confirmação de núcleos quilombolas nessas cidades, tudo indica que os índios logo foram obrigados a falar a língua do colonizador, fazendo com que o português fosse difundido principalmente através das estradas de gado.

Na próxima seção, abordaremos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa e apresentaremos, detalhadamente, o *corpus*, através da descrição de alguns fatores externos.

PARTE III

Pressupostos teórico-metodológicos e a descrição do *corpus*

A *Parte III* tem como objetivo abordar os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa, apresentando uma caracterização do *corpus* em estudo e os trabalhos que caracterizam um inábil.

7 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa assume, de modo geral, a ideia defendida pela Linguística Histórica *stricto sensu*, assim denominada por Mattos e Silva (2008), que tem como realidade empírica central o fato de que as línguas mudam ao longo do tempo. Nesse sentido, considera-se aqui, através da sócio-história, os fatores extralinguísticos ou sociais, e os fatores intralinguísticos, como trata a sociolinguística proposta pela teoria laboviana de variação e mudança. Dito isto, cumpre destacar que o nosso estudo apoia-se também no que postula a teoria da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), na direção do que é defendido por Labov (1972), para quem a mudança deve ser explicada não somente por argumentos internos ao sistema, mas também pelos externos.

As pesquisas de campo realizadas por William Labov na década de 1960 (*cf.* LABOV, 1972) e a sua teoria, presente no livro *Empirical Foundations for Theory of Language Change* – o texto programático da Sociolinguística Variacionista –, publicado em 1968, abriram um largo e importante caminho para a análise da dimensão sócio-histórica dos fenômenos linguísticos e para a consideração da variação linguística no funcionamento da língua e no seu processo histórico de constituição (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Nesta perspectiva, assume-se aqui a premissa de que as variações e as mudanças que ocorrem na língua são frutos também da relação existente entre língua e sociedade, uma vez que, além dos fatores internos à estrutura da língua, as condições sociais influem no modo de falar dos indivíduos, gerando certas variações na maneira de empregar uma mesma linguagem. Tal assertiva faz parte do que defende a Sociolinguística Variacionista, na qual há uma preocupação em estudar a língua em seus diversos contextos de usos dentro da comunidade de fala.

No trabalho com o *corpus* de fases pretéritas, a Filologia assume um papel importante, principalmente no que diz respeito à constituição dos *corpora* diacrônicos. Posto isto, cumpre destacar que este trabalho atende à agenda do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), estruturada em três campos inter-relacionados de investigação: a) **um campo histórico-filológico**, visando à constituição de *corpora* diacrônicos de documentos de natureza vária, escritos no Brasil, a partir do século XVI; b) **um campo gramatical**, visando ao estudo

de mudanças linguísticas depreendidas na análise dos *corpora* constituídos; e c) **um campo de história social linguística**, visando à reconstrução mais ampla da história social linguística do Brasil e, em particular, do português brasileiro (cf. MATTOS E SILVA, 2001).

Diante disso, com relação ao campo (a) utilizaremos a edição semidiplomática fac-similar das cartas de inábeis, datadas entre 1906 e 2000, realizada por Santiago (2012), em sua dissertação de mestrado, cujo caráter conservador permitiu o mínimo de intervenções, basicamente, desdobramento de abreviaturas para facilitar a compreensão, e sem nenhum tipo de correção. As cartas são datadas, localizadas e com os remetentes identificados com todos os aspectos sociolinguísticos, com um perfil completo e com um levantamento também exaustivo de aspectos socioculturais. Deste modo, atendemos também ao campo (c), já que Santiago (2012) fez o levantamento da história social linguística local, cujas informações serão utilizadas para a análise neste trabalho. Isto feito, o presente estudo busca corresponder ao item (b), já que estamos diante de uma edição que oferece indícios da variante popular do PB, sobre a qual se propõe um estudo de um aspecto gramatical, através da descrição dessas cartas no âmbito da morfossintaxe, buscando realizar uma análise da variação de número na aplicação da regra de concordância no sintagma nominal neste *corpus*.

É bem verdade que não é uma tarefa fácil desenvolver um estudo gramatical, capaz de contribuir com a reconstrução da história social e linguística do português popular brasileiro, ainda mais se tratando do tipo de *corpus* utilizado na pesquisa do qual resultou esta dissertação: um conjunto de cartas escritas no século XX, por sertanejos baianos, de origem popular, pouco escolarizados, em fase inicial de aquisição da escrita, oferecendo, assim, certas dificuldades para análise. Entretanto, diante da análise aqui proposta, estamos assumindo este compromisso com a plena consciência de que não é tão simples tentar encontrar marcas da oralidade refletidas nos textos escritos, o que nos faz esclarecer, portanto, que as descrições do campo (b) são apenas aproximativas.

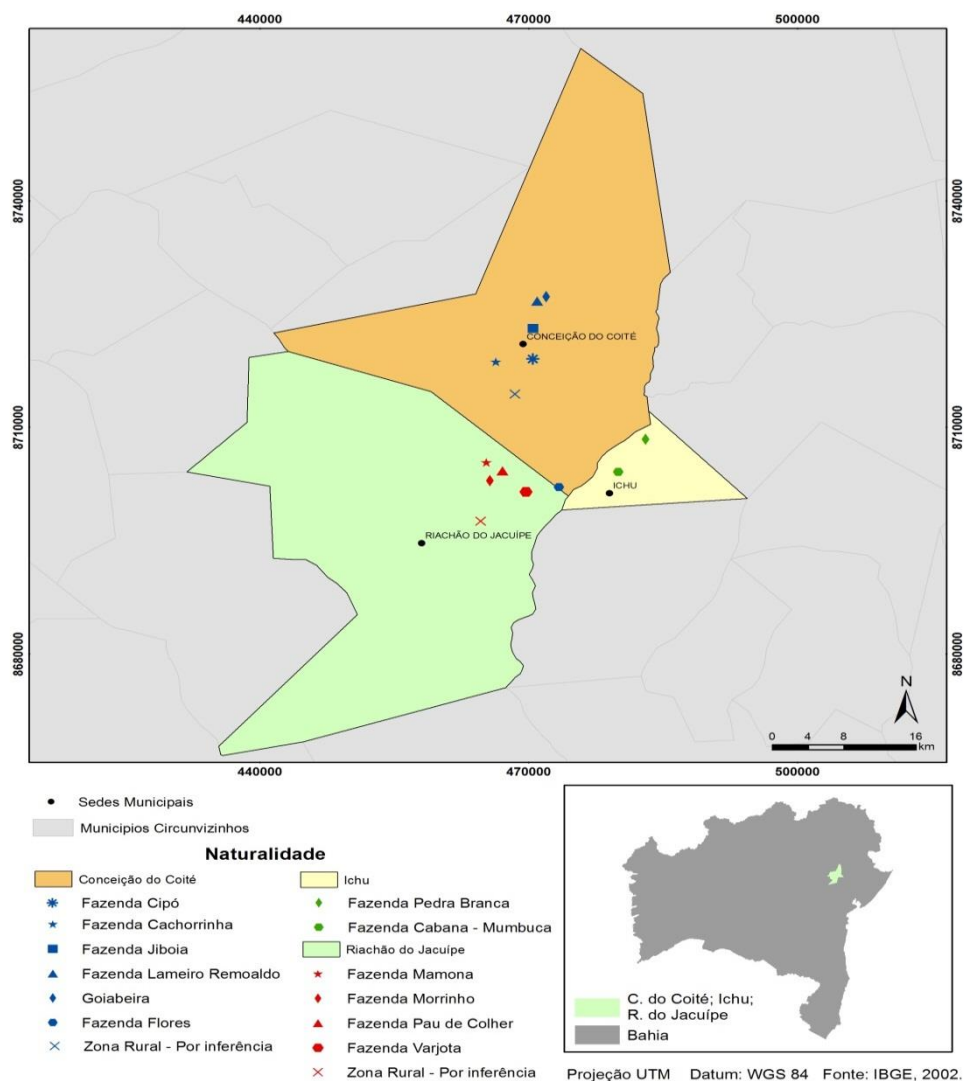
7.1 O CORPUS EM ESTUDO

Correspondente ao período que vai de 1906 a 2000, o material utilizado neste trabalho é constituído por um conjunto de 91 cartas pessoais⁴⁴, transcritas por Santiago (2012), escritas

⁴⁴ Esses documentos fazem parte do *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS), do *Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do PB*, coordenado pela Professora Dra. Zenaide de Oliveira Novaes Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santana. A transcrição dos documentos adota as normas do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB).

por 43 remetentes (23 mulheres e 20 homens) que possuem pouca escolarização, nascidos nas zonas rurais dos municípios do sertão baiano, a saber, Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu (*cf.* Figura 1).

Figura 1 – Mapa da região sisaleira da Bahia: municípios de Conceição do Coité, Ichu e Riachão do Jacuípe



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme podemos observar no mapa, Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu são municípios circunvizinhos e pertencem à região do semiárido baiano, localizadas na macro-área da região da bacia do Jacuípe, unidos pela cultura do sisal. O fato de serem localidades limítrofes pode ter possibilitado a circulação constante dessas cartas na região. Esse argumento pode ser sustentado se considerarmos, como afirma Sampaio (2010), o fato de que, na região de Riachão do Jacuípe, por exemplo, até meados do século XX, os meios de comunicação eram precários e as notícias demoravam dias para chegar ao destino, sendo, geralmente, trazidas por caixeiros viajantes, tropeiros ou vaqueiros que conduziam as boiadas. Nesse sentido, de acordo

com Santiago (2012), foram poucos os envelopes que apresentaram selos, já que muitas cartas eram trocadas entre fazendas de um mesmo município ou de municípios vizinhos, não havendo necessidade do uso dos serviços dos Correios.

Ao subdividirmos o total de cartas por município, obtivemos as seguintes informações:

- a) *Amostra I*: amostra de 58 cartas pessoais de remetentes da zona rural de Riachão de Jacuípe;
- b) *Amostra II*: amostra de 24 cartas pessoais de remetentes da zona rural de Conceição de Coité;
- c) *Amostra III*: amostra de 9 cartas pessoais de remetentes da zona rural de Ichu.

As cartas pessoais que compõem este *corpus* possuem caráter afetivo, e, dentre outros motivos, foram escritas para expressar saudades, obter notícias de familiares e fazer pedidos, enviadas por amigos, compadres, namorados, cunhados, sobrinhos, irmãos, filhos e mãe. Nesse sentido, são materiais significativos para a temática deste estudo, já que a informalidade é uma característica marcante do *corpus* em questão e, com isso, podem revelar produções que se distanciam das convenções da escrita, aproximando-se, em muitos aspectos, da fala.

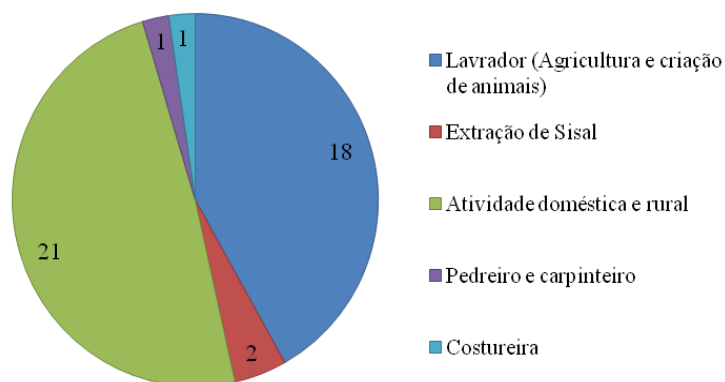
A informalidade das cartas dos sertanejos pode ser percebida em vários trechos das missivas, demonstrando, através do tipo de tratamento utilizado pelos remetentes e dos conteúdos tratados nas cartas, que há um significativo grau de intimidade entre eles e os destinatários. Esse fato pode ser observado em várias passagens das cartas, como vemos nos exemplos abaixo:

- (38) Amigo Estimado Compadi| pitanga esta duas linha solmente| par li dizer que eu vou bem di.| xergada [...]. (AFS- 2)
- (39) Compadre João o fim duas linhas| e so pidindo votos adeus a lhe emcontra| gozando saude com todos seus| [...]. (GOR-29)
- (40) Querido Zezito te escrevo esta duas| linha par te resposta a carta querido| Zezito em primeiro loga um| abraco Só te digo que te amo| toda vida amor não te esqueço [...]. (AHC-54)
- (41) Minha estimada Amiga i querida comadre| Firmina a deos muita alegria eu tiria | si tivessi a certeza que estas mal notada| linhas hia encontra aminha comadre i| Amiga com saudi [...]. (JMS-66)

A partir desses trechos extraídos das cartas verificamos a proximidade existente entre emissor e receptor, esboçada pelas formas de tratamento explícitas na carta.

Por pertencerem à mesma região, oriundos da zona rural, os remetentes fazem parte de um contexto sociocultural semelhante. Assim, com relação à ocupação, os remetentes são, em sua grande maioria, lavradores e trabalham com a agricultura e com a criação de animais, como pode ser visualizado na *Figura 2*.

Figura 2 – Quantidade de remetentes por ocupação profissional



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme podemos verificar na *Figura 2*, apenas 4 remetentes têm uma ocupação diferenciada. Deste modo, além de trabalharem na agricultura, dois deles trabalhavam na extração do sisal, um deles era também pedreiro e carpinteiro, e uma mulher também trabalhava como costureira. Essas ocupações podem ser consideradas secundárias, já que, não lhes impossibilitavam o trabalho na roça. Ademais, todos os remetentes possuem baixas condições financeiras e pouca escolarização.

Para um melhor acesso às informações fornecidas por Santiago (2012), acerca dessas questões socioculturais, elaboramos um quadro, contendo algumas informações referentes à naturalidade, data de nascimento, escolarização e ocupação profissional, além do número de cartas escritas por cada remetente. Vejamos o *Quadro 1*.

Quadro 1 – Informações detalhadas dos remetentes

Nº DO REMETENTE	NOME DO REMETENTE (COMO ESTÁ NA CARTA)	NATURALIDADE, GRAU DE ESCOLARIDADE, IDADE E OCUPAÇÃO PRINCIPAL OU DE MAIOR DESTAQUE	CÓDIGO DO REMENTE	CARTAS
1	Antônio Fortunato da Silva	Nascido em 06 de setembro de 1936, tinha entre 20- 19 anos durante a escrita das cartas. Não frequentou a escola, mas aprendeu através da convivência com os amigos e leitura da bíblia. Sua profissão é Lavrador. É natural da Fazenda Varjota, em Riachão do Jacuípe, BA.	AFS	DÉCADA DE 50: Carta 01 DÉCADA DE 60: Cartas 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 45 SEM DATA: Cartas 20, 21, 22, 23, 24 e 25
2	Fernando José de Oliveira	Sem data de nascimento declarada nem faixa etária quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é Lavrador. É natural da zona rural de Riachão do Jacuípe, BA.	FJO	Carta 26
3	Gildásio de Oliveira Rios	Nasceu em 1935 e tinha 20 anos (aproximadamente) quando escreveu as cartas. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é Lavrador. É natural da Zona rural de Conceição do Coité, BA.	GOR	Cartas 27, 28 e 29.
4	Jacob de Oliveira Matos	Nasceu aproximadamente em 1950 e tinha aproximadamente 20 anos quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é Lavrador. É natural da fazenda mamona, em Riachão de Jacuípe, BA.	JOM	Carta 30
5	Jesuino Carneiro de Oliveira	Nasceu aproximadamente em 1940 e tinha 23 anos (idade aproximada). Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é Lavrador. É natural da Fazenda Morrinho, em Riachão do Jacuípe, BA.	JCO	Carta 31
6	Lázaro Félix de Oliveira	Sem data de nascimento declarada nem faixa etária quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é Lavrador. É natural da Fazenda Morrinho, em Riachão do Jacuípe, BA.	LFO	Carta 32

7	Manoel Carneiro de Oliveira	Nasceu aproximadamente em 1930 e tinha 25 anos aproximadamente. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é Lavrador. É natural da Fazenda Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe, BA.	MCO	DÉCADA DE 50: Carta 33 DÉCADA DE 60: Cartas 34 e 35
8	Mariazinha Carneiro de Oliveira	Nasceu em 1927 e tinha 28 anos quando da escrita da carta, por inferência. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é dona de casa e lavradora. É natural da Fazenda Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe, BA.	MC	Cartas 36, 37 e 50
9	Francisca/ Nina	Sem data de nascimento declarada nem faixa etária de quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é dona de casa e lavradora. É natural da Fazenda Morrinho, em Riachão do Jacuípe, BA.	NIN	SEM DATA: Carta 38 DÉCADA DE 70: Carta 51
10	Roque Carneiro de Oliveira.	Nasceu aproximadamente em 1920 e não tinha a faixa etária declarada quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é Lavrador. É Natural de Fazenda Morrinho, município de Riachão do Jacuípe, BA.	RCO	Carta 39
11	Salomão Fortunato da Silva	Nasceu em 1925 e tinha entre 30 e 31 anos quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é Lavrador. É natural da Fazenda Varjota, em Riachão do Jacuípe, BA.	SFS	Cartas 40, 41 e 42
12	Angélica Pereira da Silva	Nasceu em 1932 e tinha 24 anos quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é dona de casa e lavradora. É natural da Fazenda Varjota, em Riachão do Jacuípe, BA.	APS	Carta 43
13	Antônio Carneiro de Oliveira	Nasceu em 1957 e tinha 18 anos quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é pedreiro e carpinteiro. É natural da zona rural de Riachão do Jacuípe, BA.	ACO	Carta 44
14	Doralice Carneiro de Oliveira Jesus	Nasceu em 23 de outubro de 1960, mas não tem idade declarada de quando da escrita da carta. Sua profissão é dona de casa e costureira. Estudou até a 4ª série. É natural de Riachão do Jacuípe, BA.	DCO	Carta 46

15	Filomena Pereira da Silva.	Nasceu em 1934 e tinha 22 anos quando da escrita da carta. Não frequentou a escola. Estudou um pouco em casa. Sua profissão é dona de casa e lavradora. É natural da Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe.	FPS	Carta 47
16	Iraildes Carneiro de Oliveira	Nasceu em 1957 e tinha 19 anos quando da escrita da carta. Não frequentou a escola. Estudou um pouco em casa. Sua profissão é dona de casa e lavradora. É natural da zona rural Riachão do Jacuípe, BA.	ICO	Carta 48
17	José Joaquim de Oliveira	Nasceu em 1950, mas sem idade declarada de quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é lavrador. É natural da zona rural de Riachão do Jacuípe, BA.	JJO	Carta 49
18	Zenilta Bispo Oliveira	Sem data de nascimento declarada nem faixa etária de quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão é dona de casa e lavradora. É natural da zona rural de Riachão do Jacuípe, BA.	ZBO	Carta 52
19	Zulmira Sampaio da Silva	Nasceu em 1935 aproximadamente e tinha 35 anos (aproximadamente) quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era dona de casa e lavradora. É natural de Fazenda Morrinho, em Riachão do Jacuípe, BA.	ZSS	Carta 53
20	Ana Helena Cordeiro de Santana	Nasceu em 26 de abril de 1961 e tinha 15 anos quando da escrita da carta. Estudou até a 4ª série. Sua profissão era lavradora e trabalhava na extração de sisal. É natural da Fazenda Cabana, em Ichu, BA.	AHC	DÉCADA DE 70: Cartas 54, 55, 56, 57, 58, 59 e 60. SEM DATA: Carta 61.
21	João dos Santos	Sem data de nascimento nem idade de quando da escrita da carta declarada. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era lavrador. É natural de Goiabeira, em Conceição do Coité, BA.	JS	Carta 62
22	Ana Santana Cordeiro	Nasceu em 01 de janeiro de 1936 e tinha 56 anos quando da escrita da carta. Estudou até a 4ª série. Sua profissão era dona de casa e lavradora. É natural da Fazenda Lameiro Remoaldo, em Conceição do Coité, BA.	ASC	Carta 63

23	José Mendes de Almeida	Nasceu em 14 de outubro de 1952 e tinha 25 anos quando da escrita da carta. Estudou apenas os primeiros anos, até a 1ª série. Era lavrador e trabalhou na extração do sisal. É natural de Goiabeira, em Conceição do Coité, BA.	JMA	Cartas 64 e 65
24	Josepha Maria da Silva.	Sem data de nascimento declarada, mas, por inferência, supõe-se, pela data da carta, que seja anterior a 1900. Sem idade declarada de quando da escrita da carta. Sem identificação quanto a escolaridade. É natural da Fazenda Cachorrinha, em Conceição do Coité, BA.	JMS	PRIMEIRA DÉCADA DO SÉC. XX: Carta 66 e 67 SEM DATA: Carta 68
25	Maria Bernadete Carneiro da Silva	Nasceu em 1960 aproximadamente e tinha 17 anos (aproximadamente). Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era dona de casa e lavradora. Era natural da Fazenda Cachorrinha, em Conceição do Coité, BA.	DCS	Carta 69
26	Zita Lima Silva	Nasceu em 1950 e tinha 28 anos quando da escrita da carta. Estudou apenas os primeiros anos. Sua profissão era dona de casa e lavradora. É natural da Fazenda Cipó, em Conceição do Coité, BA.	ZLS	DÉCADA DE 70: Carta 70 SEM DATA: Carta 71
27	Antonia Oliveira Lima.	Nascida aproximadamente em 1960 e tinha aproximadamente 20 anos quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era dona de casa. É natural da Fazenda Cachorrinha, em Conceição do Coité, BA.	AOL	Carta 72
28	Roma	Sem data de nascimento nem idade declarada quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era dona de casa. É natural da Zona rural de Conceição do Coité, BA.	ROM	Carta 73
29	Josefa Josina da Silva Pinto. (Zezete)	Nasceu em 13 de novembro de 1940 e tinha 38 anos quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era dona de casa e lavradora. É natural da Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité.	ZJS	Carta 74
30	Luciana Matos da Silva	Nasceu em 1976 (aproximadamente) e tinha 20 anos (aproximadamente). Sem identificação quanto a sua escolaridade. Sua profissão é dona de casa. É natural da Fazenda Mamona, em Riachão do Jacuípe, BA.	LM	Carta 75

31	Margarida Maria de Oliveira	Nasceu, aproximadamente, em 1920, mas não tinha a idade declarada de quando da escrita da carta. Sem identificação quanto a sua escolaridade. Sua profissão é dona de casa. É natural da Fazenda Jiboia, município de Conceição do Coité, BA.	MMO	Carta 76
32	Maria Lucia Oliveira Carneiro	Sem data de nascimento nem idade de quando da escrita da carta declarada. Sem identificação quanto a sua escolaridade. Sua profissão é dona de casa. É natural de Riachão do Jacuípe, BA.	ML	Carta 77
33	Firmina Petornilha dos Santos	Sem data de nascimento declarada nem idade quando da escrita da carta. Porém, pela data de escrita da carta, supõe-se que a remetente nasceu antes de 1900. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era dona de casa. Era natural da Zona rural de Conceição do Coité, BA.	FP	Cartas 78, 79 e 80
34	Antônio Marcellino de Lima	Sem data de nascimento declarada nem idade quando da escrita da carta. Porém, pela data de escrita da carta, supõe-se que o remetente nasceu antes de 1900. Sem identificação quanto a sua escolaridade. Sua profissão era lavrador. Era natural da Zona rural de Conceição do Coité, BA.	AML	Carta 81
35	João Carneiro de Oliveira. (João Pintanga)	Nasceu em 14 de julho de 1929 e tinha 22 anos quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era lavrador. É natural da Fazenda Pau de Colher, em de Riachão do Jacuípe, BA.	JPC	Carta 82
36	Antônio Pinheiro Costa	Nasceu aproximadamente em 1930 e tinha aproximadamente 23 anos. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era lavrador. É natural da Fazenda Mamona, em Riachão do Jacuípe, BA.	APC	Carta 83
37	Maria Dalva Carneiro	Sem data de nascimento declarada nem idade de quando da escrita da carta. Sem identificação quanto a sua escolaridade. Sua profissão era dona de casa. É natural da Zona rural de Conceição do Coité, BA.	MDC	Carta 84
38	Raimundo Adilson Cedraz	Nasceu em 17 de abril de 1961 e tinha 22 anos quando da escrita da carta. Estudou até a 4ª série. Sua profissão era lavrador. É natural da Zona rural de Riachão do Jacuípe, BA.	RAC	DÉCADA DE 80: Carta 85 SEM DATA: Carta 90

39	Pedro Vando Paulino de Oliveira. (Vandinho)	Nasceu em 4 de junho de 1970 e tinha 25 anos quando da escrita da carta. Estudou até a 4ª série. Sua profissão era lavrador. É natural da Fazenda Pedra Branca, em Ichu, BA.	VAN	Carta 86
40	Izaura	Sem data de nascimento declarada nem idade de quando da escrita da carta. Não frequentou a escola, mas estudou um pouco em casa. Sua profissão era dona de casa e lavradora. É natural da Fazenda Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe, BA.	IZA	Carta 87
41	João Saturnino Santa Anna	Sem data de nascimento declarada nem idade de quando da escrita da carta. Sem identificação quanto a sua escolaridade. Sua profissão era lavrador. É natural da Zona rural de Conceição do Coité, BA.	JSS	Carta 88
42	Izaque Pinheiro de Oliveira	Sem data de nascimento declarada nem idade de quando da escrita da carta. Sem identificação quanto a sua escolaridade. Sua profissão era lavrador. É natural da Fazenda Mamona, em Riachão do Jacuípe, BA.	IPO	Carta 89
43	Bernadete Maria de Oliveira	Nasceu em 29 de janeiro de 1972 e tinha aproximadamente 18 anos. Estudou até a 4ª série. Sua profissão era dona de casa e lavradora. É natural da Fazenda Flores, em Conceição do Coité, BA.	BMO	Carta 91

Fonte: Elaborado pela autora

As informações contidas no *Quadro 1* foram retiradas das fichas elaboradas por Santiago (2012), que contém o perfil bibliográfico dos remetentes. Através de entrevistas com os destinatários, os remetentes e seus familiares, além de consultas a documentos pessoais, Santiago (2012) extraiu o maior número de informações relevantes, muitas dessas já contidas nas cartas, e catalogou em fichas, conforme a seguinte amostra no *Quadro 2*.

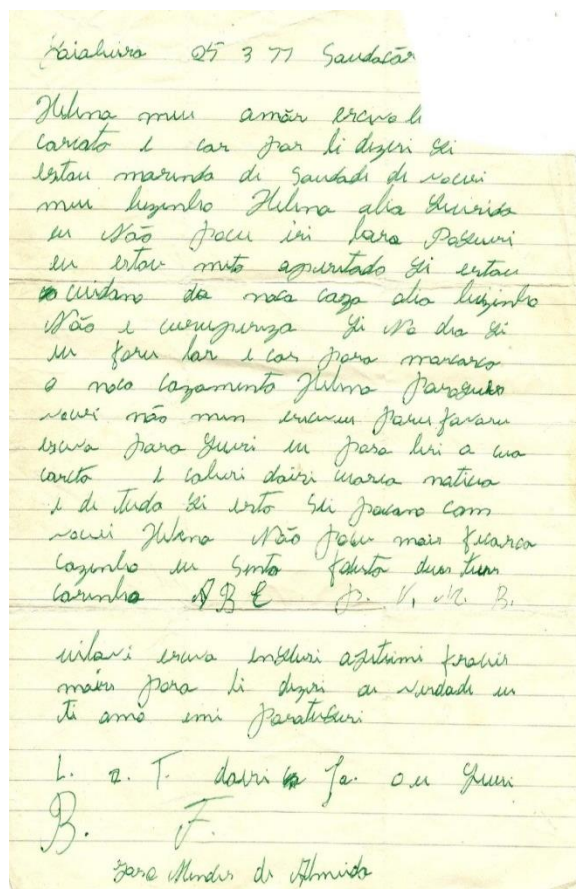
Quadro 2 – Ficha da remetente Ana Helena Cordeiro de Santana

DADOS PESSOAIS Nome (conforme a carta): Ana Helena Cordeiro de Santana. Nome Completo: Ana Helena Cordeiro de Santana. Filiação: Manoel Cordeiro de Oliveira e Ana Santana Cordeiro. Avós paternos/maternos: Alvino Antonio de Santana e Francisca de Almeida Santana . Naturalidade: Fazenda Cabana, município de Ichu, BA. Nacionalidade: Brasileira. Data de nascimento: 26 de abril de 1961. Data de falecimento: (viva). Idade do remetente (quando da escrita das cartas): 15 anos. Estado civil: Casada com José Mendes de Almeida (2). Instituição de ensino: (primário). Profissão por formação: Principais Atividades: Lavradora (1). Títulos: Observações: (1) Trabalhou na colheita do sisal. (2) Quando escreveu as cartas, Ana Helena era namorada de José Mendes de Almeida (1952-1998), com quem se casou anos depois.	
--	---

Fonte: Adaptado de Santiago (2012, p. 178)

Ao fazer uma análise grafológica nestas cartas, Santiago (2012) considerou este *corpus* como sendo um material representativo da variedade popular PB, atestando que as várias características presentes nas cartas fornecem algumas pistas para perceber que os seus autores são indivíduos pouco familiarizados com a língua escrita, conforme podemos notar numa amostra de carta, a seguir:

Figura 3 – Modelo de carta escrita por sertanejos baianos



Carta 65

AAHCS. Documento contendo um fôlio. Papel almaço com pautas. Há rasgo na margem superior esquerda.

Goiabeira 25 3 77 Saudação[.]

Helena meu amor ercivo [.]
carata e cor par li dizeri gi| estou morendo de saudade
de vociei| meu bezinho Helena olia quirida| eu Não
pocu iri lara Poqueri eu estou mito apertado gi estou|
[.] cuidano da noca caza olia beizinho| Não e
curupereza gi No dia gi| eu forer lar e cor para
marcarca| o noco cazamento Helena poroguer| vociei
não min erceveu poru favoru| esceva para queri eu
posa leri a cua| carta e caberi daisi [?]arca noticia| e
de tudo gi esta Sei pacano com| vociei Helena Não
pocu mais ficarca| cozinho eu Sinto falta dus teus|
carinho ABC p.V. M. B.|

uilovi esceva engleisi ajeteimi franceis| mais para li
dizeri a verdade eu| ti amo emi porotuges|

L. a.T.daeri [.] ja. ou gueri|

B. F.
Jose Mendes de Almeida

Fonte: Santiago (2012)

Com base na especificidade deste *corpus*, escrito por “mãos inábeis”⁴⁵, motivamo-nos a alargar a descrição dessas cartas, agora no âmbito da morfossintaxe, propondo uma análise da variação de número na aplicação da regra de concordância no sintagma nominal.

7.2 OS SUJEITOS INÁBEIS

Aos indivíduos que se encontram estacionados em níveis incipientes de aquisição da escrita, Marquilhas (2000) atribui a denominação de “mãos inábeis”. Como já discutido aqui (cf. Subitem 7.1), os sertanejos, remetentes das cartas que compõem o *corpus* desta pesquisa,

⁴⁵ O termo “mãos inábeis” foi usado por Santiago (2012), a partir dos critérios de Marquilhas (2000), para a identificação dos manuscritos portugueses do séculoXVII, produzidos em níveis incipientes de aquisição da escrita. Para uma maior discussão em torno deste termo confira o item 7.2.

demonstram ter pouca familiaridade com as letras, podendo ser classificados como adultos estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita.

De fato, não é uma tarefa simples identificar as marcas de inabilidade de escrita manifestadas nos textos, tanto aquelas próprias à escriptualidade como as próprias à oralidade. Logo, através de uma observação detalhada, realizando a descrição de um conjunto de propriedades, é possível reconhecer um texto produzido por uma mão inábil através das suas características. Com base nos trabalhos de Marquilhas (2000), Barbosa (1999) e Oliveira (2006), essas descrições devem levar em consideração que:

- a) De acordo com Marquilhas (2000): A caracterização física do objeto produzido pelo inábil é observável pela ausência de *cursus*, uso de módulo grande, ausência de regramento ideal, traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez falta de leveza do conjunto, irregularidade da empaginação, e letras monolíticas. Além de aspectos de natureza supragráfica; representação silábica da fonologia: hipersegmentação; grafias para sílabas com consoante líquida; e fenômenos de mudança fonética e fonológica: vocalismo e consonantismo;
- b) Segundo Barbosa (1999): É necessário observar os dados supragráficos e paleográficos. São aspectos de aquisição da escrita: grafia para sílabas com consoante líquida e os dados da grafia de /r/ em sílaba complexa; e atestações grafemáticas de certos aspectos da oralidade: processos fonéticos;
- c) Para Oliveira (2006): É preciso verificar a segmentação gráfica: a hipossegmentação e hipersegmentação. São aspectos de aquisição da escrita: as grafias para sílabas complexas, de modo que os fenômenos gráficos observáveis são inversões, omissões, substituições e acréscimos de grafemas. Marcas da oralidade na escrita.

Diante disso, percebemos que muitas dessas alterações foram encontradas nas cartas produzidas por sertanejos baianos, pouco escolarizados. Nesta perspectiva, motivada em verificar as possíveis marcas de inabilidade presentes no *corpus* dos sertanejos, Santiago (2012) desenvolveu um estudo no qual apresenta uma descrição minuciosa dos aspectos que definem esses indivíduos como inábeis, a saber: o plano supragráfico, da grafiação, repetição lexical, algumas marcas de inabilidade no plano da escriptualidade, os aspectos de aquisição, da escrita e os fenômenos do plano grafo-fonético. Essas características, resultantes deste estudo, podem ser observadas no *Quadro 3*.

Quadro 3 – Características de inábeis (SANTIAGO, 2012)

AUTORA	CARACTERÍSTICAS DE INÁBEIS
SANTIAGO (2012)	I Aspectos supragráficos; II Aspectos paleográficos: ausência de cursus, uso de módulo grande, ausência de regramento ideal, traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza ao conjunto, irregularidade da empaginação e letras monolíticas; III Segmentação gráfica: hipossegmentação e hipersegmentação; IV Repetição: coesividade, compreensão, continuidade tópica e interatividade; V Aspectos de aquisição de escrita: grafia de sílabas complexas (grafias com o /r/ em ataque ramificado, grafias com o /r/ em posição de coda, grafias com o /l/ em sílabas complexas, grafias com o /s/ em sílabas complexas), representação “deslumbrada” da escrita, representação da nasalidade e representação de dígrafos.
	Fenômenos fônicos: I Elevação de vogais médias: elevação de vogais médias pretônicas [e] > [i] e [ê] > [ĩ]; elevação de vogais médias pretônicas [o] > [u] e [ô] > [ũ]; Elevação da vogal média: elevação da vogal média postônica [e] > [i]; elevação da vogal média postônica [o] > [u]. Elevação de vogais médias: elevação das vogais médias em monossílabos: alteamento de [e] e [ê], e [o] e [ô], [o]; II Abaixamento das vogais altas: [i], [ĩ], [u] e [ũ]; III Anteriorização e posteriorização de vogais: anteriorização de vogais [a] > [e]; e posteriorização de vogais [a] > [o], [e] > [o] e [u] > [i]; IV Redução de ditongos: orais: [ya], [yu], [ay], [aw], [ey], [ow], [uy], [ɛw]; Nasais [ã̃]; [ã̃w] e [ũ̃y]; V Ditongação: com a inserção das semivogais [y] e [w]; Nasalização: ocorreu no pronome <i>me</i>; VI Palatalização: [l] passa a [ʎ]; VII Rotacismo e labdacismo: ocorreram em posição de coda, ataque simples e ramificado; VIII Prótese: inserção da vogal /a/ na maioria dos casos; IX Paragoge: predomina a inserção de um /i/ ou /u/ na sílaba final, em palavras com /z/, /l/ e /r/; X Aférese: eliminação da vogal /a/; do segmento [es] e apagamento de [ĩ] e [ê]; XI Síncope: síncope por omissões de /r/; XII Apócope: ocorreu a queda de /R/; XIII Metátese: teve pouca ocorrência no <i>corpus</i>.

Fonte: Mascarenhas (2016)

Os resultados do estudo desenvolvido por Santiago (2012) evidenciaram que a transferência de traços próprios da oralidade para a escrita é manifestada por todas as mãos que redigiram as cartas. Com relação à ocorrência dos fenômenos ocorridos, a referida autora afirma que, embora, tenha encontrado casos mais comuns, até mesmo na norma culta, como a apócope de /R/ no final dos verbos no infinitivo e a elevação das vogais médias pretônicas e pósônicas, outros casos bastante estigmatizados socialmente, presentes na linguagem daqueles que tiveram pouco ou nenhum acesso à escolarização, foram evidenciados, como é o caso da aférese, da prótese e do rotacismo. De acordo com a referida autora, como esses últimos casos são mais raros, a sua identificação no *corpus* revela um grau maior de inabilidade.

Com base no que foi exposto, então, na pesquisa de Santiago (2012), através da identificação de marcas de inabilidade em escrita, ficou demonstrado que o *corpus* utilizado nesta pesquisa, produzido por “mãos inábeis”, é representativo do português popular do Brasil. Sendo assim, observar a ocorrência de um fenômeno morfossintático, como é o caso da variação de número na aplicação das regras de concordância nominal, aqui proposta, em documentos escritos por aqueles grupos sociais subalternos, que tiveram pouco acesso à escolarização, pode apresentar resultados interessantes acerca deste fenômeno.

7.3 OS CAMINHOS DA ANÁLISE

No presente trabalho, fazemos uma análise em torno da concordância gramatical de número plural entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal em português em documentos escritos por sertanejos baianos, ao longo do século XX.

A análise aqui proposta caminha por uma trilha descritivo-interpretativista. Assim, para o controle da amostra e quantificação dos dados, forneceu subsídios o quadro metodológico da Sociolinguística Quantitativa, o qual apresenta condições para realizar um estudo de fatores extralinguísticos, buscando, sobretudo, estabelecer correlações estatísticas entre as variantes analisadas: variável dependente (linguística) e variáveis independentes linguísticas e sociais.

No que diz respeito a aplicação à épocas anteriores dos quadros metodológicos da Sociolinguística, cumpre destacar que, conforme afirma Maia (2012, p. 534), a integração do princípio da variação linguística sincrônica nas análises diacrônicas permite “compreender a dinâmica social e contextual da mudança linguística e afirmar a relação de implicação entre a variação e a mudança”. Dessa forma, em concordância com o que declara Maia (2012), incorporou-se o tratamento quantitativo dos materiais e as frequências relativas das formas coexistentes num determinado momento histórico como parte essencial das análises diacrônicas, inclusive das que tomam como objeto de estudo os dados contidos em textos de fases pretéritas.

Descreve-se e explica-se o conjunto de variáveis linguísticas sob que julgamos atuar sobre a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal sob duas perspectivas: a atomística (ou mórfica) e não atomística (sintagmática). A primeira perspectiva considera cada elemento do SN como um dado de análise, já a segunda considera o SN inteiro como unidade de análise.

As duas análises se fazem necessárias para que possamos observar como se dá a variação da concordância de número no SN de uma forma mais ampla. Neste sentido, as duas

perspectivas de análise a serem apresentadas têm como objetivo mostrar que (1) algumas variáveis atuam especificamente sobre cada elemento do SN e (2) outras atuam principalmente sobre o SN como um todo.

Fixou-se como variável dependente a realização ou não da marca de concordância nominal de número. Quanto às variáveis independentes, foram eleitas as seguintes variáveis, linguísticas e sociais, descritas no quadro abaixo:

Quadro 4 – Variáveis independentes linguísticas e sociais

VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS		VARIÁVEIS SOCIAIS
ANÁLISE MÓRFICA	ANÁLISE SINTAGMÁTICA	
Posição do constituinte em relação ao núcleo	Configuração sintagmática do SN	Data de escrita das cartas
Saliência Fônica e Tonicidade	Função sintática do SN	Data de nascimento dos redatores
Marcas Precedentes ao item analisado	Posição do SN com relação ao verbo	Faixa etária dos redatores quando da escrita das cartas
-	Número absoluto de constituintes do SN	Código dos redatores
-	Número de constituintes flexionáveis do SN	Gênero
-	-	Situação de aprendizagem
-	-	Naturalidade dos remetentes
-	-	Presença/ ausência em fórmulas

Fonte: Elaborada pela autora

Encontram-se no escopo de nossa análise todo e qualquer SN que tenha pelo menos uma marca formal ou semântica de plural. Desta maneira, pretendemos analisar aqui os dados envolvidos no processo gramatical de concordância nominal de número plural que esta mesma tradição prevê como existente, explícita ou implicitamente, e que, diante de sua ausência, rotula-os como desvios da norma gramatical ou simplesmente como erros.

Então, todo e qualquer sintagma que apresentasse pelo menos uma marca formal ou semântica de plural que implicasse necessariamente outra ou outras marcas formais de plural nos elementos flexionáveis do SN foi nosso objeto de estudo. Nesta perspectiva, estabelecemos que o valor positivo foi atribuído aos SNs cujos constituintes são todos marcados, como em (42), e àqueles SNs em que nem todos os elementos recebem marcação de plural foi atribuído o valor negativo, como em (43), (44) e (45), conforme descritos abaixo:

(i) SNs com todas as marcas formais de plural

- (42) [...] a vijem santiszima derramais la du| alto seu as maiores felicidades sobre a ti i todos| que ti sercam [...]. (SFS- 40)

(ii) SNs com algumas marcas formais de plural

- (43) Irmão us João pitanga e todos us| meus irmaoØ eu pego na minha| di minu ta pena para mandar as| minha notisia | [...]. (MC- 36)

(iii) SNs com apenas uma marca formal de plural ou até sem nenhuma marca formal explícita, quando ocorre um SN contendo um numeral como primeiro elemento seguido de outros elementos não marcados

- (44) [...] commadi u destas| duas linha ir solmenti par dar| as as 101aber notiçaØ ir nu memo| tenpos eu salb 101aber da suas | [...]. (AFS- 45)
- (45) Conpade pitanga eu jar li| mandei 2 cartaØ i do Senhora| eu So Resibil uma | [...]. (LFO- 32)

Assim, uma vez definido o universo de observação desta pesquisa, foi feito o levantamento exaustivo das ocorrências, que serviram de base para a análise quantitativa da variação na concordância nominal de número. Os dados foram submetidos ao programa VARBRUL, na versão GOLDBARB-X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005), que forneceu os resultados quantitativos das variáveis em contextos de variação linguística e extralinguística, como veremos no capítulo a seguir.

PARTE IV

**A descrição da concordância nominal de número em cartas de inábeis:
aspectos sintagmáticos e mórficos**

Conforme já relatado no capítulo que trata da metodologia, esta pesquisa trata especificamente da concordância de número plural entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal. Assim, na *Parte IV*, vamos desenvolver uma análise sob duas perspectivas: a que considera o SN inteiro como unidade de análise (análise sintagmática) e a que considera cada elemento do SN como um dado de análise (análise mórfica).

As duas perspectivas de análise a serem apresentadas têm como objetivo apontar os fatores que podem motivar as marcas explícitas de plural nos sintagmas nominais. Portanto, no *Capítulo 8*, desenvolvemos a análise denominada sintagmática, por proporcionar uma visão mais geral do fenômeno; no *Capítulo 9*, a análise mórfica ou atomística, e no *Capítulo 10* apresentamos um estudo comparativo destes resultados com resultados anteriores de pesquisas desenvolvidas em torno deste fenômeno, tanto em *corpus* oral como escrito, e ainda em *corpora* de crianças no âmbito da aquisição da concordância.

8 PERSPECTIVA SINTAGMÁTICA

Na perspectiva sintagmática, também denominada não atomística, assumimos o SN inteiro como unidade de análise. Assim, consideramos a presença de marca em todos os elementos flexionáveis do SN *versus* ausência de marca em pelo menos um dos elementos flexionáveis do SN, avaliando como aplicação da regra, a presença de plural formal em todos os elementos flexionáveis que constituem o SN, como em (46), e como não aplicação, a falta de pelo menos uma marca formal de plural, como em (47).

(46) a. Aves ceja deus com-tigo em **todos**z | **os**z **momentos**z da tua vida | [...]. (FPS- 47)

b. [...] Zezito Hejé fez um| mês e **8 dias**z que te vi de longe | [...]. (AHC- 54)

(47) a. São **as horas mais filiz**Ø quando pego| Nesta caneta para da minha notícias| [...]. (AHC- 59)

b. São as horas mais filiz quando pego| nesta caneta para da **minha**Ø **notícias**z. (AHC- 60)

c. [...] Zezito mande| me dizer quando e que| você pode aparece por| Jominha pelo o amôr de Deus que **3 meis**Ø não| e 3 dias [...]. (AHC- 61)⁴⁶

⁴⁶ Nesta análise, foram considerados os sintagmas compostos por numerais, por refletirem uma noção semântica de pluralidade.

Das cartas produzidas por “mãos inábeis” consideramos 318 sintagmas nominais⁴⁷ passíveis de receber a concordância de número plural. Destes, apenas 99 (31%) obtiveram a marcação de pluralidade, ao passo que 219 (69%) não receberam a marca, conforme podemos observar na *Tabela 4*.

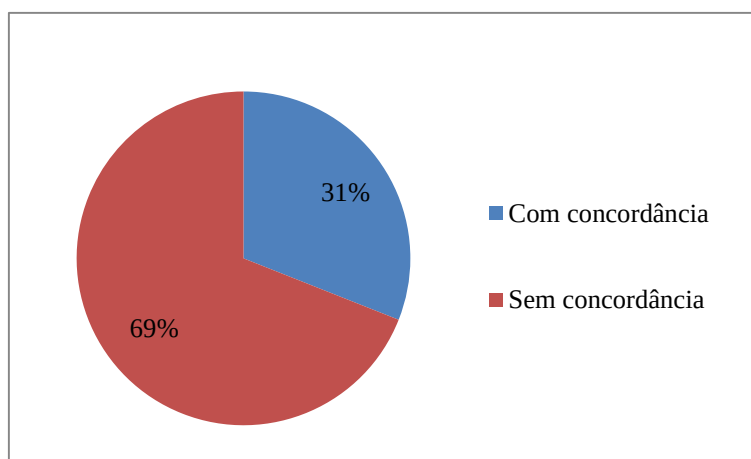
Tabela 4 – Taxas da variação da concordância no SN

SINTAGMA NOMINAL	Frequência	%
Com concordância	99/318	31
Sem concordância	219/318	69

Fonte: Elaborado pela autora

Estamos diante, portanto, de altos índices da não marcação de pluralidade, o que, à primeira vista, se deve ao fato de se tratar de cartas informais, escritas por remetentes que possuem pouca escolarização e que se encontravam em níveis incipientes de aquisição da escrita. Para termos uma melhor visualização destes dados percentuais, observemos o gráfico abaixo:

Figura 4 – Frequência da variação na concordância nos SNs em cartas de inábeis do século XX



Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos notar, são pouquíssimos os SNs em que a marca de concordância aparece em todos os constituintes. Desse modo, verificamos que os inábeis tendem a não realizar as marcas de concordância na maioria das sentenças por eles produzidas, já que 69% dos

⁴⁷ Todos os 318 SNs, extraídos das cartas dos inábeis, encontram-se descritos nos Apêndices.

sintagmas não obedecem a aplicação de número nas regras de concordância. A tendência que se exibe é um uso preferencial da regra variável de marcação de plural.

Em vista disso, diante da variação na concordância nominal de número, partiremos para a proposta metodológica de análise quantitativa, fazendo uma análise a respeito das variáveis linguísticas e sociais selecionadas pelo programa computacional GOLDFARB X, como sendo possivelmente relevantes para a marcação de pluralidade em sentenças retiradas das cartas de inábeis. Para tanto, trabalharemos, inicialmente, a análise das variáveis linguísticas e, posteriormente, serão tratadas as variáveis sociais.

8.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

A fim de observar de que forma a variação da concordância de número no SN ocorre nas cartas dos inábeis, analisamos os seguintes cinco grupos de fatores linguísticos, conforme descrito no *Quadro 4* (cf. Item 7.3). Porém, desses, o programa selecionou como fator relevante ao uso da marca de plural no PB apenas a *posição do SN em relação ao verbo* e o *número absoluto de constituintes do SN*.

Portanto será focalizado, a partir de então, as variáveis linguísticas que se tomam como possíveis grupos de fatores a interferir na variação da concordância no sintagma nominal. Cumpre esclarecer de antemão que, para os fatores em discussão, buscaremos elencar, se os dados assim o permitirem, 5 exemplos no total, sendo 3 exemplos que estampem itens com concordância e 2 exemplos que demonstrem itens que não a possuem.

8.1.1 A posição do SN em relação ao verbo

A variável *posição do SN com relação ao verbo* foi anteriormente estudada por Scherre (1988) com a denominação de *localização do SN*, tendo como referência a sua linearidade em relação à oração ou simplesmente em relação ao verbo. Este tipo de observação reflete, como bem ressalta Scherre (1988), a questão da topicidade ou da centralidade do SN, de maneira que os SNs tópicos ou centrais ocorrem à esquerda da oração ou à esquerda do verbo, conforme afirmam Pontes (cf. 1986, p.16-9, p. 177-236; 1987, p. 11-40) e Naro e Votre (cf. 1986, p. 454-66), embora nem todo SN que ocorra à esquerda do verbo ou da oração possa ser classificado consistentemente como tópico ou como central.

A discussão em voga aqui não é a coincidência de classificação entre os diversos autores até então citados, mas sim a observação da posição dos SNs em relação ao verbo: se ocorrem à

esquerda ou à direita da oração. Por isso, assim como Scherre (1988), assumimos a hipótese inicial de que a posição à esquerda da oração ou do verbo, por colocar o SN em evidência, numa posição mais saliente, tende a vir mais marcada do que os SNs que se situam à sua direita. A partir disso, decidimos observar a atuação dessa variável nas cartas dos inábeis.

É válido ressaltar, contudo, que, como alguns casos não evidenciaram posição nítida, decidimos codificá-los como *posição isolada*. Dessa forma, a variável localização do SN ficou constituída de três fatores, abaixo exemplificados:

(i) Posição à esquerda

- (48) a. [...] **as couzas** vevi toudo contrario| prisipamentis para mim [...]. (JMS- 66)
 b. [...] tenho triteza por não viver| alegre como **as outras** vive com| seu espozo [...]. (MDC- 84)
 c. [...] **Teus beijos** ficam nos meus lábio com o mesma suavidade com que fica| num vo[.]o perfume de [?]|>[...]. (RAC- 90)
 d. [...] **meus olhos tristeØ** nunca para| de chorar.| [...]. (AHC- 60)
 e. [...] elena aquela converça com seu nomi| ja acabou olha **as mesmaØ converçaØ**| saiu aqui com meu nomi [...]. (BMO- 91)

(ii) Posição à direita

- (49) a. [...] Deiti **ummas bensa** unu mus| f f filhos sim p onpadi| [...]. (AFS- 2)
 b. [...] João eu faco **estas duas lihas** comen| te Para da as mihs notica| [...]. (SFS- 42)
 c. [...] Não Sou batom mais| Só queria anda **nos teus lábios**| [...]. (AHC-55)
 d. [...] pitanga farsa **aØ miaØ vesis**| por mia farmiria| [...]. (AFS- 2)
 e. [...] Deus der **us bomØ tempos** para nois| todos [...]. (MC- 50)

(iii) Posição isolada

- (50) a. [...] **os cuidados** du s semhor|sinezio [...]. (AFS- 18)
 b. Adeus **prezados qumnhados**| [...]. (GOR- 27)
 c. **Meus estimados** comadre e compadre| saudação.| [...]. (MDC- 84)
 d. [...] **Aus|cuidadoØ** com espesial Favor| [...]. (JCO- 31)
 e. Quridinha Amiguinha Amerinda|**as minhaØ saudações**| [...]. (APS- 43)

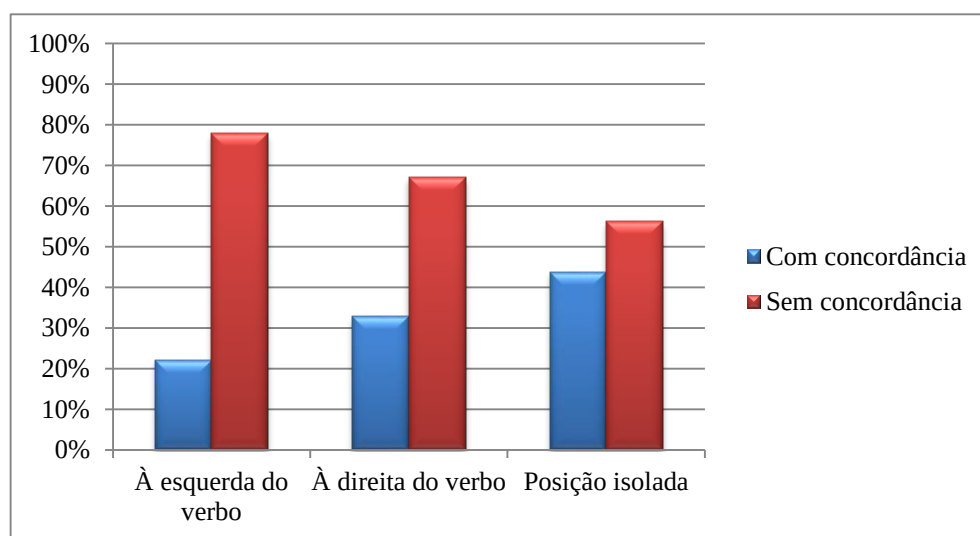
Os resultados de marcas de plurais com relação a esta variável encontram-se na *Tabela*

Tabela 5 – Efeito da posição do SN com relação ao verbo sobre a realização da concordância de número

POSIÇÃO DO SN EM RELAÇÃO	Frequência	%	Peso relativo
À esquerda do verbo	15/68	22,1	0.341
À direita do verbo	77/234	32,9	0.531
Posição isolada	7/9	43,8	0.727

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme podemos observar através dos dados, os SNs localizados em posição isolada com relação ao verbo favorecem o uso da concordância nominal de número entre os elementos flexionáveis do SN, apresentando um peso relativo de .727. Fato semelhante ocorreu com os SNs localizados à direita do verbo, com um favorecimento maior à marcação de pluralidade nos SNs nesta posição (PR .531) que aqueles SNs localizados à esquerda do verbo (PR .341). O mesmo pode ser observado no gráfico, através das porcentagens:

Figura 5 – Efeito da Posição do SN em relação ao verbo na variação da concordância

Fonte: Elaborado pela autora

Embora haja, de modo geral, uma tendência à não marcação de pluralidade, são os SNs localizados em posições isoladas ao verbo que apresentam um maior favorecimento à aplicação da regra canônica da concordância, apresentando um percentual de 44%, seguidos dos sintagmas localizados à direita do verbo, com 33% para a aplicação da regra.

Deste modo, tomando como base a análise destes resultados, a hipótese aqui levantada, de que os SNs localizados à esquerda do verbo, por se encontrarem numa posição mais saliente,

propiciam uma maior marcação do que aqueles localizados à sua direita, não se verifica neste *corpus*, uma vez que ficou evidenciado que, nas cartas produzidas por “mãos inábeis”, são os SNs localizados à direita do verbo e em posição isolada que tendem a vir mais marcados.

8.1.2 O número absoluto de constituintes do SN

Esta variável tem como objetivo verificar se a extensão sintagmática, composta pelo número total de constituintes no SN, favorece ou não a aplicação de número na regra da concordância nominal. Para tanto, foram observados os sintagmas compostos por dois itens, como em (51), os sintagmas compostos por três itens, como em (52) e aqueles compostos por quatro itens ou mais, como em (53).

- (51) a. [...] Deiti **ummas bensas** unu mus| f f filhos sim p onpadi| [...]. (AFS- 2)
 b. [...] Quero ser **teus labios**. [...]. (AHC- 57)
 c. [...] quando vio que por zuada eu| não eu n saia de casa ele| amolou uma faca **11 horas** da| noite para me fazer medo [...]. (MDC- 84)
 d. [...] conpadi| eu jar li esquivi **ter veiziØ**| par u sinhor ir nunca ricibi| nen umma carta sua [...]. (AFS- 11)
 e. [...] você já fez **meus tapetiØ** e o cento| mande-me dizer [...]. (DCS- 69)
- (52) a. Pegei na pena para dar **as minhas nutias** iu momento obeter as suas| [...]. (GOR- 28)
 b. Ave ceja Deus com-tigo em**todos os momentos** da| tua vida [...]. (SFS- 40)
 c. [...] para ver si| pur meio dessa eu posso colher **as suas noticias** [...]. (JMS- 66)
 d. [...] u sinhor | tiri **uØ ceuØ retartos** ir| min mandi par min| [...]. (AFS- 10)
 e. [...] Não pocu mais ficarca| cozinho eu Sinto fautad**us teus carinho** [...]. (JMA- 65)
- (53) a. [...] vor passa os dias| com **vosseis todos us meus irmãos** e| com incidos [...]. (MC- 37)
 b. [...] Linbranca e abarco **atodos us meus ermãos** [...]. (MC- 37)
 c. [...] lhi pesco as minhas desculpa que| são **as minhas poucas praticas** [...]. (JMS- 66)
 d. [...] Comadre e Compadre emvio **as minhas tresteØ nutisiaØ** [...]. (MDC- 84)
 e. [...] espero o neu amo com **orØ meuØ braços abertoØ**. [...]. (RAC- 85)

Os resultados das marcas de plural com relação a esta variável encontram-se na *Tabela 6* a seguir:

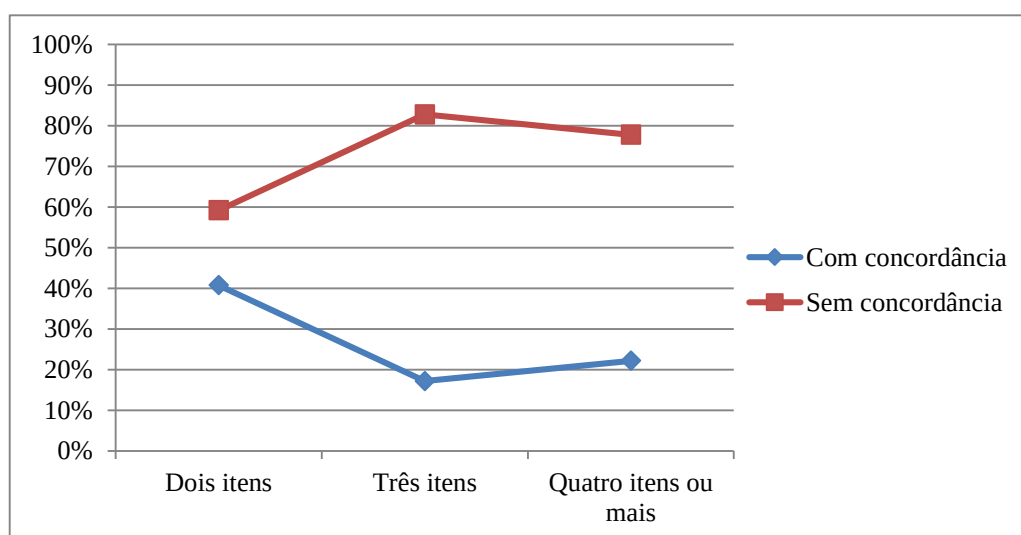
Tabela 6 – Efeito do número absoluto de constituintes do SN sobre a realização da concordância de número

NÚMERO ABSOLUTO DE CONSTITUINTES DO SN	Frequência	%	Peso relativo
Dois itens	75/184	40,8	0.627
Três itens	20/116	17,2	0.339
Quatro ou mais itens	4/18	22,2	0.266

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme podemos observar a partir destes resultados, os sintagmas compostos por dois itens tendem a realizar com maior incidência as marcas de concordância, apresentando um peso relativo de .627. Em contrapartida, os sintagmas compostos por três itens ou aqueles formados por quatro ou mais tendem a não favorecer a aplicação das regras de concordância, apresentando um peso relativo de .339 e .266, respectivamente. Tais resultados também podem ser visualizados no gráfico que segue.

Figura 6 – Efeito do Número absoluto de constituintes do SN na variação da concordância



Fonte: Elaborado pela autora

Deste modo, é interessante observar que os resultados da taxa do uso de concordância em função do número de constituintes do SN, neste *corpus*, apontam para uma ordem

inversamente proporcional: quanto maior for a extensão sintagmática, menor será a realização das marcas de concordância, e, ao contrário, quanto menor for a extensão do sintagma, maior será o favorecimento da aplicação das regras de concordância.

Uma vez apresentados os resultados das variáveis linguísticas mais relevantes para a análise da marcação de plural nas cartas de inábeis, demonstraremos, no item a seguir, os resultados das variáveis sociais na análise deste fenômeno.

8.2 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

A análise das variáveis sociais também tem trazido grandes contribuições nos estudos dos fenômenos linguísticos variáveis, principalmente nos casos em que uma das variantes é estigmatizada. Deste modo, pode-se afirmar que, por meio da abordagem externa e interna da língua, é possível observar a heterogeneidade linguística. Por isso, como bem coloca WLH (1968), o problema da mudança linguística deve ser avaliado não só na sua estrutura interna, mas também no seu encaixamento social (estrutura externa). Logo,

na explicação da mudança lingüística, é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema lingüístico como um todo [...]. Assim, a tarefa do lingüista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema lingüístico abstrato. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 123).

Neste sentido, não é possível concluir uma análise das relações estruturais dentro de um sistema linguístico, sem considerar as relações externas.

Considerando, então, essas proposições, em que se coloca para a investigação da variação e da mudança da língua a necessidade de se correlacionar fatores linguísticos e extralinguísticos, consideramos oito variáveis sociais. Porém, dessas, o programa estatístico GOLDVARB X selecionou como fator relevante ao uso da marca de plural no PB apenas a variável *data de escrita das cartas* e a *situação de aprendizagem*.

A variável social *data de escrita das cartas*, no entanto, não será tratada neste estudo em virtude de um possível enviesamento dos dados, já que, embora as cartas tenham sido escritas ao longo do século XX, há uma grande lacuna devido à ausência de cartas escritas entre o ano de 1910 a 1950.

Conforme pode ser observado no *Quadro 1* (cf. Subitem 7.1), apenas 2 cartas foram escritas na primeira década do século XX, e as demais foram escritas já na segunda metade desse século, ou seja, a partir da década de 1950. Além disso, algumas cartas não tiveram a data

de escrita declarada. Logo, tendo em vista a pouca quantidade de cartas escritas na primeira metade do século XX e a ausência de datas declaradas em algumas cartas, essa variável não será levada em consideração, a fim de garantir a transparência do estudo aqui realizado.

Vale dizer ainda que, embora não tenha sido selecionada pelo Goldvarb, discutiremos também, por meio apenas dos resultados percentuais, a variável *presença/ausência do constituinte em fórmulas*, haja vista a grande ocorrência de expressões cristalizadas no *corpus*. Com isso, objetiva-se analisar se as fórmulas cristalizadas representam ou não espaços de resistência à variação da concordância número que se faz no SN.

8.2.1 A situação de aprendizagem

A variável social *situação de aprendizagem*, assim definida neste trabalho, possui uma relação direta com outra variável bastante estudada nos trabalhos em torno da variação da concordância de número no SN: o nível de escolaridade. Esta variável tem sido muito focalizada pelos estudos sociolinguísticos, já que, do ponto de vista social, as pessoas com diferentes graus de escolaridade, ou que se encontram em diferentes contextos de aprendizagem, estão expostas a situações diversas, o que pode influenciar a escolha de uma ou outra forma linguística.

Nesta perspectiva, cumpre esclarecer que, neste trabalho, optou-se por utilizar o termo *situação de aprendizagem*, tendo em vista o nível de escolaridade em que todos os remetentes se encontravam: todos os remetentes possuem pouca escolaridade. Logo, para que pudéssemos observar o efeito da variável *situação de aprendizagem*⁴⁸ sobre a presença de marcas de plural nos SNs, dividimos essa variável em cinco dimensões: *os que estudaram pouco em casa*, *os que estudaram apenas os primeiros anos*, *os que estudaram até a 4ª série*, *os que aprenderam através da convivência com os amigos e leitura da bíblia* e *aqueles sem identificação* quanto a situação de aprendizagem. Posto isso, vale dizer que, para essa análise, apenas os contextos declarados quanto a situação de aprendizagem foram levados em consideração.

Conforme as informações levantadas por Santiago (2012), dos 43 remetentes, 26 declararam não ter frequentado a escola, estudando um pouco em casa. Estes remetentes tiveram o contato com as primeiras letras na própria residência, com o auxílio de uma professora

⁴⁸ As informações coletadas acerca das situações de aprendizagem dos remetentes foram coletadas de Santiago (2012), que fez essa identificação a partir de conversas com alguns remetentes e destinatários, já que muitos ainda estão vivos.

que esporadicamente aparecia na zona rural onde eles viviam. O acesso à escola era difícil, devido às condições financeiras e também por serem oriundos da zona rural, já que a distância e as dificuldades de acesso também foram impedimentos.

Em seu estudo sobre *As memórias dos sertanejos baianos: expressões sobre suas práticas de escrita*, Santiago (2014) afirma, a partir dos relatos dos próprios remetentes, que, a presença da professora, trazida por um “machante de gado” – como eram chamados os homens que levavam o gado vendido pelos fazendeiros para Feira de Santana, um dos grandes pontos de comercialização do gado da Bahia –, era bastante passageira e rara. Dessa forma, a professora ficava, aproximadamente, um mês nas fazendas, inventando espaços de ensino-aprendizagem, improvisados nas salas das próprias residências.

Com relação ao contexto escolar da época, Santiago (2014) ressalta que, muitas vezes, a função da escola da zona rural era, sobretudo, ensinar a assinar o nome. Assim, o pouco contato com as letras, isto é, a pouca familiaridade com o código escrito, contribuiu para que estes redatores se caracterizassem como adultos estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita.

Apenas um dos remetentes declarou não ter frequentado a escola e não teve aulas em casa, aprendendo a escrever convivendo com amigos já escolarizados e com a leitura da bíblia. De acordo com Santiago (2014), o contato com outros materiais escritos, com amigos escritores de cartas, que forneciam “modelos”, e que também liam “A Gazeta”, um jornal da época, contribuiu para que ele desenvolvesse a prática de escrever cartas, ou, *maneiras de fazer*, utilizando o termo de Certeau (2013).

Somente dois remetentes frequentaram apenas os primeiros anos da escola e seis remetentes estudaram até a quarta série. Não há informações a respeito da escolaridade nem da situação de aprendizagem de 08 remetentes.

De acordo com Santiago (2012), em termos de inabilidade de escrita, não há muita diferença entre aqueles que não frequentaram uma instituição de ensino e os que estudaram os primeiros anos. A referida autora afirma ainda que, todos os remetentes, independente de como tiveram acesso às primeiras letras, apresentam, nos seus produtos gráficos, aspectos próprios a adultos em fase de aquisição da escrita.

Feitas essas considerações, a análise dessa variável tem como objetivo verificar se a situação de aprendizagem a qual os redatores foram expostos influencia na realização ou não da marcação de pluralidade nesse *corpus*. O efeito da variável *situação de aprendizagem* sobre

a presença da concordância de número plural, neste *corpus*, pode ser observado, inicialmente, a partir da *Tabela 7*.

Tabela 7 – Efeito da situação de aprendizagem sobre a realização da concordância de número no SN

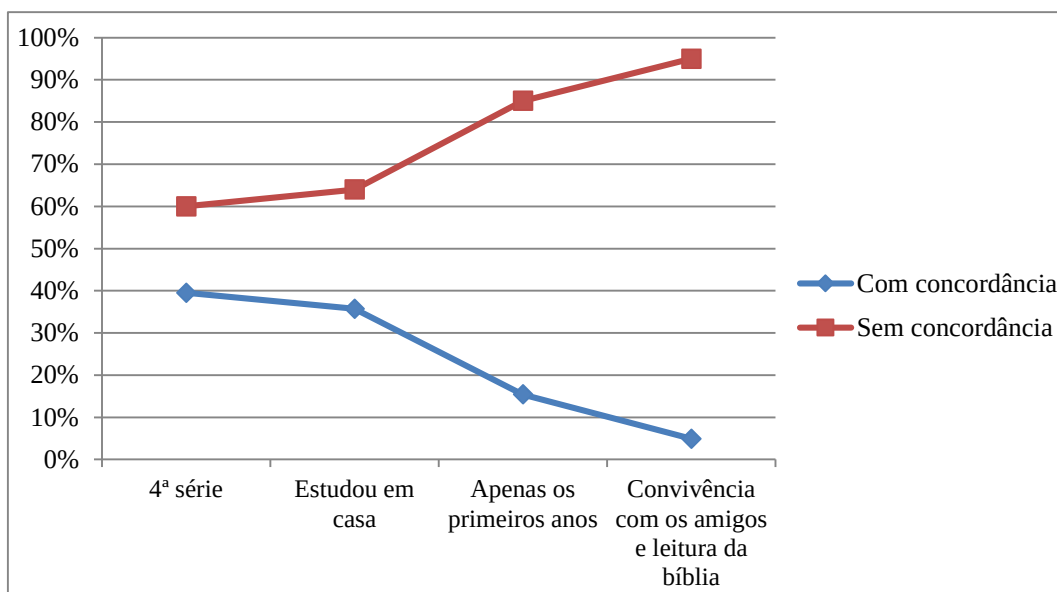
SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM	Frequência	%	Peso relativo
Estudou pouco em casa	45/126	35,7	0.640
Estudou apenas os primeiros anos	2/13	15,4	0.459
Estudou até a 4ª série	15/38	39,5	0.762
Aprendeu através da convivência com os amigos e leitura da Bíblia	4/82	4,9	0.198

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da *Tabela 7*, percebemos que os remetentes que estudaram até a 4ª série realizam mais a marcação de PL, com peso relativo de .762, do que aqueles que estudaram apenas os primeiros anos (PR .459). Da mesma forma, os remetentes que estudaram um pouco em casa também apresentaram um resultado favorecedor à marcação de pluralidade, com um PR .640. Na direção inversa, aqueles remetentes que nunca frequentaram a escola, aprendendo apenas através da convivência com os amigos escolarizados e com a leitura da bíblia, apresentaram um grande desfavorecimento à aplicação da regra canônica para a marcação de PL, apresentando um peso relativo de .198.

É possível notar ainda que a taxa de uso da concordância daqueles que estudaram um pouco em casa, com o auxílio de uma professora sobrepõe aqueles que estudaram apenas os primeiros anos, o que pode ser justificado, como já dito anteriormente, pela função da escola da zona rural, que era, sobretudo, apenas ensinar a assinar o nome, não havendo prática de leitura e escrita nos primeiros anos escolares.

No gráfico, poderemos observar a variação na concordância de número entre os nomes diante da variável situação de aprendizagem.

Figura 7 – Efeito da Situação de aprendizagem na variação na concordância de número nos SNs

Fonte: Elaborado pela autora

Em linhas gerais, esses resultados apontam que o espaço escolar ainda exerce muita influência com relação à aplicação das regras de concordância nominal, de modo que foram os indivíduos que tiveram uma maior exposição à educação formal, sobretudo aqueles que conseguiram chegar até a 4ª série, que tendem a realizar mais a marca de número plural.

O apagamento da marca de plural nos constituintes dos SNs relacionado à variável situação de aprendizagem, neste trabalho, pode ser justificável pelo baixo nível de escolaridade por parte dos remetentes. Como já dito, o acesso à escola era difícil, devido à condição social e financeira em que se encontravam os remetentes das cartas, oriundos da zona rural. Por esta razão, 26 dos 43 remetentes declararam que não frequentaram a escola, estudando um pouco em casa ou mesmo aprendendo no convívio diário com os amigos alfabetizados e através da leitura da bíblia.

Situações como essas favorecem o cancelamento da marca de pluralidade nos constituintes presentes nos SNs presentes nesse corpus, revelando produções que se distanciam das convenções da escrita, aproximando-se, em muitos aspectos, da fala.

8.2.2 A presença/ ausência dos SNs nas fórmulas

Durante muito tempo, há mais de 2 mil anos, a carta foi o principal meio de comunicação à distância. Nesse sentido, pode-se afirmar que a arte de escrever cartas corresponde a uma prática social destinada ao intercâmbio, cuja principal função é comunicar algo a outro

indivíduo que está distante, materializando, com isso, o desejo ou a necessidade de interagir à distância.

De acordo com Bouvet (2006), por ser uma prática antiga, a escritura das cartas perpassa diversas atividades sociais e em cada uma delas adquire configurações específicas. Assim, o referido autor afirma que

[...] da carta breve às epístolas, da carta de negócios à de amor, da crônica à ficção, caracteriza-se por acolher a uma temática variada expressa em múltiplos registros linguísticos. Existe uma grande diversidade de tipos de cartas que se adequam às mais variadas circunstâncias de uso na vida social e adotam formatos diversos ao longo do tempo, o que as converteu em objeto de variadas classificações em todos os tempos. (BOUVET, 2006, p. 11-12).

Verifica-se, portanto, que a carta se atualiza de diversas maneiras, isto é, segue as variadas práticas sociais em que a estrutura da carta se instaura e os distintos usos que delas são feitos. Em algumas, se destacam determinados traços ou componentes (formato externo – cabeçalho, data, assinatura –, expressões formulaicas frequentes em suas seções iniciais e finais), já em outras esses mesmos traços podem estar neutralizados ou podem adquirir matizes particulares.

Entretanto, é necessário estabelecer a distinção entre expressões formulaicas, já cristalizadas, e o enunciado introdutório e/ou finalizador de uma correspondência escrita. Sabemos que as aberturas e fechamentos são constitutivos do gênero carta, em qualquer possibilidade tipológica dessa organização genérica. Sua localização, por si, já constitui tradição. Contudo, resta localizar a frequência de formulações específicas utilizadas em uma determinada época, além de outras marcas linguísticas representativas do estilo de determinado enunciadador.

As cartas destinadas à correspondência pessoal, como as constitutivas deste *corpus*, são marcadas pela relação emotiva entre familiares e amigos. Dessa forma, nas cartas produzidas por “mãos inábeis”, percebemos várias ocorrências de um polimento inicial, onde os remetentes demonstravam interesse por notícias da vida e saúde do interlocutor, constituindo, assim, uma expressão formulaica registrada em, praticamente, todas as 91 cartas, ao longo do século XX, como podemos observar nos exemplos a seguir:

- (54) a. [...] perzado queridinho estimado Amigso | pitanga esta duas linha li Dirzer | procura
A nuticia divocer i toudo| seu [...]. (AFS- 1)
- b. [...] perzado| a amigor p. Compadi esta duas linha solmenti| par lidar a mihas notissa
nu mimo pempo| salber da sua i di toudo da qui [...]. (AFS- 4)
- c. Pegei na pena para dar as minhas| nutias iu momento obeter as suas| [...]. (GOR- 28)

- d. [...] envio li estas duas linhas dando as minhas| nutisia e u mesmo tempo saber das suas e de| todos [...]. (JCO- 31)
- e. [...] Sim Compa<↑de>li esquevol esta duas| linha so li inviando lebransa| au senhor i a Comade| almerinda.| [...]. (LFO- 32)
- f. João o fim desta doas linha e somente| para voce falar com os menino que venha| para dar uma asinatura da casa do Ichu | [...]. (MCO -35)
- g. [...] o fim desta duas linhas i só a lhi dizer que estamos| com sauda [...]. (NIN- 51)
- h. [...] ufim desta duas linha e Sol| mente para lhi dar as minha| nutisa i no mesmo tempo| salber das sua comadre| [...]. (ZSS- 53)
- i. O inicio desta duas linhas e pra dar minha noti-|cias e quero saber das suas [...]. (AHC- 55)
- j. [...] dezejo Çei estra duas linha| Liçotre çopefetra caude i felisdrade çoprade zezitro| [...]. (JS- 62)
- k. Muito eu estimarei que esta duas linha va liacha com saude| vosmece hi toda sua Excelentíssima familia [...]. (FP- 80)

A partir deste aspecto, cumpre-nos observar como se dá a variação da concordância nominal de número nos SNs presentes fórmulas, a fim de verificar se há variação mesmo nas construções cristalizadas.

Dos 318 SNs analisados, verificamos que 91 (28,6%) residem em fórmulas, como os exemplos acima, e 227 (71,4 %) encontram-se fora das expressões cristalizadas. Dos sintagmas presentes nas fórmulas, foram observadas as construções sintagmáticas com marcação de pluralidade para todos os elementos flexionáveis do SN, como em (55), e as construções sintagmáticas em que há ausência de pluralidade em pelo menos um dos elementos flexionáveis do SN, como em (56).

(i) Sintagmas presentes nas fórmulas com a marcação de pluralidade

- (55) a. [...] envio li **estas duas linhas** dando as minhas| nutisia e u mesmo tempo saber das suas e de| todos [...]. (JCO- 31)
- b. [...] envio li estas duas linhas dando as minhas| nutisia e u mesmo tempo saber **das suas** e de| todos [...]. (JCO- 31)
- c. [...] João eu faco **estas duas lihas** comen| te Para da as mihs notica|. (SFS- 42)
- d. [...] pego na caneta para| dar. **minhas noticias** au mesmo tempo obeter| as suas [...]. (AHC- 56)
- e. [...] vou lhi fazer esta caval|leira carta para dar lhi **minhas dignas| noticias** [...]. (JMS- 67)

(ii) **Sintagmas presentes nas fórmulas sem a marcação de pluralidade:**

- (56) a. João o fim **destas doas linha** e| para saber de Zacarias o preço das| tabôa de Vavá [...]. (MCO- 33)
- b. [...] João eu faco estas duas lihas comen| te Para da **as mihs noticia** [...]. (SFS- 42)
- c. [...] Amerinda as horas...|siliçioza da minha vida que pêgo| nu meu radio lapes para ti.| ênvier-l **as minha** **noticias** i di todos| mêus [...]. (APS- 43)
- d. ufim **desta duas linha** e Sol| mente para lhi dar as minha| nutisa i no mesmo tempo| salber das sua comadre| [...]. (ZSS- 53)

Os resultados da marcação de pluralidade para esta variável encontram-se dispostos na *Tabela 8*:

Tabela 8 – Efeito da presença/ausência dos SNs nas fórmulas sobre a realização da concordância de número

FÓMULAS	COM CONC.		SEM CONC.	
	Frequência	%	Frequência	%
Presença	22/91	24,2	69/91	75,8%
Ausência	77/227	33,9%	150/227	66,1%

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme podemos observar através da *Tabela 8*, dos 91 sintagmas que residem nas fórmulas, apenas 24,2% estabelecem a marcação de pluralidade, ao passo que 75,8% dos SNs não realizam a concordância de acordo com o cânone.

É bem verdade que a grande maioria dos sintagmas, 227 SNs, reside fora das fórmulas, e destes apenas 33,8% aparecem totalmente marcados quanto a pluralidade. A maior parte dos sintagmas fora das fórmulas também aparece sem a marcação de pluralidade, apresentando um percentual de 66,1%. Vejamos alguns exemplos:

(iii) **Sintagmas fora das fórmulas com a marcação de pluralidade:**

- (57) a. [...] as galinha que eu tem aí e| a que q <↑?> foi de brenadete que esta com **us** **pintos** [...]. (MC- 37)
- b. [...] eu vou passando como que Jeus e sîntindo| e **numeros as saudades** das nossa paslestar.. formidavel| [...]. (SFS- 40)
- c. [...] lhi pesco as minhas desculpa que| são **as minhas poucas praticas** [...]. (JMS- 66)

(iv) Sintagmas fora das fórmulas sem a marcação de pluralidade:

(58) a. [...] para mim| serar **os maiorØ prazerris** que eu averas| di ter [...]. (JMS- 66)

b. [...] poreu si vosmece tiver| **algumas viajimØ** podi hir [...]. (JMS- 66)

c. [...] **As** [...] **CoizaØ todas** ca não vai bem não vai assim não bem| [...]. (FP- 79)

Em linhas gerais, no que diz respeito aos SNs presentes nas fórmulas, notamos que a grande maioria deles (75,8%) não realizam a marcação de pluralidade, assim como uma grande parte dos SNs presentes nas cartas (66,1%). Essa constatação nos faz observar que, de fato, as expressões cristalizadas não constituem espaços de resistência às variações, já que também nestas construções observamos a variação em torno da concordância nominal de número.

De todo modo, notamos que há uma predominância à não marcação de pluralidade nos sintagmas nestas cartas, presentes e ausentes nas fórmulas.

Neste capítulo observamos a variação da concordância nominal de número na perspectiva sintagmática, que considera o SN inteiro como um dado de análise, proporcionando uma visão global do fenômeno. No capítulo seguinte, faremos uma análise da marcação de pluralidade em sentenças retiradas das cartas de inábeis sob a perspectiva atomística.

9 PERSPECTIVA ATOMÍSTICA

Nesta perspectiva atomística, consideramos como dado de análise cada um dos constituintes flexionáveis dos SNs plurais, de modo que se o constituinte estivesse formalmente marcado, consideramos presença de concordância; caso contrário, consideramos ausência. Dito isto, cumpre destacar que, nesta análise, também foram considerados os casos de SNs precedidos por numerais. Vejamos:

(i) Constituinte marcado

(59) [...] Deiti **ummas** **bensa** unu mus| f f filhos sim p onpadi| [...]. (AFS- 2)

(60) [...] recebi duas **cartas** cua i 2 di conpadi [...]. (AFS- 7)

(ii) Constituinte não marcado

(61) [...] envio li estas duas linhas dando **a** minhas| **nutisia** e u mesmo tempo saber das suas e de| todos [...]. (JCO-31)

(62) [...] sim João eu| Comprei 8000 **tarefa** deterra [...]. (GOR- 27)

Consideramos, nas cartas dos inábeis, 710 constituintes passíveis de receber a concordância de número dentro do SN. Destes, 420 (59%) obtiveram a marcação de plural, ao passo que 290 (41%) não receberam a marca, conforme podemos observar na *Tabela 9*:

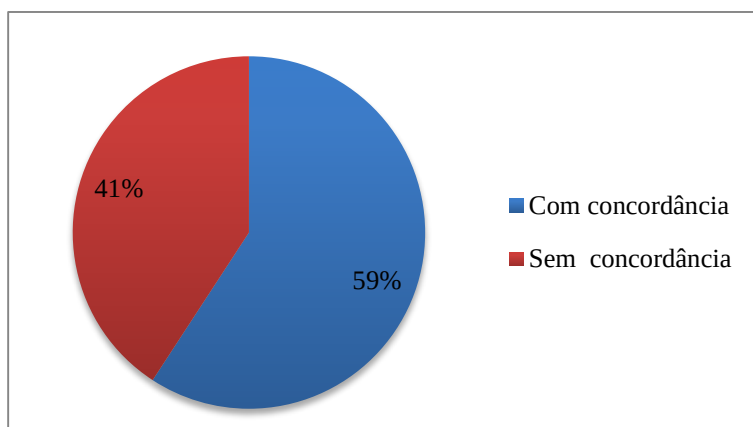
Tabela 9 – Taxas da variação da concordância entre os itens do SN

SINTAGMA NOMINAL	Frequência	%
Com concordância	420/710	59
Sem concordância	290/710	41

Fonte: Elaborado pela autora

Estamos diante, portanto, de um favorecimento maior de marcação de pluralidade nos constituintes flexionáveis do SN. Apesar disso, os índices sem marcação de pluralidade não são desprezíveis, uma vez que o percentual tido para a não marcação, de 41, 1%, indica que, embora tenha desfavorecido a presença de concordância, não foi significativamente baixo, representando, assim, uma ideia de variação, como pode ser visualizada no gráfico a seguir.

Figura 8 – Variação da concordância entre os constituintes dos SNs em cartas de inábeis do século XX



Fonte: Elaborado pela autora

Diante da variação da concordância de número entre os elementos dos SNs nas cartas dos inábeis, partiremos para análise quantitativa em torno das variáveis linguísticas e sociais selecionadas pelo GOLDVARB X. Desse modo, assim como na análise sintagmática, começaremos analisando as variáveis linguísticas e, posteriormente, faremos as análises das variáveis sociais.

9.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

No intuito de observar como ocorre a variação da concordância de número nos constituintes do SN, analisamos os seguintes grupos de fatores linguísticos, a citar: (i) *a posição do constituinte em relação ao núcleo*; (ii) *a saliência fônica envolvendo a tonicidade*; e (iii) *as marcas precedentes ao elemento analisado*. Todas as três variáveis linguísticas foram consideradas pelo GOLDVARB X como sendo fatores relevantes para a análise da marcação ou não de plural nas cartas de inábeis.

Pesquisas anteriores⁴⁹ que tratam da variação da concordância no sintagma nominal afirmam que essas variáveis são importantes para o entendimento desse fenômeno. Portanto, a partir de então, analisaremos as três variáveis que se tomam como possíveis fatores a interferir na variação de número na aplicação das regras de concordância entre os elementos do SN.

⁴⁹ Scherre (1988); Lopes (2001); Baxter (2006), entre outros.

9.1.1 A posição do constituinte em relação ao núcleo

A análise da variável *posição do constituinte em relação ao núcleo* permite a observação do condicionamento da presença de marcas de plural no sintagma sobre a realização de plural no elemento analisado, considerando a sua posição em relação ao núcleo: se anterior ao núcleo, localizando-se à esquerda, mas não adjacente a ele; se imediatamente anterior ao núcleo, adjacente a ele; se elemento nuclear ou posterior ao núcleo.

Em seus trabalhos, Scherre (1988, 1998) concluiu que as classes antepostas ao núcleo tendem a ser mais marcadas do que as pospostas a ele, distinguindo apenas as classes anteriores ao núcleo em primeira posição e anteriores ao núcleo em segunda posição. Nessa perspectiva, a variável *posição do constituinte em relação ao núcleo* foi configurada seguindo as linhas gerias do modelo de Scherre (1988, 1998), porém distinguimos as posições pré-nucleares em termos de adjacência ao núcleo, ou seja, as classes imediatamente anteriores ao núcleo das não imediatamente anteriores ao núcleo, um procedimento adotado por Lopes (2001) na sua análise da fala de Salvador. Dessa forma, assim como Lopes (2001), assumimos aqui a hipótese inicial de que, além da posição à esquerda do núcleo, a adjacência ao núcleo seja um dado favorecedor da marcação de pluralidade nos constituintes do SN.

Scherre (1988) estudou essa variável conjuntamente com a variável posição e com a variável categoria morfológica. Já Lopes (2001) iniciou a sua análise observando separadamente essas variáveis, mas posteriormente adotou o mesmo procedimento de Scherre (1988). Neste trabalho, analisaremos conjuntamente a variável posição e a categoria morfológica por entendermos que a *posição do constituinte em relação ao núcleo* já contempla os elementos nucleares (os substantivos ou categorias substantivadas) e os elementos não-nucleares (os artigos, possessivos, demonstrativos, adjetivos e outros).

Posto isso, para a análise em questão, desmembramos essa variável em seis fatores: à esquerda adjacente ao núcleo, à esquerda não-adjacente ao núcleo, núcleo em 1ª posição, núcleo em 2ª posição, núcleo em 3ª posição em diante e itens à direita do núcleo⁵⁰. Essas ocorrências puderam ser verificadas nas cartas dos inábeis, conforme esboçam as seguintes construções:

(i) À esquerda adjacente ao núcleo

(63) a. [...] Deiti **ummas** bensas unu mus| f f filhos sim p onpadi| [...]. (AFS- 2)

b. Pegei na pena para dar as **minhas**| nutias iu momento obeter as suas| [...]. (GOR-28)

⁵⁰ Como se pode observar, apenas foi considerada a linearidade do constituinte com relação ao núcleo.

- c. [...] lhi pesco as minhas desculpa que| são as minhas **poucas** praticas|. (JMS- 66)
- d. [...] eu vou passando como que Jeus e sîntindo| e numeros as saudades das **nossaØ** paslestar.. formidavel| [...]. (SFS- 40)
- e. [...] sin commadi Deus lommi| comta da s sinhora di **ceuØ**| filihos i di nois toudos| [...]. (AFS- 45)

(ii) À esquerda não adjacente ao núcleo

- (64) a. Pitanga li esquevo| esta duas linha| er solmenti par li| Dar **as** minho noticia| [...]. (AFS- 15)
- b. Quridinha Amiguinha Amerinda|**as** minha saudações| [...]. (APS- 43)
- c. [...] Comadre e Compadre envio as| **minhas** treste nutisia [...]. (MDC-84)
- d. Venho por meio **destaØ** atrevidas.| linhas. pedir-lhi á mão de vossa.| Filha Maria Inez: á cazamento.| [...]. (APC- 83)
- e. [...] espero o neu amo com **orØ** meu braços| aberto [...]. (RAC- 85)

(iii) Núcleo em 1ª posição

- (65) a. [...] como| vais **vosseis** todos| [...]. (MC- 36)
- b. [...] olhe| Elena Jurandy estar fazendo| prano de pasar o natal aqui e| vem com mais A familia voceis| venha tanbem para encontra **todos**| juntos.| [...]. (ASC- 63)
- c. [...] eu tenho gosto i prazer quando| tenho **notisias** sua| [...]. (JMS- 68)
- d. [...] Quando a senhora| escrever para ele mande **lembran|ças** minha <↑de josé> e dos meninos.| [...]. (ML- 77)
- e. [...] lenbarnca as| menina da|qui **meninaØ**| bonitas|. (ASF- 10)⁵¹

(iv) Núcleo em 2ª posição

- (66) a. [...] Deiti ummas **bensas** unu mus| f f filhos sim p onpadi| [...]. (AFS- 2)
- b. [...] eu| estou com muita votadi di| cormer aquela **furtas**| b boa i gostozal [...]. (AFS- 25)
- c. [...] como vai a noca galinha| Di rasa com os **pintinhos**| [...]. (GOR- 28)
- d. [...] Lembrança a meus **tioØ** todos| [...]. (JCO- 31)
- e. [...]... já acertei com os **oficialØ** para| fazer as porta [...]. (MCO- 33)

⁵¹ Foi encontrada apenas essa ocorrência para a não-marcação do constituinte nuclear em 1ª posição.

(vi) Núcleo em 3ª posição em diante

- (67) a. [...] João eu fasso tenção de aparicer| por tá lá nos quinze **dias** [...]. (MCO- 34)
 b. [...]si Deus quizer e vor passa os dias| com vosseis todos us meus **irmãos** e| com incididos [...]. (MC- 37)
 c. [...] a vjiem santiszima derramais la du| alto seu as maiores **felicidades** sobre a ti i todos| que ti sercam [...]. (SFS- 40)
 d. [...] João eu faco estas duas lihas comen| te Para da as mihs **noticaØ** [...]. (SFS- 42)
 e. [...] hojin chegou a occazião di eu lhe| comta os meus **pascadoØ** [...]. (JMS- 66)

(vi) Itens à direita do núcleo

- (68) a. [...] Lembrança a meus tio **todos**| [...]. (JCO- 31)
 b. [...] abencoi| os mininos **todos** [...]. (NIN- 38)
 c. [...] as [.].coiza **toda**s ca não vai bem não vai asim não bem| [...]. (FP- 79)
 d. [...] recebi duas cartas **cuaØ** i 2 di conpadi [...]. (AFS- 7)
 e. [...] oliha mãe| eu tive om probema qui o baracco| quiaio por cima de mi e de mirada| mais miranda Sol fiquio as pena **peisaØ** [...]. (VAN- 86)

Ao analisar a *Tabela 10*, podemos verificar os números coligidos para a variável *posição com relação ao núcleo*, representando todos os índices a que se fizeram referências nos exemplos acima.

Tabela 10 – Efeito da posição do constituinte em relação ao núcleo sobre a realização da concordância de número

POSIÇÃO DO ITEM COM RELAÇÃO AO NÚCLEO	Frequência	%	Peso Relativo
À esquerda adjacente ao núcleo	173/231	74,9	0.530
À esquerda não adjacente ao núcleo	78/125	62,4	0.358
Núcleo em 1ª posição	10/11	90,9	0.776
Núcleo em 2ª posição	96/190	50,5	0.487
Núcleo em 3ª posição em diante	48/118	40,7	0.592
Itens à direita do núcleo	15/35	42,9	0.477

Fonte: Elaborado pela autora

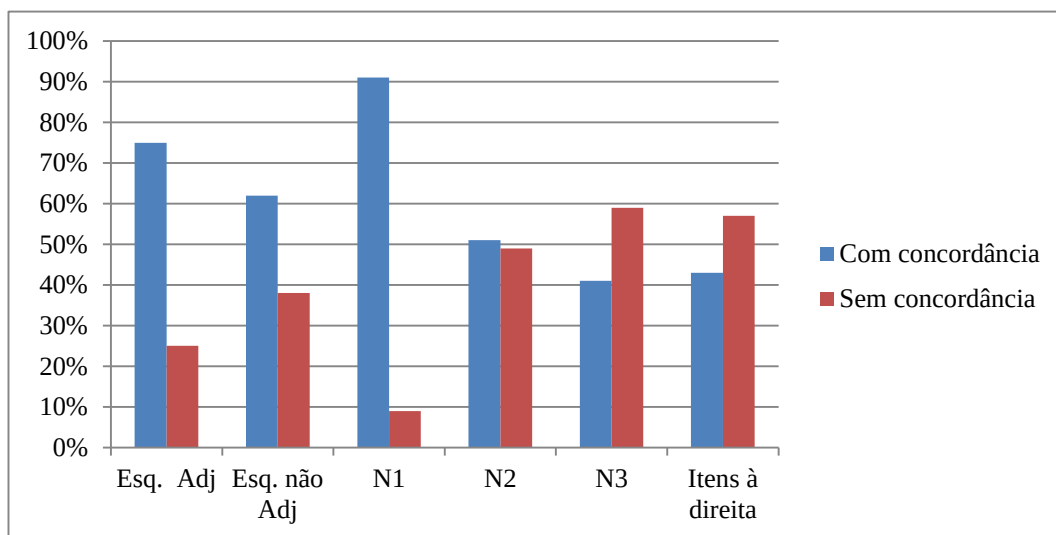
A análise, através dos dados da *Tabela 10*, revela que a posição do item localizado à esquerda do núcleo, adjacente a ele, é que favorece a presença da marca de pluralidade, com

um peso relativo (PR) de .530; a posição à esquerda não adjacente ao núcleo apresenta um peso relativo de .358, indicando desfavorecimento. Logo, em termos de adjacência, há uma tendência maior à retenção da marca de pluralidade nos constituintes localizados à esquerda adjacente ao núcleo.

Quando comparamos os itens localizados à esquerda adjacente ao núcleo com os itens situados à direita, percebemos que há um desfavorecimento à marcação de pluralidade nos constituintes situados à direita do núcleo, posição que apresenta um peso relativo de .477 para a retenção da marca.

Com relação aos constituintes nucleares, percebemos que há uma forte marcação de pluralidade do núcleo em primeira posição, com um peso relativo de .776, apesar de serem poucas as aparições desses itens nesta posição do sintagma nominal; já na 2ª e 3ª posições, o que se pode colocar em relevo é que a variação na concordância é maior, indicando que há um desfavorecimento da marcação de pluralidade nos constituintes nucleares em 2ª posição, com um peso relativo de .487, e um aumento de concordância nos núcleos em 3ª posição, com um peso relativo de .592. Vejamos no gráfico os resultados através das porcentagens:

Figura 9 – Efeito da variável posição do constituinte em relação ao núcleo na variação na concordância de número nas cartas dos inábeis



Fonte: Elaborado pela autora

Em termos percentuais, a *Figura 9* aponta para um fato incontestável, mas que não é nenhuma novidade nos estudos sobre variação de concordância: os constituintes pré-nucleares parecem exibir mais tendências a reterem a marca de plural do que os constituintes pós-nucleares. Dessa forma, enquanto os itens localizados à esquerda adjacente e não-adjacente apresentam um percentual de 75% e 62%, respectivamente, para a marcação de pluralidade, os

constituintes situados à direita do núcleo apresentam um desfavorecimento à retenção da marca, com apenas 43% de marcação de PL.

É válido ressaltar que o fato de o constituinte nuclear na primeira posição ter apresentado uma alta retenção da marca explícita de concordância, com 91% de marcação de pluralidade, deve-se ao fato da baixa ocorrência de itens nesta posição.

Com relação aos elementos anteriores aos núcleos, é necessário se fazer ainda uma observação. Em alguns sintagmas, extraídos das cartas dos inábeis, o elemento em posição anterior não adjacente ao núcleo apareceu não marcado, havendo a inserção do morfema de plural apenas nos elementos de segunda e terceira posição. O contexto em que os dados não apresentam concordância é semelhante, com elementos em segunda posição, quase sempre marcados, antecidos por elementos não marcados em primeira posição.

Nas cartas dos inábeis, esse fenômeno apareceu em 47 ocorrências. Para possibilitar um melhor entendimento, são identificados alguns desses sintagmas em que, na presente pesquisa, se encontram esses elementos sem concordância à esquerda não adjacente ao núcleo. São eles:

- (69) a. perzado queridinho estimado Amigso | pitanga **esta**Ø duas linha li Dirzer | procura A nuticia divocer i toudo| seu [...]. (AFS- 1)⁵²
 b. [...] mando salber da nouticia di|**meu**Ø 2 filho [...]. (AFS- 2)
 c. [...] Deiti ummas bensas u **nu**Ø mus| f f filhos sim p onpadi| [...]. (AFS- 2)
 d. [...] pitanga farsa **a**Ø mia vesis| por mia farmiria| [...]. (AFS- 2)
 e. [...] perzado| a amigor p. Compadi esta duas linha solmenti| par lidar **a**Ø mihas notissa [...]. (AFS- 4)
 f. [...] eu solu u memo **Aqueri**Ø minno Amigos| [...]. (AFS- 4)
 g. [...] eu sou **a queri**Ø menmo amigos seu| [...]. (AFS- 4)
 h. [...] nada mas **du**Ø seu viri despesado amigos| [...]. (AFS- 5)
 i. **perzado**Ø querido amigos| Compadi pitanga [...]. (AFS- 6)
 j. Compadi| Pitanga urfim| **deta**Ø duas linhas| solmenti par dar| A miaha noticia| i nu mÃ^amo tenpos| salber sua tombem| [...]. (AFS- 8)⁵³
 k. [...] Sir eu viraci um cannarinnho| D Dar queri| bem cantador par| carnta nu seu tereiro| par carbar **a**Øminha dores| [...]. (AFS- 8)
 l. [...] u senhor | tiri **u**Ø ceu retartos ir| min mandi par min| [...]. (AFS- 10)
 m. [...] commo vai u senhor di saudi| comaØ mihas conmadi Almerinda| ir ur menino [...]. (AFS- 12)

⁵² Foram encontradas mais 18 sintagmas deste tipo.

⁵³ Foram encontradas mais 7 sintagmas deste tipo.

- n. [...] A maor| Aligial que eu tivi. na| miha vida condo eu| recibi **aØ** suas cartinha| [...]. (AFS- 18)
- o. [...] Zacarias u simhor Dirga **auØ**| meus compadis qui não| esqueça di que não esqueso| Delis [...]. (AFS- 19)
- p. [...] Estas duas linha solmenti par li dar **aØ** mihas| nouticia [...]. (AFS- 23)
- q. [...] Detar .que mando| Dinheiro **nestiØ** 60 dia [...]. (AFS- 23)
- r. [...] Conpadi pitanga| u sinhor b boti| umma bença **nuØ**| teis menino| [...]. (AFS- 24)
- s. [...] ana voce de um abraco e dete omabeca| ni debrando e abraco en **todaØ** as minha| amigas que ainda selinbra de min| [...]. (MC- 50)
- t. [...] pesso desculpa **nestaØ**mal| feita lenhas [...]. (JCO- 31)
- u. [...] Venho por meio **destaØ** atrevidas.| linhas. pedir-lhi á mão de vossa.| Filha Maria Inez: á cazamento.| [...]. (APC- 83)
- v. [...] espero o neu amo com **orØ** meu braços| aberto [...]. (RAC- 85)

Scherre (1988) foi a primeira a constatar o fenômeno aqui observado. A sua análise registra que os possessivos preenchem sempre a segunda posição nesses sintagmas, precedidos por artigos ou demonstrativos. Para a referida autora, o falante poderia estar analisando uma contração do tipo “no” como uma preposição, ou seja, como uma categoria que não se flexiona e, portanto, não apresenta marcas de plural. De acordo com Scherre (1988), esta possibilidade de reanálise parece tão forte que se estendeu aos artigos diante de possessivos precedidos de preposição que não apresentam contração e mesmo àqueles não precedidos de preposição. Logo, para a autora, os determinantes não marcados em primeira posição se encontram inseridos numa estrutura sintagmática bastante peculiar, ou seja, ocorrem nas sequências do tipo [artigo ou demonstrativo + possessivo + substantivo].

Lopes (2001) também observou a ocorrência desse fenômeno na fala de Salvador e, assim como Scherre (1988), percebeu, em seu estudo, que, na posição à esquerda em adjacência ao núcleo, também havia possessivos em quinze dos dezenove casos encontrados. A autora também verificou que foi em situação de mais distância do elemento nuclear que esses elementos anteriores ao núcleo deixaram de ser marcados, o que a levou, então, a afirmar que pode até ser que haja alguma associação entre ausência de marca e a estrutura (representado, sobretudo, pela presença de possessivo subsequente), mas não parece ser apenas esse o elemento favorecedor.

Para Lopes (2001), além da posição à esquerda do núcleo, a de adjacência a ele é um importante condicionador para a realização da concordância, de modo que em itens à esquerda do núcleo, mas não adjacentes a ele, há maior probabilidade de ausência de concordância.

Ao observar a ocorrência desse fenômeno em sintagmas extraídos das cartas dos inábeis, percebemos que o fato de grande parte desses itens sem marca ser sucedida por possessivos parece ocorrer por serem os possessivos muito presentes em estruturas com mais de um elemento anterior ao núcleo. Além disso, foram observadas ocorrências em que não era o pronome possessivo que estava à esquerda contígua ao núcleo, mas um numeral, contendo uma marca semântica de concordância, ou um adjetivo. Por essa razão, acreditamos que a estrutura sintagmática, formada por um possessivo subsequente, não seria suficiente para explicar, por si só, a ocorrência desse fenômeno.

A análise da tabela, com os pesos relativos, e do gráfico, com os resultados percentuais, indica que, de fato, os itens localizados em adjacência ao núcleo, tendem a reter mais a marca de concordância do que os itens localizados à esquerda não adjacente, demonstrando, com isso, que não é só o fato de estar à esquerda do núcleo que importa, mas também estar contíguo, ou adjacente, a ele. Logo, em concordância com Lopes (2001), inferimos que, além da posição à esquerda do núcleo, a de adjacência ao núcleo é um dado favorecedor da marcação de pluralidade nos constituintes do SN.

Em vista disso, tentaremos explicar melhor a ausência de marcação de pluralidade no elemento localizado à esquerda não adjacente ao núcleo, retomando os pressupostos da teoria dos 4 M, de Myers-Scotton e Jake (2000). Conforme já discutido no *Capítulo 2* deste trabalho (cf. Subitem 2.2.2), de acordo com essa teoria, há uma hierarquia na ordem de aquisição dos morfemas numa língua. Nessa hierarquia, os morfemas de conteúdo (ou *content morphemes*) são os primeiros a serem adquiridos pelo falante e os últimos a serem alvos de variação.

Observando os exemplos listados anteriormente, foram encontrados nove sintagmas com presença de concordância apenas nos núcleos nominais. Desse modo, a partir da observação da forma como a concordância no sintagma nominal se realiza, inferimos que construções como *espero o meu amo com orØ meu braços aberto*, o núcleo nominal “braços” atua como um morfema de conteúdo, que primeiro retém a marca de concordância.

Ainda de acordo com a teoria dos 4 M, os morfemas funcionais, os *early system morphemes* (ou gramaticais precoces) se formam no mesmo nível dos lemas, concomitante aos *content morphemes* (ou morfemas de conteúdo), proporcionando a estes um tipo de definitude necessária para atender as necessidades funcionais imediatas do falante. Logo, inferimos que a

marca de plural do elemento adjacente ao núcleo é um *early system morpheme*, que é gerado juntamente com os *content morphemes*, daí a sua probabilidade maior de concordância que os demais itens pluralizáveis do SN, que só recebem a marca posteriormente para cumprir a regra gramatical de concordância. Desse modo, a marca de pluralidade presente no elemento anterior ao núcleo, em adjacência a ele, representa uma exigência da necessidade intencional, gerada no mesmo nível das intenções.

Para Lopes (2001), nos sintagmas com possessivo, ou outra classe na segunda posição antes do núcleo, a informação de definitude é expressa pelo possessivo. Seguindo esse raciocínio, em *Deiti ummas bensas u **nuØ** mus| f f filhos sim p onpadi*, o *meus* apresenta a informação de definitude, servindo para especificar de quais filhos se trata e que não se trata de apenas um. Assim, estando a definitude, neste caso, representada pelo possessivo, é desnecessário expressá-la também pelo artigo e gerar duas vezes a mesma informação.

Essa explicação parece servir também para todos os casos apresentados, não só com os possessivos, mas também com os numerais e adjetivos em 2ª posição adjacente ao núcleo. Em *estaØ duas linha*, por exemplo, a definitude é expressa pelo numeral *duas*, em virtude da própria marca semântica de concordância, que indica se tratar de mais de uma linha. No contexto de utilização dessa expressão, inclusive, entendemos que o numeral “duas” faz referência a noção mais ampla de “mais de uma linha” ou “várias linhas”, e não apenas “duas” no sentido estrito do numeral. Além disso, por se tratar de cartas, entendemos que a construção “esta duas linha” é uma expressão cristalizada que representa a polidez do remetente, no momento de escrita da epístola, cuja definitude, neste caso, fica a cargo do numeral *duas* para introduzir suas notícias, através das linhas que se seguem.

Sendo assim, a partir da observação da forma como a concordância no sintagma nominal se realiza, e utilizando a teoria dos 4M para explicar a ausência de marcação de pluralidade no elemento localizado à esquerda não adjacente ao núcleo, consideramos aqui os morfemas anteriores em adjacência ao núcleo como *early system*, isto é, morfemas aprendidos primeiramente e introduzidos no mesmo nível dos lemas, para atender às necessidades do falante. Já os outros morfemas foram considerados *late system morphemes* que, conforme Myers-Scotton e Jake (2000), por serem acessados posteriormente, no processo de produção, para atender apenas a aspectos gramaticais, são, por isso, alvos mais frequentes da variação e a análise estatística feita aqui vem confirmar isso.

9.1.2 A saliência fônica e tonicidade

Conforme já discutido no *Capítulo II* (cf. Subitem 2.1.3), a saliência fônica tem sido considerada uma variável linguística importante para o estudo da concordância. Acredita-se que a quantidade de material existente na oposição entre singular e plural interfere na possibilidade de se fazer a concordância no sintagma nominal, de maneira que as formas mais salientes, e por isso mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas com o morfema de plural do que as menos salientes.

Com base nos estudos já citados, elaborou-se uma escala para a saliência fônica com sete fatores, em que figuram o *plural metafônico*, palavras terminadas em /l/, palavras terminadas em *-ão irregular*, palavras terminadas em *-ão regular*, palavras terminadas em /R/, palavras terminadas em /S/ e, finalmente, palavras com marcação de plural regular, aquelas em que só se acrescenta o -s.

Ao analisar a variação da concordância no sintagma nominal da fala não universitária do Rio de Janeiro, Scherre (1988) tomou como uma das variáveis linguísticas a saliência fônica, estudada em três dimensões: processos de formação de plural, tonicidade e número de sílabas da forma singular da palavra. Como o número de sílabas se mostrou irrelevante, apenas processos e tonicidade foram detalhadamente analisados. Suas conclusões apontaram que, de fato, há mais variação nas formas em que há menos material fônico na oposição singular e plural.

Lopes (2001), ao analisar a saliência fônica em seu estudo sobre a concordância nominal na fala de Salvador, considerou inicialmente as dimensões *processos de formação de plural* e *tonicidade* separadamente. Entretanto, seguindo a orientação de Scherre (1988), posteriormente, essas duas variáveis, *processos* e *tonicidade*, foram transformadas em uma única variável, tratada, de maneira geral, como *saliência fônica*. Seus resultados apontaram que a variável saliência mostra-se como um grupo de fatores com grande influência sobre a concordância.

Assim como outrora fizeram Scherre (1988) e Lopes (2001), na presente pesquisa, consideramos, conjuntamente, os processos de formação de plural e a tonicidade, juntos, como a variável Saliência. Para isso, desmembramos essa variável em oito fatores, a saber:

- a) Os de plural regular, levando-se em consideração a tonicidade: regular oxítono ou monossílabo tônico; regular paroxítono e regular proparoxítono;

- b) Os outros processos de formação de plural: itens de plural metafônico ou duplo, itens em terminação em /R/, itens terminados em /S/ ou /Z/, itens terminados em -ão irregular e itens terminados em -ão regular.

Como se pode observar, não estamos considerando aqui os monossílabos átonos na análise dos itens de plural regular, uma vez que, conforme o atestado em análises anteriores, por Scherre (1988) e Lopes (2001), esse grupo é composto unicamente por elementos que têm uma posição única (artigos, que são sempre usados no mesmo contexto, na maioria em primeira posição), sendo marcados por esta razão e não por serem monossílabos. Nesse sentido, a análise da variável *Posição do item com relação ao núcleo*, já discutida anteriormente (cf. Subitem 9.1.1) nos faz perceber que a presença ou ausência do morfema de pluralidade nos elementos à esquerda do núcleo, principalmente os monossílabos átonos, pode ser justificada por essa razão, o que nos faz assumir a hipótese de que a variação desses itens não está associada à variável Saliência.

Vale destacar ainda que os itens terminados em /L/ também não foram considerados, em virtude da baixa ocorrência de dados, com apenas três vocábulos, todos eles sem marcação de pluralidade. São eles:

- (70) a. [...] já acertei com os **oficialØ** para| fazer as porta [...]. (MCO- 33)
 b. [...] eu vou passando como que Jeus e sîntindo| e numeros as saudades das nossa paslestar.. **formidavelØ** [...]. (SFS- 40)
 c. [...] eu vou passando como que Jeus| sintindo enumeras as saudades das nossa| palestar **formidavelØ** ! [...]. (FPS- 47)

Por esta razão, os itens terminados em /L/ foram retirados da análise final. Vejamos, agora, alguns exemplos de itens que possuem plural regular e outros processos de formação de plural, retirados do *corpus* em questão.

(i) Palavras com plural regular oxítono ou monossílabos tônicos

- (71) a. [...] Zacarias u simhor Dirga au| **meus** compadis qui não| esqueça di que não esqueso| Delis [...]. (AFS- 19)
 b. [...] Não pocu mais ficarca| cozinho eu Sinto falta dus **teus** carinho [...]. (JMA- 65)
 c. [...] como| vais **vosseis** todos| [...]. (MC- 36)
 d. [...] farsa 3 quarto na minha caza| i us combios **bomØ** pordir farzêr| [...]. (AFS- 17)

e. [...] quem todos **bemØ** lhi dezeja|a mesma Zifinha| [...]. (JMS- 67)

(ii) Palavra com plural regular paroxítono

- (72) a. [...] u senhor | tiri u ceu **retartos** ir| min mandi par min| [...]. (AFS- 10)
 b. [...] Aves çeja deus com-tigo em todos| os **momentos** da tua vida! [...]. (FPS- 47)
 c. [...] Não Sou batom mais| Só queria andanos teus| **labios**| [...]. (AHC- 55)
 d. [...] se for di 1000 para| cá me traga duas **duziaØ** que quando| chegar nos acerta [...]. (MCO- 33)
 e. [...] Eu mando proguntar se xa vendo| as **tabauaØ** [...]. (SFS- 42)

(iii) Palavra com plural regular proparoxítono

- (73) a. [...] eu vou passando como que Jeus e sîntindo| **enumeros** as saudades das nossa paslestar.. formidavel| [...]. (SFS- 40)
 b. [...] eu vou passando como que Jeus| sintindo **enumeras** as saudades das nossa| palestar formidavel ! [...]. (FPS- 47)
 c. [...] lhi pesco as minhas desculpa que| são as minhas poucas **praticas** [...]. (JMS- 66)
 d. [...] Conpadi Pitanga eu larbalho nesta firmar Aqui ni São paulo er marhor| firmar di são paulo er Aondi farzi| toudas **marquinaØ** ir loudo carro| [...]. (AFS- 12)
 e. [...] entritanto estou| bem satisfeita comos **incombodoØ**| de que deus tem mi dado [...]. (JMS- 67)

(iv) Palavras de plural metafônico⁵⁴

- (74) a. [...] meus **olhos** triste nunca para| de chorar.| [...].(AHC- 60)
 b. [...] Quando me levanto pela ma<↑n>hã antes| que a luz do sol me penetre os **olhos**| tua imagem penetra em meu coração| [...]. (RAC- 85)
 c. [...] Quero Ser teus **olhoØ**| [...]. (AHC- 57)

(v) Itens terminados em /R/

- (75) a. [...] Sir eu viraci um cannarininho| D Dar queri| bem cantador par| carnta nu seu tereiro| par carbar aminha **dores**| [...]. (AFS- 8)
 b. [...] a vijem santiszima derramais la du| alto seu as **maiores** felicidades sobre a ti i todos| que ti sercam [...]. (SFS- 40)
 c. [...] Saude, paz sorte e amor|a todos **familiares**.| [...]. (MMO- 76)

⁵⁴ Foram encontradas apenas 3 ocorrências de palavras com plural metafônico.

- d. [...] us **porotadroØ** não| podia espera [...]. (MC- 36)
 e. [...] para mim| serar os **maiorØ** prazerris que eu averas| di ter [...]. (JMS- 66)

(vi) Itens terminados em /S/ ou /Z/

- (76) a. [...] pitanga farsa a mia **vesis**| por mia farmiria| [...]. (AFS- 2)
 b. [...] conpadi| eu jar li esquivi ter **veizi**| par u sinhor ir nunca ricibi| nen umma carta sua [...]. (AFS- 11)
 c. [...] eu não ia me| acabar bem porque não é moleza| se veve chorando dia e noite| muita **vezes** sem me alimenta-| [...]. (MDC- 84)
 d. [...] São as horas mais **filizØ** quando pego| Nesta caneta para da minha noticias| [...]. (AHC- 59)
 e. [...] foi 3 **meisØ** ama-| gurado par mi meu| bem [...]. (AHC- 61)

(vii) Itens terminados em -ão irregular⁵⁵

- (77) a. Quridinha Amiguinha Amerinda| As minha **saudações**| [...]. (APS- 43)
 b. [...] der Lenbranca atodos| da nobri caza e a vrizinaca todas| que a cete as minha **resordãoØ** [...]. (MC- 36)
 c. [...] Zezito você deichando|pra vir depois das **eleçãoØ** você mi mautrata de| mias [...]. (AHC- 55)

(viii) Itens terminados em -ão regular

- (78) a. [...] Deiti ummas **bensas** unu mus| f f filhos sim p onpadi| [...]. (AFS- 2)
 b. [...] vor passa os dias| com vosseis todos us meus **irmãos** e| com incidos [...]. (MC- 37)
 c. [...] Linbranca e abarco a todos us| Meus **ermãos** [...]. (MC- 37)
 d. Irmão us João pitanga e todos us| meus **IrmãoØ** eu pego na minha| di minu ta pena para mandar as| minha notisia [...]. (MC- 36)
 e. [...] conpadi| deiti ummasBESA | **BENSAØ** nu menino| [...]. (AFS- 21)

A *Tabela 11* abaixo intenta compactar, no quesito Salência Fônica, observando-se as variáveis Processos de Formação de Plural e Tonicidade, todos os índices que acima foram descritos:

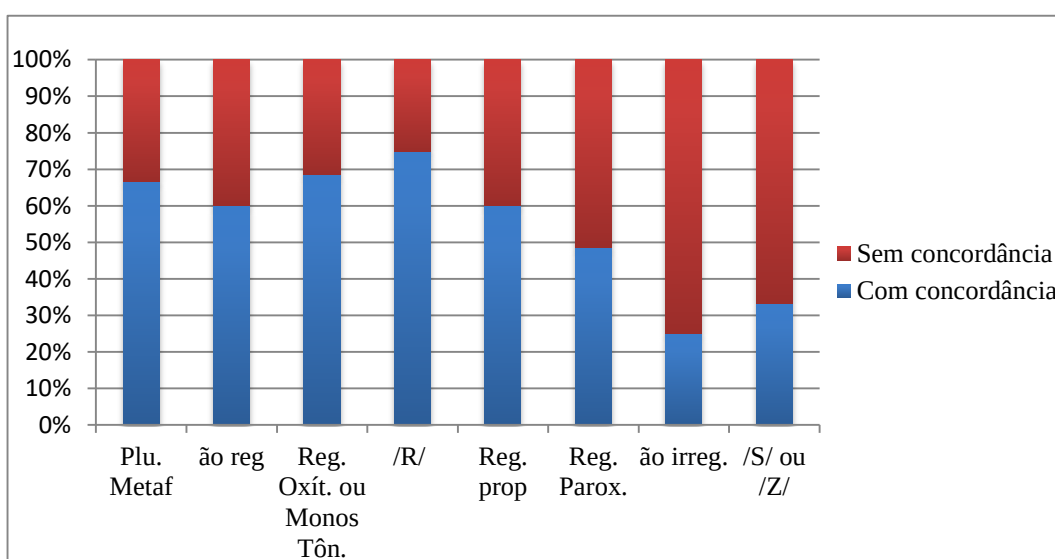
⁵⁵ No total, foram encontrados apenas 3 itens terminados em -ão irregular. Desses, há apenas uma ocorrência para a marcação de pluralidade. Embora a aplicação da regra de concordância não tenha sido feita de acordo com o que preconiza a tradição gramatical, foi levada em consideração a tentativa de pluralidade neste caso.

Tabela 11 – Efeito da saliência fônica e tonicidade sobre a realização da concordância de número nos itens do SN

SALIÊNCIA FÔNICA	Frequência	%	Peso relativo
Regular oxítono ou monossílabo tônico	48/70	68,6%	0.645
Regular paroxítono	214/440	48,6%	0.477
Regular proparoxítono	3/5	60%	0.549
Plural metafônico	2/3	66,7%	0.690
Itens terminados em /R/	6/8	75%	0.613
Itens terminados em /S/ ou /Z/	3/9	33,3%	0.264
Itens terminados em -ão irregular	1/4	25%	0.329
Itens terminados em -ão regular	3/5	60%	0.665

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos dados da *Tabela 11*, verificamos que os vocábulos que têm maior peso relativo de concordância são as palavras de plural metafônico (PR .690), as palavras terminadas em -ão regular (PR .665), os regulares oxítonos ou monossílabos tônicos (PR .645), seguida das palavras terminadas em /R/ (PR .613) e os regulares proparoxítonos (PR .549). A situação se inverte com os demais vocábulos de plural regular paroxítono, os itens terminados em -ão irregular e os terminados em /S/ ou /Z/, com um desfavorecimento da marcação de pluralidade nestes contextos, apresentando um peso relativo de .477, .329 e .264, respectivamente. Tais resultados também podem ser melhor visualizados no gráfico que segue.

Figura 10 – Efeito da Saliência fônica na concordância nominal

Fonte: Elaborado pela autora

Sendo assim, a julgar pelas percentagens, e também pelos pesos relativos expostos na *Tabela 11*, podemos observar que a escala de saliência fônica, na dimensão maior ou menor oposição de substância fônica entre singular e plural, parece não se aplicar, de modo geral, aos dados em questão. Quanto a processos e tonicidade, entretanto, verificamos que as formas mais salientes, formadas pelos oxítonos regulares e monossílabos tônicos têm realmente maior peso na probabilidade de marca que os menos salientes (os regulares proparoxítonos e os regulares paroxítonos).

9.1.3 Sobre as marcas precedentes ao elemento nominal

A variável *marcas precedentes* vem sendo tradicionalmente analisada nos estudos sobre a variação PL no SN no PB. Tal variável consiste na análise do efeito da presença de outras marcas de PL no SN, anteriores ao item em análise, a fim de verificar se exerce alguma influência no que diz respeito à marcação de plural. Dito de outra forma, tem como objetivo verificar se a presença de marcas anteriores inibe ou favorece a ocorrência de outros elementos marcados.

Segundo a Condição de Distintividade, proposta por Kirpasky (*cf.* Subitem 2.1.1), há uma tendência na língua de reter a informação que for relevante e não reter o que for dispensável. Dessa forma, espera-se que a informação redundante deva ser um traço favorecedor do apagamento da marca ou inibidor da regra de concordância.

Em contrapartida, Scherre (1988, 1989, 2001), em seus estudos, encontrou uma maior probabilidade de marcação de PL nos itens precedidos de outros itens com marca PL, ao passo que a ausência do PL antecedente induz a ausência da marca no item analisado. A referida autora atribuiu esse resultado a uma tendência de *processamento paralelo*, resumida no princípio: *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros* (*cf.* Subitem 2.1.4).

Embora esse efeito tenha sido encontrado em outros estudos do PB, principalmente com dados orais urbanos, cabe verificar se a variável *marcas precedentes ao elemento nominal analisado* manifesta o mesmo efeito nas cartas escritas por inábeis das zonas rurais focalizadas aqui.

Dessa maneira, a fim de verificar as taxas de uso da concordância em função das marcas precedentes ao item analisado, no *corpus* em questão, desmembramos essa variável em seis fatores: ausência de marca formal na 1ª posição, presença de marca formal na 1ª posição,

numeral, mistura de marcas precedentes com marca formal, mistura de marcas precedentes com zero e ausência de marcas precedentes. Essas ocorrências puderam ser verificadas nas cartas dos inábeis, conforme esboçam as seguintes construções:

(i) Ausência de marca formal na 1ª posição (item analisado na 2ª posição)

- (79) a. [...] compadi sir uØ **tenpos**| tirver bom min.| mandi Dizêr [...]. (AFS- 14)
 b. [...] eu| estou com muita vontadi di| cormer aquelaØ **furtas**| b boa i gostoza [...]. (AFS- 25)
 c. [...] Vou finalizar minha carta porque minhaØ| **horas** São vazia [...]. (AHC- 59)
 d. [...] sim comade deu Lembraca| a [.] compadi Nerado e| a dona maria e tio agusti| e a nide mais u espozo| e aØ **criançar**Ø todás| [...]. (AOL- 72)
 e. [...] espero o neu amo com orØ **meu**Ø braaços| aberto. [...]. (RAC- 85)

(ii) Presença de marca formal na 1ª posição (item analisado na 2ª posição)

- (80) a. [...] Conpade o Senhora pase uma| bensão ni antonia i nos| **utros** meninos| [...]. (LFO- 32)
 b. [...] Amerinda **as horas**...|siliçioza da minha vida que pêgo| nu meu radio lapes para ti.| ênvier-l as minha noticias i di todos| mêus [...]. (APS- 43)
 c. [...] São **as horas** mais filiz quando pego| Nesta caneta para da minha noticias| [...]. (AHC- 59)
 d. [...] Eu mando proguntar se xa vendo| **as tabaua**Ø [...]. (SFS- 42)
 e. [...] commadi u destas| duas linha ir solmenti par dar| as **minha**Ø notiça ir nu memo| tenpos eu salb salber da suas| [...]. (AFS- 45)

(iii) Numeral

- (81) a. [...] eu levei uma| Estrepada que pasei **45 dias**| Parado [...]. (GOR-28)
 b. [...] comadi Zulmira t teve criança| **duas meninas** e uma morreu [...]. (NIN- 51)
 c. [...] Zezito Hejé fez um| mêis e **8 dias** que te vi de longe| [...]. (AHC- 54)
 d. [...] farsa **3 quarto**Ø na minha caza| i us combios bom pordir farzêr| [...]. (AFS- 17)
 e. Conpade pitanga eu jar li| mandei **2 carta**Ø i do Senhora| eu So Resibil uma| [...]. (LFO- 32)

(iv) Mistura de marcas precedentes com marca formal (item analisado na 3ª posição em diante)

- (82) a [...] envio li estas duas **linhas** dando as minhas| nutisia e u mesmo tempo saber das suas e de| todos [...]. (JCO- 31)
- b. [...] Linbranca e abarco atodos us **meus** irmãos [...]. (MC- 37)
- c. [...] Não Sou batom mais| Só queria andanos teus **labios** [...]. (AHC- 55)
- d. [...] que a virjem| Santiszima derramais la do ato do çeu| as maiores **felicidade**Ø çobre a ti i todos| Que ti sercam!| [...]. (FPS- 47)
- e. [...] meus olhos **triste**Ø nunca para| de chorar.| [...]. (AHC- 60)

(v) Mistura de marcas precedentes com zero (item analisado na 3ª posição em diante):

- (83) a. Zacarias u simhor Dirga auØ| meus **compadis** qui não| esqueça di que não esqueso| Delis [...]. (AFS- 19)
- b. [...] para mim| serar os maiorØ **prazerris** que eu averas| di ter [...]. (JMS- 66)
- c. [...] as [.]coizaØ **todas** ca não vai bem não vai asim não bem| [...]. (FP- 79)
- d. [...] Sim Compa<↑de>li esquevol estaØ duas **linha**Ø so li inviando lebransa| au senhor i a Comade| almerinda.| [...]. (LFO- 32)
- e. [...] aceiti lembranca qui maria i garcina i nenen| li manda i labarco i aceiti as minhaØ **lenbraca**Ø| [...]. (FP- 78)

(vi) Ausência de marcas precedentes (item analisado na 3ª posição em diante):

- (84) a. [...] pitanga farsa aØ miaØ **vesis**| por mia farmiria| [...]. (AFS- 2)
- b. [...] Sin eu viraci um cannarininho| D Dar queri| bem cantador par| carnta nu seu tereiro| par carbar aØ minhaØ **dores**| [...]. (AFS- 8)
- c. [...] u sinhor | tiri uØ ceuØ **retartos** ir| min mandi par min| [...]. (AFS- 10)
- d. [...] pesso desculpa nestaØmal| feitaØ **Lenhas** [...]. (JCO- 31)
- e. [...] der Lenbranca atodos| da nobri caza e aØ vrizinacaØ **todas**| [...]. (MC-36)

Conforme podemos observar, nas cartas dos inábeis, foram encontradas construções sintagmáticas nestas seis situações. Ao analisar a *Tabela 12*, podemos verificar os números coligidos para a variável *marcas precedentes*:

Tabela 12 – Efeito das marcas precedentes sobre a realização da concordância de número nos itens do SN

MARCAS PRECEDENTES	Frequência	%	Peso relativo
Ausência de marca formal na 1ª posição	29/40	72,5	0.874
Presença de marca formal na 1ª posição	110/202	54,5	0.517
Numeral	11/39	28,2	0.406
Mistura de marcas precedentes com marca formal; item analisado na 3ª posição	31/60	51,7	0.421
Mistura de marcas precedentes com zero; item analisado na 3ª posição	16/74	21,6	0.223
Ausência de marcas precedentes; item analisado na 3ª posição	11/14	78,6	0.916

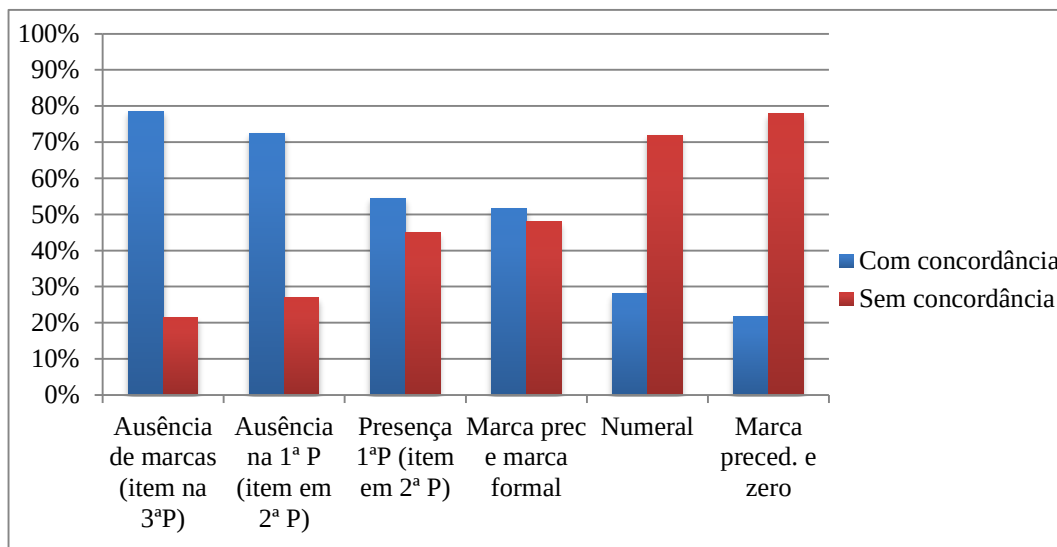
Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos resultados da *Tabela 12*, podemos observar que o fator que favorece a marcação na segunda posição do SN é a *ausência de marca formal na 1ª posição*, com um peso relativo de .874. Esse dado parece confirmar a hipótese funcionalista de Kiparsky (1972) de que só o dado relevante é mantido, sendo descartado o redundante ou o desnecessário. Dessa forma, evidencia-se aqui uma tendência de inserir o -S, quando ele é fundamental para indicar a ideia de pluralidade, de modo que a presença de marca de concordância no elemento em segunda posição, em sintagmas com zero em primeira posição, recupera e garante, assim, a informação de pluralidade.

Quando há presença de marca formal na 1ª posição, contudo, o peso relativo de concordância é muito próximo do ponto neutro, com .517, não indicando favorecimento ou desfavorecimento. A presença do numeral em primeira posição, ao contrário, não favorece a marcação do segundo item, apresentando um peso relativo de .406, o que nos permite observar que entre a presença de marca na 1ª posição ou os numerais, é a presença de marca antecedente o elemento mais favorecedor da concordância no item em segunda posição.

Por outro lado, a marcação do item em terceira posição é desfavorecida, tanto pela presença de uma mistura de marcas com marca formal precedente (PR .421), como pela presença da mistura de marcas com zero formal precedente (PR .223). Contudo, é evidente que o maior favorecimento de PL no primeiro desses dois fatores e o menor favorecimento no segundo poderiam ser interpretados como indícios de um leve efeito de processamento paralelo.

Entretanto, ainda com relação aos elementos situados na 3ª posição, os dados indicam que as maiores chances de aplicação da regra canônica da concordância ocorrem com mais frequência quando há ausência de marcas precedentes, na 1ª e 2ª posição, apresentando um peso relativo de 0.916. Vejamos, no gráfico, que segue, os resultados através das porcentagens:

Figura 11 – Efeito da variável marcas precedentes na variação na concordância de número nos SNs

Fonte: Elaborado pela autora

Logo, o que se depreende desses resultados é que o *processamento paralelo*, resumido no princípio *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros* não é relevante, de maneira geral, para as cartas escritas por inábeis das zonas rurais do sertão baiano, quando se trata de marcas flexionais precedentes, uma vez que ficou demonstrado, através da *Tabela 12* e da *Figura 11*, que zero em posições precedentes favorecem a marcação do elemento nas posições subsequentes e zero na primeira posição favorece a marcação do elemento na segunda posição.

Uma vez feitas as análises em torno das variáveis linguísticas, discutiremos agora os resultados das variáveis sociais.

9.2 VARIÁVEIS SOCIAIS

Assumindo a necessidade de correlacionar os fatores linguísticos e extralinguísticos, consideramos oito variáveis sociais, as mesmas dispostas para a análise sintagmática. Dentre essas variáveis, o GOLDVARB X também selecionou como relevantes *a data de escrita das cartas* e *a situação de aprendizagem*. Contudo, com base nos mesmos argumentos utilizados para a delimitação das variáveis sociais na perspectiva sintagmática (*cf.* Subitem 8.2), não analisaremos a variável *data de escrita das cartas*, mas sim a *presença/ausência do constituinte em fórmulas*.

Dito isto, cumpre ressaltar que, como os aspectos sociais em torno destas duas variáveis já foram discutidos em outro momento (*cf.* Subitens 8.2.1 e 8.2.2), não há necessidade de

retomar aqui todas os aspectos teóricos a respeito desses fatores. De todo modo, apresentaremos e discutiremos a seguir apenas os resultados obtidos para essas duas variáveis, agora na perspectiva de análise atomística.

9.2.1 A situação de aprendizagem

Conforme já mencionado em outro momento (cf. Subitem 8.2.1), com o intuito de observar o efeito da variável *situação de aprendizagem* sobre a presença de marcas de plural nos constituintes do SNs, foram levados em consideração quatro contextos, a saber: *os que estudaram pouco em casa*, *os que estudaram apenas os primeiros anos*, *os que estudaram até a 4ª série* e *os que aprenderam através da convivência com os amigos e leitura da bíblia*. Nessa perspectiva, no que diz respeito à aplicação da regra de concordância que ocorre no interior dos sintagmas nominais em função da situação de aprendizagem, agora analisando cada item do SN como um dado de análise, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 13 – Efeito da situação de aprendizagem sobre a realização da concordância de número nos itens do SN

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM	Frequência	%	Peso relativo
Estudou pouco em casa	180/280	64,3	0.508
Estudou apenas os primeiros anos	14/29	48,3	0.511
Estudou até a 4ª série	53/85	62,4	0.723
Aprendeu através da convivência com os amigos e leitura da Bíblia	68/181	37,6	0.376

Fonte: Elaborado pela autora

Com base nesses resultados, podemos verificar que os remetentes que realizaram maior marcação de PL nos elementos do SN foram aqueles que estudaram até a quarta série (PR .723), aqueles que estudaram os primeiros anos (PR .511) e aqueles que estudaram em casa com o auxílio de uma professora que esporadicamente ia às fazendas (PR .508).

Logo, através da interpretação desses resultados, percebemos que os indivíduos que tiveram uma maior exposição à educação formal, tanto aqueles que conseguiram chegar até a 4ª série, antigo primário, como aqueles que tiveram acesso apenas aos primeiros anos, ou ainda aqueles que puderam contar com a ajuda das professoras itinerantes, tendem a realizar mais a marca de número plural entre os elementos do SN do que aqueles que não tiveram acesso à escolaridade, aprendendo apenas através da leitura da Bíblia (PR .376). Nesse sentido, o que se

depreende desses resultados, de maneira geral, é que o acesso à educação formal ainda exerce muita influência na aplicação das regras de concordância nominal.

9.2.2 A presença/ausência do constituinte em fórmulas

Conforme já discutido em outro momento (*cf.* Subitem 8.2.2), neste *corpus*, foram encontradas expressões cristalizadas que se fazem presentes em, praticamente, todas as cartas escritas ao longo do século XX.

Assim, semelhante à análise feita na perspectiva sintagmática, mas agora no âmbito da análise atomística, vamos observar como se dá a marcação de número na aplicação das regras de concordância nos elementos dos SNs nos constituintes presentes nestas fórmulas, a fim de verificar se também há variação nas construções cristalizadas.

Os nossos resultados demonstraram que, dos 710 constituintes analisados, 221 (31,1%) residem em fórmulas e 489 (68,9 %) encontram-se fora das expressões cristalizadas. Dos 221 itens instalados nas fórmulas, 113 (51,1%) receberam a marca de plural, ao passo que 108 (48,9%) dos constituintes não atenderam à aplicação da regra da concordância de número, conforme podemos verificar na tabela seguinte:

Tabela 14 – Efeito da presença/ausência em fórmulas sobre a realização da concordância de número nos itens do SN

FÓRMULAS	COM CONC.		SEM CONC.	
	Frequência	%	Frequência	%
Presença	115/223	51,6	108/223	48,4%
Ausência	305/490	62,2%	185/490	37,8%

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos exemplos seguintes podemos visualizar com mais precisão o que, em termos percentuais, foi narrado pela *Tabela 14*:

(i) Constituintes marcados presentes nas fórmulas

(85) a. [...] João eu faco estas duas lihas comen| te Para da as mihs notica| [...]. (SFS-42)

b. [...] João eu faco estas duas lihas comen| te Para da as mihs notica| [...]. (SFS-42)

- c. [...] commadi u **destas**| duas linha ir solmenti par dar| as as minha notiça ir nu memo| tenpos eu salb salber da suas| [...]. (AFS- 45)
- d. [...] O inicio desta duas **linhas** e pra dar minha noti-|cias e quero saber das Suas [...]. (AHC- 55)
- e. [...] O inicio desta duas linhas e pra dar minha **noti-|cias** e quero saber das Suas [...]. (AHC- 55)

(ii) Constituintes não marcados presentes nas fórmulas

- (86) a. [...] **Esta**Ø duas **linha**Ø solmente| par li di zer que eu vou bem di.| xergada [...]. (AFS- 2)
- b. [...] u fim **desta**Ø duas| linhas solmenti par dar as minha| ir nu memo tenpo salber da sua| [...]. (AFS- 13)
- c. [...] u fim desta duas| linhas solmenti par dar as **minha**Ø| ir nu memo tenpo salber da sua| [...]. (AFS- 13)
- d. [...] Sim Compa<↑de>li esquevol **esta**Ø duas| **linha**Ø so li inviando lebransa| au senhor i a Comade| almerinda.| [...]. (LFO- 32)
- e. [...] João eu faco estas duas lihas comen| te Para da as mihs **notica**Ø| [...]. (SFS- 42)

Tomando como base a análise da concordância de número nos constituintes presentes nos SNs das fórmulas, percebemos que a cristalização morfossintática destes termos é apenas aparente, já que ocorre a variação na aplicação das regras de concordância também entre os itens presentes nas expressões cristalizadas nas cartas produzidas por inábeis. Com isso, constatamos que as fórmulas não constituem lugares de resistência à variação linguística, sendo perceptíveis itens em variação também nessas construções.

Tendo feito o levantamento das variáveis linguísticas e sociais para a análise da marcação de pluralidade em sentenças retiradas das cartas de inábeis, sob a perspectiva que considera cada elemento do SN como um dado de análise (análise mórfica), partiremos para um estudo comparativo⁵⁶ com os resultados de pesquisas anteriores realizadas em torno dessa temática, tanto em *corpus* oral como em *corpus* escrito e em dados de crianças no âmbito da aquisição, aquisição a fim de discorrer um pouco mais sobre esse fenômeno.

⁵⁶ O estudo comparativo aqui realizado se baseará apenas nos resultados da análise atomística, em virtude de ser esta a perspectiva de análise adotada pela maioria das pesquisas antecedentes que esta análise dialogará. Dos estudos anteriores em torno do fenômeno, apenas Scherre (1988) analisou as duas perspectivas, a atomística e a sintagmática.

10 ESTUDO COMPARATIVO

A partir dos estudos antecedentes sobre a variação da concordância nominal de número, discutido no *Capítulo III* desta dissertação, neste capítulo, será feito um estudo comparativo entre os dados do *corpus* de inábeis e os dados do *corpus* oral analisado por Scherre (1988), Lopes (2001) e Baxter (2009), e os dados do escrito analisado por Oliveira, Souza e Coelho (2009), além de um estudo comparativo entre os dados dos inábeis e os dados dos *corpora* de crianças no âmbito da aquisição da concordância realizado por Ferrari-Neto (2008). Neste sentido, busca-se, com essas análises comparativas, saber se no *corpus* de inábeis há mais pontos convergentes ou divergentes com relação a esses estudos anteriores.

10.1 DADOS ESCRITOS *VERSUS* DADOS ORAIS

Considerando os resultados obtidos para a variação da concordância de número no SN nas cartas dos inábeis, verificamos uma semelhança parcial com o que se observa nos estudos da concordância em dados urbanos, tomando como referência os padrões observados por Scherre (1988) e Lopes (2001), e com os resultados dos dados orais das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, como o estudo feito por Baxter (2009).

Scherre (1988), ao estudar a concordância nominal em uma amostra de dados de fala do Rio de Janeiro, observou, por meio da sua análise, que um conjunto significativo de variáveis contribui para a não aleatoriedade da presença/ausência das marcas formais de concordância gramatical (ou simplesmente de marcas formais de plural) nos elementos flexionáveis do SN, dentre as quais se pode citar a saliência fônica, com as suas dimensões Processos e Tonicidade, a relação entre os elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN e as marcas precedentes em função da posição. De modo semelhante, observando o quadro da variação do fenômeno estudado em Salvador, Lopes (2001) também verificou que a variação da concordância no SN relaciona-se a, principalmente, quatro grupos de fatores linguísticos ou estruturais, a citar: a saliência fônica, o contexto antecedente, a classe, associada à posição linear e relativa, e o contexto subsequente ao elemento do sintagma.

Baxter (2009), ao apresentar uma análise em torno do perfil da variável PL em duas comunidades rurais afrodescendentes (a comunidade de Helvécia, na Bahia⁵⁷, e a comunidade dos tongas, da roça Monte Café, na República de São Tomé e Príncipe), também apresentou os

⁵⁷ Apenas serão considerados, a nível de comparação, os resultados de Helvécia, por ser uma comunidade rural afrodescendente brasileira.

resultados para duas variáveis linguísticas: a posição linear do item PL em relação ao núcleo e função e marcas precedentes de PL. Diante disso, interessa-nos comparar os nossos resultados, obtidos para as variáveis saliência fônica, posição do item com relação ao núcleo e as marcas precedentes ao elemento analisado, com os resultados dessas pesquisas.

Tomando como uma das variáveis linguísticas a saliência fônica, Scherre (1988) considerou três dimensões: processos de formação de plural, tonicidade e número de sílabas da forma singular da palavra. Entretanto, a referida autora verificou que o número de sílabas dos itens lexicais singulares não exerce influência sobre a concordância de número entre os elementos do SN, concluindo que:

As diferenças entre as probabilidades associadas ao número de sílabas são irrelevantes, ou seja, os valores para os três fatores [monossílabo, dissílabo e mais de três] são praticamente iguais 0,50, o que mostra a neutralidade desta variável sobre a concordância nominal. (SCHERRE, 1988, p.81).

Com referência a Processos, a pesquisadora constatou mais variação nas formas em que há menos material fônico na oposição singular e plural:

[...] podemos verificar que os falantes adultos, com referência a Processos, evidenciam mais marcas de concordância nos itens lexicais que apresentam mais diferença material fônica entre as suas respectivas formas singulares e plurais. Os plurais duplos favorecem-nas com 0,86 e os regulares inibem-nas com 0,24. São exatamente estes casos que possuem, respectivamente, maior e menor diferença material fônica na relação singular/plural. (SCHERRE, 1988, p. 79-80).

Em se tratando da Tonicidade da sílaba, a autora verificou que ela ocorre mais se a sílaba do item lexical singular for marcada, ou seja, se o item lexical for oxítono ou um monossílabo tônico. Mas se o item lexical singular for paroxítono ou proparoxítono, apresentando, portanto, a sílaba final não marcada, a concordância ocorre menos.

Ao analisar a variável saliência fônica, Lopes (2001), diante da constatação de que é basicamente entre os itens regulares que se faz a oposição entre os fatores relativos à tonicidade, decidiu transformar as duas variáveis, processos e tonicidade, em uma única variável, cruzando a tonicidade apenas entre os itens que fazem o plural através do referido processo. Seus resultados atestaram que, de fato, têm maior peso relativo, na análise geral, os fatores com maiores graus de saliência, concluindo que

[...] os itens mais salientes, quanto a processos (itens em -l/, -r/, duplo, ão irregular, -s/) ou quanto a processos e tonicidade (regulares oxítonos) têm realmente maior peso na probabilidade de marca que os menos salientes (ão regular, os regulares proparoxítonos e os regulares paroxítonos). (LOPES, 2001, p. 214-215).

Ao comparar esses resultados com os dados dos inábeis, verificamos que a escala de saliência fônica, na dimensão maior ou menor oposição de substância fônica entre singular e plural, não se aplica, de modo geral, aos resultados aqui encontrados, já que as palavras terminadas em -ão regular apresentaram um maior peso de concordância (PR .665) do que os itens mais salientes, terminados em -ão irregular e os terminados em /S/ ou /Z/, com um desfavorecimento da marcação de pluralidade nestes contextos, apresentando um peso relativo de concordância de .329 e .264, respectivamente. Apesar disso, com relação à tonicidade, os nossos resultados apresentaram semelhanças aos de Scherre (1988) e Lopes (2001), uma vez que também foi verificado que as formas mais salientes, formadas pelos oxítonos regulares e monossílabos tônicos têm realmente maior peso na probabilidade de marca que os menos salientes (os regulares proparoxítonos e os regulares paroxítonos).

No que diz respeito à relação entre os elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN, Scherre (1988) analisou essa variável conjuntamente com a variável posição e a categoria morfológica.

Seus resultados indicaram que as classes antepostas ao núcleo tendem a ser mais marcadas do que as pospostas a ele, refletindo, de maneira geral, que todos os elementos determinantes à esquerda do núcleo tendem a receber mais marcas explícitas de plural do que aqueles à direita do núcleo. Já os elementos nominais determinados ou nucleares, por sua vez, são mais sensíveis à posição que ocupam dentro do SN: são explicitamente mais marcados os núcleos que ocupam a primeira posição do sintagma do que os da segunda e os das demais posições. Tais resultados se assemelham aos encontrados nas cartas dos inábeis.

Lopes (2001), ao analisar essa variável, segue a mesma trajetória percorrida por Scherre (1988). Entretanto, propõe uma distinção entre as classes imediatamente anteriores ao núcleo das não imediatamente anteriores, levantando a hipótese de que, além da posição à esquerda, a adjacência ao núcleo seja um dado favorecedor da marcação.

Ao observar os elementos não nucleares localizados à esquerda, levando-se em consideração a contiguidade desses elementos em relação ao núcleo, e a relação entre a concordância e a posição linear nos elementos não nucleares posteriores ao núcleo, a análise realizada por Lopes (2001) revela que

- 1) a posição à esquerda do núcleo, adjacente a ele, como em ‘as MESMAS chance porque tem’ (M2C21) é que favorece bem mais a presença de marca do que a posição à esquerda, não adjacente ao núcleo, como em ‘DO outros dias, nós’ (H1C20);
- 2) além de a posição posterior ao núcleo ser um fator altamente desfavorecedor da marca de plural, a posição linear ainda pode contribuir mais para esse desfavorecimento: a segunda, a terceira e a quarta posições lineares são as mais desfavorecedoras em elementos posteriores ao núcleo; e, na quinta, há uma pequena

elevação do peso relativo de concordância nesses elementos. (LOPES, 2001, p.259-260).

Baxter (2009) também analisou a variável *posição do item em relação ao núcleo do SN*, distinguindo as posições pré-nucleares em termos de adjacência ao núcleo, como adotado por Lopes (2001). Seus resultados demonstraram que

[...] Em todas as faixas etárias, há um declínio no grau de marcação da esquerda para a direita do SN; há muito mais marcação de PL na área pré-nuclear do que no núcleo ou nas posições pós-nucleares. [...] A posição pré-nuclear adjacente ao núcleo desempenha um papel central, sobretudo na faixa 4 de Helvécia e nas faixas 3 e 4 dos tongas [...].
[...] O forte papel da posição adjacente ao núcleo mantém-se ao longo das sucessivas faixas etárias e torna-se uma característica dessas comunidades [...]. (BAXTER, 2009, p. 277-279).

Ao compararmos os dados globais de Helvécia com os dados dos inábeis, percebemos, na *Tabela 15*, que as duas análises apresentam resultados semelhantes:

Tabela 15 - Dados comparativos: Efeito da posição do item em relação ao núcleo sobre a realização da concordância de número

POSIÇÃO DO ITEM EM RELAÇÃO AO NÚCLEO DO SN	BAXTER (2009) <i>Helvécia – BA</i>		<i>Inábeis</i>	
	%	P.R.	%	P.R.
1ª Posição à esquerda, adjacente ao Núcleo	97,7	.914	74,7	.530
2ª Posição à esquerda do Núcleo, não adjacente	85,1	.479	62,4	.358
Núcleo em 1ª posição	0	-	90,9	.776
Núcleo em 2ª posição	8,6	.153	50,5	.487
Núcleo em 3ª posição	16,7	.397	40,7	.592
Itens à direita do núcleo	0	-	42,9	.477

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar, dos itens localizados à esquerda do núcleo, em ambas as análises, é o item situado à esquerda adjacente ao elemento nuclear quem mais favorece a marcação de pluralidade. Assim, percebemos que a adjacência ao núcleo é um dado favorecedor da marcação de plural também nos sintagmas extraídos das cartas dos inábeis.

De maneira geral, os resultados obtidos na análise dessa variável, nas cartas produzidas pelos inábeis, apresentam semelhanças aos estudos desenvolvidos por Scherre (1988), Lopes (2001) e Baxter (2009), haja vista o fato de ter sido verificado que os constituintes pré-nucleares parecem exibir mais tendências a reterem a marca de plural do que os constituintes pós-nucleares.

Com referência à variável *marcas precedentes ao item nominal analisado*, Scherre (1988) a observou em função da Posição que o elemento ocupa no SN. Seus resultados apontaram que a ausência de qualquer marca fora do SN provoca um alto percentual de marcas no elemento nominal da primeira posição, assim como o zero na primeira posição provoca a sua presença categórica, no sentido positivo, no elemento da segunda posição. Entretanto, Scherre justifica essa ocorrência argumentando que

[...] tais resultados sugerem que a hipótese funcionalista de Kiparsky (1972) está se confirmando, pois evidencia-se uma tendência de inserir o -S, quando ele é fundamental para indicar a idéia de pluralidade. Todavia, já sabemos, através da discussão da relação entre Classe e Posição, que a ausência sistemática de marcas na primeira posição ocorre, predominantemente, em estruturas do tipo *do meus pais*, e sabemos ainda mais que a quantidade de marcas no possessivo da segunda posição praticamente independe da presença ou ausência de marcas no artigo ou demonstrativo precedente. Isto vai contra a hipótese funcionalista kiparskiana, pois, levando-a em consideração, esperar-se-ia que a presença de uma marca no primeiro elemento provocasse sempre um índice significativamente maior de queda na segunda posição. Todavia, a segunda posição precedida de s- é marcada em 92% das vezes. (SCHERRE, 1988, p. 181 – grifo do autor).

Além disso, o funcionamento dos demais fatores para essa variável, por ela analisados, indicaram que a presença de marcas leva a marcas e presença de zeros leva a zeros, de modo que em seus resultados

observa-se que a presença de duas ou três marcas formais precedentes (AS MAIORES privações e AS PARTIDAS TODAS iguais) constitui o fator que, percentualmente, mais favorece a presença de concordância no segmento seguinte. Dentro da mesma linha, verifica-se que a presença de pelo menos uma marca precedente não mediada por zero continua a favorecer marcas no segmento seguinte, embora com um percentual menor. Inversamente, a presença de um zero precedente, desde que já se tenha uma marca no primeiro ou no segundo elemento, provoca quase que categoricamente o aparecimento de um outro zero no segundo segmento. (SCHERRE, 1988, p. 182).

Ao analisar a variável *marcas precedentes*, Lopes (2001) também estabeleceu uma relação com a variável Posição. Seus resultados apontaram que os elementos em segunda posição são alvo de concordância quando são precedidos por elemento sem marca, assim como também apontaram os resultados dos inábeis. Dessa forma, esse dado parece confirmar a hipótese funcionalista de que só o dado relevante é mantido. A presença de marca de concordância no elemento em segunda posição, em sintagmas com zero em primeira posição, recupera e garante a informação de pluralidade.

Entretanto, com relação aos itens em 3ª posição em diante, seus resultados são semelhantes ao de Scherre (1988) e distintos dos encontrados para os inábeis, indicando que

1) numerais favorecem mais a concordância quando esses numerais são formados por mais de uma palavra,

2) marcas motivam mais marcas e

3) zeros imediatamente antecedentes favorecem a mais zeros. (LOPES, 2001, p. 300).

No dialeto de Helvécia, Baxter (2009) verificou, de modo semelhante à Scherre (1988) e Lopes (2001), que os fatores que favorecem a marcação na segunda posição do SN são a ausência de marca formal na primeira posição ou a presença de um numeral nessa posição. Entretanto, o referido autor observou algumas especificidades, com relação às marcas precedentes ao item em 3ª posição, semelhantes às encontradas nas cartas dos inábeis.

Com relação à marcação do item em terceira posição, Baxter (2009) observou que há um desfavorecimento à marcação de PL tanto pela presença de uma mistura de marcas com marca formal precedente (P.R. .412), como pela presença da mistura de marcas com zero formal precedente (P.R. .099). Desse modo, o princípio de *marcas levam a marcas e zeros elvam a zeros*, atestado por Scherre (1988) e Lopes (2001), não é relevante para o dialeto de Helvécia. Na *Tabela 16*, podemos observar a comparação entre os resultados encontrados por Baxter (2009) e os dados dos inábeis.

Tabela 16 – Dados comparativos: Efeito das marcas precedentes sobre a realização da concordância de número

MARCAS PRECEDENTES	BAXTER (2009) <i>Helvécia – Ba</i>		<i>Inábeis</i>	
	%	P. R	%	P. R.
Ausência de marca formal na 1ª posição; item analisado na 2ª posição	55,6	.844	72,5	.874
Marca formal na 1ª posição; item analisado na 2ª posição	7,5	.499	54,5	.517
Numeral na 1ª posição; item analisado na 2ª posição	13,6	.641	28,2	.406
Mistura de marcas precedentes com marca formal; item analisado na 3ª posição	12,3	.412	51,7	.421
Mistura de marcas precedentes com zero; item analisado na 3ª posição	2,7	.099	21,6	.223
Ausência de marcas precedentes; item analisado na 3ª posição	--	--	78,6	.916

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme podemos observar, assim como nos dados de Helvécia, o fator que mais favorece a marcação de PL nos itens em segunda posição é a ausência de marca formal na 1ª posição, com um peso relativo de concordância de .874.

Com relação aos itens em 3ª posição em diante, percebemos que, do mesmo modo que em Helvécia, nos dados dos inábeis, a marcação do item nesta posição é desfavorecida tanto pela mistura de marca formal com marcas precedentes, como pela mistura de marcas precedentes com zero. Tais resultados se diferenciam dos obtidos por Scherre (1988) e Lopes

(2001) para essa variável, já que, nos dados dos inábeis, é a ausência de marcas precedentes o fator que mais favorece a marcação de pluralidade nos elementos em 3ª posição. Desse modo, a não relevância do princípio *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros* também pode ser atestada nos dados dos inábeis.

O que se depreende da análise comparativa entre os dados das cartas e os dados extraídos de *corpus* oral é que, apesar de terem sido verificadas algumas especificidades nos dados dos inábeis, percebemos que há, de maneira geral, algumas semelhanças próximas às variantes populares do PB, sobretudo com relação às comunidades rurais isoladas, como é o caso de Helvécia. Feito essa análise, no subitem a seguir, faremos comparação entre os dados dos inábeis e os dados das atas, a fim de verificar se há semelhanças ou diferenças entre esses resultados.

10.2 DADOS DAS CARTAS *VERSUS* DADOS DAS ATAS

Os dados das cartas dos inábeis foram comparados com os dados das atas de africanos, analisados por Oliveira, Souza e Coelho (2009), e foram considerados os dados da variação da concordância de número no SN diante da saliência fônica, das marcas precedentes e da posição do item com relação ao núcleo.

Oliveira, Souza e Coelho (2009) analisaram, separadamente, a variável saliência fônica em suas três dimensões: a oposição de material fônico singular e plural, também denominada Processos, a tonicidade dos vocábulos e o número de sílabas dos itens lexicais. Esta última não foi relevante para os dados das atas, uma vez que a marcação do morfema de plural foi alta tanto nas palavras monossilábicas e nas dissilábicas, como naquelas com três ou mais sílabas.

Com relação a Processos, os autores concluíram que a escala de saliência fônica, na dimensão maior ou menor oposição de substância fônica entre o singular e plural, parece não se aplicar, de modo geral, aos dados em questão. De acordo com seus resultados:

[...] em 6 fatores (plural metafônico, palavras terminadas em /l/, palavras terminadas em -ão irregular, palavras terminadas em -ão regular, palavras terminadas em /R/ e em vocábulos que fazem o plural apenas com o acréscimo do -s) imperam para mais os índices de concordância. A situação só se inverte com os vocábulos finalizados em -s. (OLIVEIRA; SOUZA; COELHO, 2009, p. 284).

Sobre esse aspecto, notamos uma leve semelhança entre os resultados das atas dos africanos e dos inábeis, em virtude da não aplicação da escala da saliência fônica em ambas as análises.

O outro eixo da saliência fônica analisado pelos referidos autores foi a tonicidade dos vocábulos. Os resultados apontaram que todos os fatores vistos (os monossílabos átonos, com 86%, os oxítonos e monossílabos tônicos, com 76%, os paroxítonos, com 66%, e os proparoxítonos, com 71%) tendem a favorecer a marca de PL. Entretanto, percebemos que esses resultados não são tão esclarecedores, haja vista o fato de a Tonicidade ter sido analisada separadamente da variável Processos.

Dessa forma, por terem analisado a Tonicidade de maneira distinta, os dados das atas não dizem muito sobre essa variável, pois se encontram viesados, o que nos impossibilita fazer maiores comparações a respeito desse fator. Nesse caso, seria recomendável se fazer uma análise alternativa que considerasse uma só variável, advinda da junção de Processos e Tonicidade, para que tivéssemos resultados mais confiáveis.

A outra variável analisada por Oliveira, Souza e Coelho (2009) diz respeito às marcas precedentes. Essa variável foi desmembrada em quatro fatores: *ausência de elemento anterior*, *ausência de marca imediatamente precedente*, *presença de marca formal imediatamente precedente* e, por fim, *presença de marca semântica imediatamente precedente*. Os resultados das atas para essa variável refletem que

[...] em termos percentuais, as maiores chances de aplicação da regra canônica da concordância ocorrem com mais frequência quando nenhum elemento antecede ao analisado. Se há ausência de marca imediatamente precedente, a percentagem de concordância ficou em torno de 72%. Os dados parecem indicar que tanto faz se a marca precedente seja formal ou semântica, visto que as percentagens que afastam uma da outra não se estampam com relevância: a diferença ficou em torno de 2.0%. (OLIVEIRA; SOUZA; COELHO, 2009, p. 292).

Embora todos os fatores elencados para essa variável favoreçam, no geral, à marcação de pluralidade, é a ausência de qualquer marca fora do SN que provoca um alto percentual de marcas no elemento nominal da primeira posição. Entretanto, acreditamos que a não associação entre marcas precedentes e a variável Posição para os demais fatores pode ter comprometido a análise dessa variável nas atas.

Nos dados dos inábeis, ao fazer uma associação entre Marcas precedentes e Posição, verificamos que os itens em 2ª posição tendem a receber marca de PL, quando são precedidos por elemento sem marca, apresentando 72% de concordância, fato também observado nos resultados de Scherre (1988), Lopes (2001) e Baxter (2009). Nos dados das atas, no entanto, o fator *ausência de marca imediatamente precedente*, foi analisado tanto para os itens em 2ª como em 3ª posição, como podem estampar os próprios exemplos descritos:

- (87) a. o **SEUS** trabalho. (GMB, 02, 29.12.1834)⁵⁸
 b. as nossa **IRMÃS**. (MSR, 12, 02.08.1835)
 c. o **NOVO** Estatutos. (MSR, 08, 08.02.1834)
 d. Mais Mezario **REONIDO**. (MVS, 08, 16.10.1835).

O mesmo pode ser observado nos demais fatores, o que nos leva a crer que, também nessa circunstância, os resultados apresentam-se enviesados. Diante disso, acreditamos que, se os fatores referentes às marcas precedentes analisassem as posições separadamente, teríamos uma visão mais clara da variação de número nos SNs das atas, podendo, inclusive, apresentar resultados semelhantes aos dos inábeis, o que não pôde ser verificado.

Com relação à variável *posição do constituinte com relação ao núcleo*, os referidos autores, seguindo a mesma direção de Scherre (1988), analisaram essa variável conjuntamente com a variável posição linear e com a categoria morfológica. Entretanto, nessa análise, os elementos pré-nucleares não foram considerados com relação à adjacência ao núcleo.

Os resultados obtidos para essa variável indicaram que os constituintes pré-nucleares parece exibir mais tendências a reterem a marca de plural que os consituientes pós-nucleares. Apesar de não ter sido observada a adjacência dos elementos não nucleares localizados à esquerda do núcleo, na análise das atas, os resultados apresentados para essa variável nos dois *corpora*, o *corpus* das atas e dos inábeis, foram parecidos. De maneira geral, o que se tem observado nos estudos sobre a variação de concordância, com relação à variável posição do item com relação ao núcleo, é que, de fato, os itens localizados à esquerda do núcleo tendem a receber mais marcas explícitas de plural do que aqueles situados à direita do núcleo.

10.3 DADOS DE INÁBEIS VERSUS DADOS DE CRIANÇAS E ADULTOS

Os dados de aquisição são importantes para explicar os resultados dos inábeis, uma vez que, conforme elucida Marquilhas (2000), esses escreventes, apesar de adultos, estão ‘parados’ em uma fase de aquisição de escrita. Por isso, comparamos os dados da escrita de inábeis com dados de aquisição do número gramatical por crianças falantes do PB, apresentados por Ferrari-Neto (2008).

Como já ressaltado em outro momento (*cf.* Subitem 3.1.1), o estudo desenvolvido por Ferrari-Neto (2008) visa investigar o processo de aquisição do sistema de número gramatical

⁵⁸ Exemplos extraídos de Oliveira, Souza e Coelho (2009, p. 201).

no PB, e, para isso, o autor realizou 4 testes experimentais com crianças que tinham entre 1 e 5 anos, no total. Cada experimento atingiu uma determinada faixa etária.

No experimento 1, explorou-se a capacidade de a criança reconhecer variação morfofonológica no âmbito do DP, tomando esta variação como indicativa da manifestação do número no PB, e relacioná-la ao nome por meio da concordância. Para tanto, participaram do experimento 18 crianças com idade média de 2 anos.

O presente experimento lida com duas variantes do português como realizações gramaticais – a Padrão, em que D e N são flexionados em número e a Não-Padrão, em que apenas D apresenta essa flexão. Sobre isso, Ferrari-Neto ainda diz que, no experimento 1

[explora-se a variedade da marcação de número quanto à realização morfológica], incluindo-se dois tipos de expressão morfológica de número possíveis nas línguas humanas embora não gramaticais no PB – o sufixo exclusivo no nome, como no inglês e o infixo, ambas as possibilidades dando origens a possíveis palavras singulares do português, como *lápiz* e *mosca*. (FERRARI-NETO, 2008, p. 93 – grifo nosso).

Para esse experimento, determinou-se, inicialmente, como variável independente a *Expressão morfológica do número*, com dois níveis: o gramatical (forma Padrão e Não Padrão do DP Plural em PB) e o não gramatical (marcação de número como sufixo e como infixo). Posteriormente, o *Tipo de DP* foi também considerado como variável independente, contrastando cada uma das formas acima identificadas. Além disso, foi utilizada como controle a forma gramatical do singular no PB. Os exemplos dados pelo autor ilustram essas ocorrências:

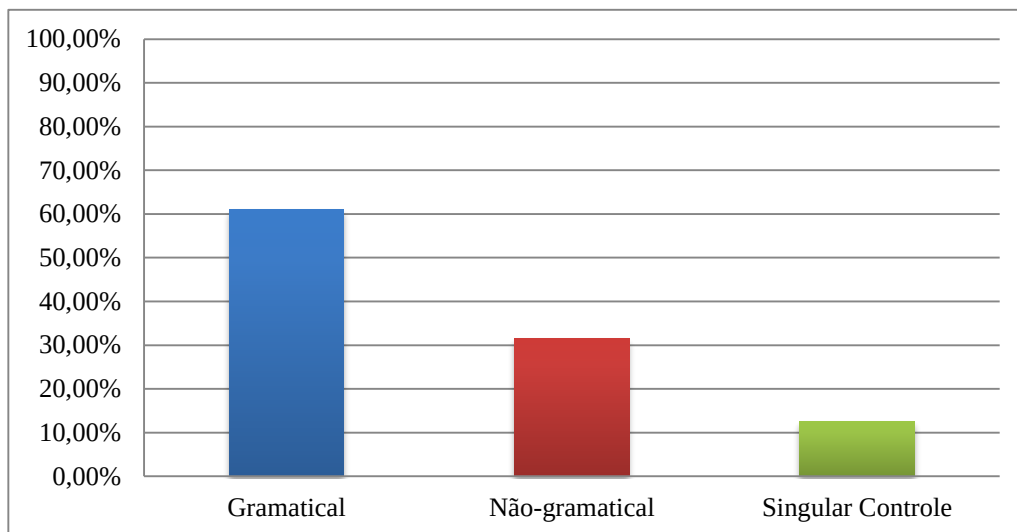
- a) Gramatical Padrão – G PAD - Determinante plural e Nome plural
Exemplo: Ache o-s dabo-s pro Dedé
- b) Gramatical Não Padrão – G NPAD - Determinante plural e Nome singular:
Exemplo: Mostre o-s dabo pro Dedé
- c) Não Gramatical Sufixo – NG SUF - Determinante singular e Nome plural
Exemplo: Ache o dabo-s pro Dedé
- d) Não Gramatical Infixo – NG INF – Marca de Plural inserida no meio do Nome
Exemplo: Ache o da-s-bo pro Dedé
- e) Controle – CONT – Determinante e Nome no singular
Exemplo: Ache o dabo pro Dedé

(FERRARI-NETO, 2008, p. 93-94).

Os resultados, para esse primeiro experimento, indicaram que a variável *Expressão morfológica do número* apresentou um efeito significativo, com um número maior de respostas “plural” para a condição gramatical (padrão e não-padrão), com 61,1%. O *Tipo de DP*, por sua vez, não apresentou diferença significativa entre as condições *gramatical padrão* e *não padrão*, embora houvesse mais ocorrência gramatical não-padrão (ex.: os daboØ), com 64,8%, do que de ocorrências padrão (ex.: os dabos), com 57,4%. As respostas plurais para a condição singular (12,5%) foram, no entanto, em menor número do que as respostas para a condição não-gramatical (31,4%), sugerindo uma interferência do fonema /s/ na condição

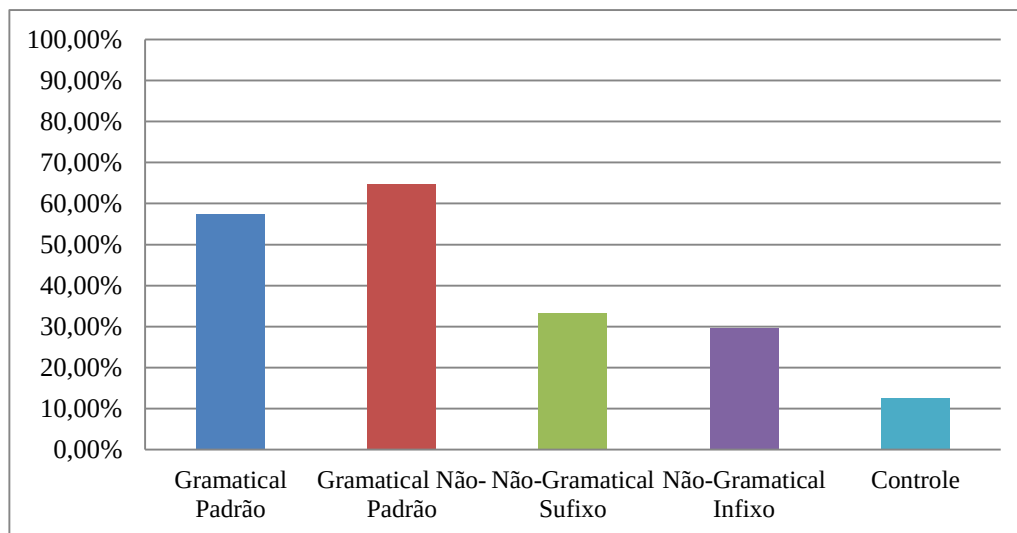
não-gramatical (ex.: o dabos e o dasbo). Tais resultados podem ser visualizados nos gráficos seguintes:

Figura 12 – A aquisição de número em crianças em função da expressão morfológica de número



Fonte: Ferrari-Neto (2008)

Figura 13 – A aquisição de número em crianças em função do Tipo de DP



Fonte: Ferrari-Neto (2008)

Diante desse resultado, o autor concluiu que

[...] a criança por volta dos dois anos de idade está sensível à expressão gramatical do número no PB, visto que processa diferentemente as condições gramatical e não gramatical. A variabilidade na expressão da concordância de número, neste caso, não se constitui em uma dificuldade para a criança adquirindo o PB, uma vez que a criança é capaz de reconhecer os padrões de manifestação de concordância. Por outro lado, **a não diferença entre as condições gramatical padrão e não padrão pode ser**

tomada como indicativa de que a informação de número é extraída do determinante, o que implica o processamento da concordância no DP, de acordo com o modelo de língua assumido [...]. Pode-se afirmar também, ainda com base nos resultados acima relatados, que as crianças de 2 anos em média são sensíveis à presença do fonema /s/ nos contextos em que ele funciona como um morfema de número, o que indica que crianças nessa faixa etária analisam o DP como uma unidade, estabelecendo relações de concordância entre os constituintes deste DP e assume que um traço formal pode ser morfológicamente expresso em qualquer elemento de uma relação de concordância. (FERRARI-NETO, 2008, p. 97 – grifo nosso).

Logo, foi evidenciado, no experimento 1, que as crianças que possuem em média 2 anos tendem a realizar a pluralidade de maneira gramatical padrão e não-padrão de modo semelhante, embora haja uma predisposição maior para a realização de sentenças não-padrão, identificando o número plural de DPs com base na flexão de número do Determinante, independentemente da marcação morfológica de número em N. Com isso, demonstram que já conseguem perceber a expressão gramatical de número no PB e são capazes de estabelecer relações de concordância entre os itens do sintagma.

A consideração do resultado do experimento 1 se faz relevante, pois nos permite perceber em que local ocorre a extração de número gramatical no DP por crianças. Os demais experimentos foram realizados para entender esse resultado e para atestar como as crianças percebem a informação relativa a número mesmo em outras posições do DP.

Conforme já discutido no *Capítulo III* (cf. Subitem 3.1.1), explanamos aqui, de forma resumida, os resultados para cada experimento seguinte:

- a) A partir do experimento 2 foi verificado que as crianças entre 2 anos e 2 anos e meio são capazes de perceber a informação relativa a número, mesmo quando aparece expressa exclusivamente em N e trata de forma indistinta o morfema de número e alomorfe de número, revelando, com isso, que a alomorfia não se constitui em um problema para o reconhecimento da informação relativa a número. Tais resultados levaram o autor a concluir, então que

[...] mesmo que se considere que a informação de número no PB é interpretável em D, a conclusão do estudo anterior pode ser mantida, visto que o número pode ser interpretado nos elementos que estaria em concordância com aquele. Ou seja, a criança, por volta dos dois anos de idade, percebe informação de número das interfaces fônica e semântica e pode representá-la no léxico em termos de um traço formal. (FERRARI-NETO, 2008, p.104 – grifo nosso).

- b) O experimento 3 foi realizado na tentativa de entender em que medida as crianças, entre 2 e 3 anos, extrairiam informação de número de N, com e sem alomorfia, quando esta é a única fonte de informação de número no DP, analisando os DPs existenciais com nomes nus, e se haveria diferença no modo como crianças expostas predominantemente

aos dialetos padrão e não padrão lidam com essa informação. Os resultados, para esse experimento, sugerem que as variáveis *grupo social* e *alomorfia* não apresentaram resultados significativos, uma vez que os dois grupos sociais (o padrão e o não-padrão) apresentaram resultados semelhantes quanto à pluralidade nos nomes com alomorfia e sem alomorfia. Desse modo, as crianças de ambos os grupos sociais tratam o morfema de número e alomorfe de número de maneira indistinta, indicando que a alomorfia não induziu dificuldades no reconhecimento da informação relativa a número;

- c) Por fim, no experimento 4, Ferrari-Neto (2008) buscou verificar se a criança toma a presença do morfema de número como indicativa de leitura contável, assim como se a presença do quantificador *muito* afeta a interpretação massiva ou contável de um DP e se há uma possível influência dos traços semânticos da raiz lexical na interpretação massiva ou contável de um DP. Participaram do experimento crianças com idade entre 2 e 5 anos, todas filhas de pais escolarizados e regularmente matriculadas na rede particular de educação infantil, e adultos com idades entre 17 e 39 anos, todos alunos do ensino superior, que decidiram participar da pesquisa voluntariamente. Este experimento revelou que crianças de 3 anos e adultos baseiam-se preferencialmente em informação advinda da morfologia de número na interpretação de DPs como massivos ou contáveis, tomando a presença do morfema de número como indicativa de leitura contável. As crianças de 5 anos, por outro lado, levam particularmente em conta informação de natureza semântica proveniente da raiz nominal, especialmente na interpretação de DPs singulares. Esses resultados levaram o autor a concluir que

[...] desse modo, a informação morfológica de número exerce um papel fundamental na atribuição de leitura contável ao DP, assim como os traços semânticos da raiz nominal podem ser considerados um importante fator que contribui para a interpretação massiva ou contável de DPs [...]. (FERRARI-NETO, 2008, p.134).

De modo geral, as análises feitas por Ferrari-Neto (2008) sugerem que a variabilidade do estímulo, em especial a variação relativa à expressão do número gramatical, não se constitui em um problema para a criança que adquire o PB. Os experimentos por ele realizados refletem evidências sobre o modo como crianças adquirindo PB lidam com a coexistência de diferentes manifestações da concordância de número, tomando a informação de número em D como a mais confiável (por ser a mais constante) na ausência de outras informações pertinentes a número no DP, durante o processo de aquisição.

Embora, neste trabalho, não tenhamos feito todas as análises tais quais realizadas por Ferrari-Neto (2008), em seus experimentos, percebemos semelhanças parciais entre alguns

resultados desses experimentos e os resultados dos inábeis. Assim como no experimento 2, nas cartas dos inábeis foram encontradas construções nas quais a informação relativa a número aparece expressa exclusivamente em N, como em (88). Embora essas construções sejam mais raras na oralidade, essas situações não se constituíram um problema para o reconhecimento da informação relativa a número em N para os inábeis, o que significa que, tanto com relação à criança, com base no experimento 2, como com relação aos inábeis, há uma evidente percepção da presença do morfema de número ainda que apareça restrita ao nome.

- (88) a. [...] Sir eu viraci um cannarininho| D Dar queri| bem cantador par| carnta nu seu tereiro| par carbar aØ minhaØ **dores**| [...]. (AFS- 8)
 b. [...] São as horas mais filiz quando pego| Nesta caneta para da minhaØ **noticias**| [...]. (AHC- 59)
 c. [...] ficei muito contete de| aØ **cioras** te alebrado de| mi [...]. (AOL- 72)
 d. [...] I la eu tenho tido anoticiaqui noØ **dumingos** esta muito bom| [...]. (FP- 79)
 e. [...] espero o neu amo com orØ meuØ **braços**| aberto. [...]. (RAC- 85)

Sobre isso, Ferrari-Neto (2008) afirma que isso ocorre porque, nessas situações, o número pode ser interpretado nos elementos que estariam em concordância com o determinante. Entretanto, embora tenham sido encontradas algumas ocorrências desse tipo, os resultados dos inábeis, assim como na aquisição de número gramatical por crianças, refletem maiores tendências à realização da forma gramatical não-padrão, com retenção da marca de número no Determinante, como nas construções em (89):

- (89) a. [...] Maria Jetude manda| dizre **as** toudaØ amiguinhaØ Esta Commo Deus qizre| [...]. (AFS- 20)
 b. [...] **estas** duas linha solmenti par li dar a **mihas**| nouticia [...]. (AFS- 23)
 c. [...] já acertei com **os** oficialØ para| fazer as porta [...]. (MCO- 33)
 d. [...] Zezito você deichando|pra vir depois **das** eleiçãoØ você mi mautrata de| mias [...]. (AHC- 55)
 e. [...] Comadre e Compadre emvio **as**| minhas treste nutisia [...]. (MDC- 84)

Os resultados dos inábeis refletem que são os elementos determinantes, à esquerda do núcleo, adjacente (72,4%) e não adjacente (62,9%), que tendem a receber mais marcas explícitas de plural. Isso pode ser justificado se considerarmos também que, diante da coexistência de dois dialetos no PB – o padrão, no qual a flexão de número se encontra presente no nome e nos elementos que entram em concordância com este no DP; e o não-padrão, no qual

o número se apresenta manifesto apenas em D, a posição D aparece codificada em ambos os dialetos do PB, sendo possível afirmar, então, que há uma preferência para a extração da informação concernente a número nesta posição. Dessa forma, de modo semelhante às crianças, os resultados dos inábeis sugerem que a extração de informação de número de D pode ser tomada como evidência de concordância de número no âmbito do DP.

Neste capítulo, fizemos uma análise comparativa entre os dados dos inábeis e os resultados realizados em pesquisas anteriores, em *corpus* oral, em *corpus* escrito, além de um estudo comparativo entre os dados dos inábeis e os dados dos *corpora* de crianças no âmbito da aquisição da concordância. A partir de tudo o que foi apresentado, percebemos, com isso, que as estratégias mais usadas pelos escreventes inábeis, no que diz respeito à realização das marcas de pluralidade no SN, estão próximas tanto às variantes populares do PB, como às construções encontradas em estudos sobre aquisição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a tantos estudos já realizados sobre a variação da concordância no sintagma nominal no português do Brasil, esta pesquisa procurou buscar meios de dar a sua contribuição. Tendo em vista o fato de este tema ser bastante analisado, sobretudo, em *corpora* esteados na linguagem oral, numa sincronia contemporânea, este trabalho procurou contribuir a partir de uma nova perspectiva: uma análise da variação da concordância de número no sintagma nominal em documentos escritos numa sincronia passada. Logo, esta dissertação caminhou no sentido de tentar contribuir com esses estudos, trazendo dados inéditos, extraídos de um *corpus* especial como são as cartas produzidas por “mãos inábeis”.

Observando algumas variáveis linguísticas e identificando, dentre os 43 remetentes das 91 cartas, características socioculturais semelhantes entre si, buscamos estabelecer um quadro da variação do fenômeno estudado na região do semiárido da Bahia Para tanto, descrevemos e explicamos o conjunto de variáveis linguísticas e sociais sob duas perspectivas: a não atomística (ou sintagmática) e atomística (ou mórfica). A primeira perspectiva considerou o SN inteiro como unidade de análise, proporcionando uma visão geral do fenômeno, e a segunda observou cada elemento do SN como um dado de análise.

A partir do estudo do fenômeno realizado nos *corpora* dos inábeis, as conclusões serão feitas, respondendo as questões apresentadas para cada perspectiva de análise aqui proposta.

Da análise sintagmática:

- (i) Há uma predominância à não marcação de pluralidade nos sintagmas nominais passíveis de receber a concordância de número plural. Dos 318 SNs considerados, 69% não receberam a marca;
- (ii) No que concerne à variável linguística *posição do SN com relação ao verbo*, a hipótese de que os SNs à esquerda do verbo, numa posição mais saliente, tendem a vir mais marcados do que os que se situam à sua direita não se configura neste *corpus*. São, primeiramente, os SNs localizados em posições isoladas ao verbo (PR .727) e, em seguida, os SNs situados à direita do verbo (PR .531) que apresentaram maiores tendências ao uso da concordância plural;
- (iii) No que se refere ao *número absoluto de constituintes do SN*, o segundo fator linguístico selecionado pelo programa GOLDFARB X, observamos que quanto maior for a extensão sintagmática, menor será a realização das marcas de

concordância, e, ao contrário, quanto menor for a extensão do sintagma, maior será o favorecimento da aplicação das regras de concordância;

- (iv) A variável social *situação de aprendizagem* evidenciou que o espaço escolar ainda exerce muita influência com relação à aplicação das regras de concordância nominal, já que foram os indivíduos que estudaram até a 4ª série os que mais apresentaram tendências à realização das marcas de número plural nos SNs;
- (v) A variável *presença/ausência dos SNs em fórmulas* revelou que as expressões cristalizadas não constituem espaços de resistência às variações, uma vez que a grande maioria dos SNs presentes nas fórmulas (75,8%) não realizam a marcação de pluralidade.

Da análise atomística:

- (i) Há uma predominância à marcação de pluralidade nos constituintes analisados isoladamente. Dos 710 constituintes passíveis de receber a concordância de número dentro do SN, 59% obtiveram a marca de PL;
- (ii) A análise da variável linguística *posição do item com relação ao núcleo* constatou que o item localizado à esquerda do núcleo, adjacente a ele, apresenta um favorecimento maior à presença da marca de pluralidade, com um peso relativo de concordância .530, ratificando a hipótese de que além da posição à esquerda do núcleo, a adjacência é um dado favorecedor da marcação de pluralidade nos constituintes do SN. Como foi demonstrado na análise comparativa, os resultados apresentados para essa variável, nas cartas dos inábeis, apresentam semelhanças com os resultados obtidos em dados orais, como os de em Scherre (1998), Lopes (2001) e Baxter (2009) e, nos dados das atas, de Oliveira, Souza e Coelho (2009);
- (iii) No que concerne à *saliência fônica*, os resultados indicaram que a nossa hipótese inicial de que os itens mais salientes favorecem mais a presença de marca explícita nos SNs, enquanto os menos salientes favorecem menos a concordância não se verifica, de maneira geral, aos dados dos inábeis. Foi demonstrado que a escala de saliência fônica, na dimensão Processos, não se aplica aos dados em questão. Entretanto, ao observar a Tonicidade atrelada a Processos, assim como Scherre (1988) e Lopes (2001), foi verificado que as formas mais salientes, formadas pelos oxítonos regulares e monossílabos tônicos têm realmente maior peso na

probabilidade de marca que os menos salientes (os regulares proparoxítonos e os regulares paroxítonos);

- (iv) Com referência às marcas precedentes, os resultados sugeriram a não relevância do princípio *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros* para os dados dos inábeis. Foi verificado que a marcação do item em terceira posição é desfavorecida, tanto pela presença de uma mistura de marcas com marca formal precedente (PR .421), como pela presença da mistura de marcas com zero formal precedente (PR .223), e favorecida pela ausência de marcas precedentes na 1ª e 2ª posição (PR .916). A análise comparativa demonstrou que esses resultados divergem dos encontrados por Scherre (1988) e Lopes (2001), mas são semelhantes aos resultados encontrados nas comunidades rurais afrodescendentes, por Baxter (2009);
- (v) A análise das variáveis sociais, *situação de aprendizagem* e *presença/ausência do constituinte em fórmulas*, apresentou um resultado semelhante aos resultados dessas variáveis na análise sintagmática. Com relação à primeira variável, foi verificado que aqueles que estudaram até a 4ª série realizaram maior marcação de PL nos itens do SN, ratificando a influência da educação formal na realização das marcas explícitas de PL nas regras de concordância. Já com relação à *presença/ausência do constituinte em fórmulas* foi evidenciado que a cristalização morfossintática destes termos é apenas aparente, já que ocorre a variação na aplicação das regras de concordância também entre os itens presentes nas expressões formuláicas das cartas produzidas por inábeis;

Da comparação entre os dados dos inábeis com os de aquisição do número gramatical por crianças do PB:

- (i) Embora, nas cartas dos inábeis, também tenham sido encontradas algumas ocorrências de retenção da marca de pluralidade apenas no Nome, tanto para a criança em fase de aquisição de número gramatical no PB, como para os inábeis, a informação de número em D demonstrou ser a mais confiável (por ser a mais constante) na ausência de outras informações pertinentes a número no DP;
- (ii) De modo semelhante às crianças falantes do PB em fase de aquisição de número gramatical, os resultados dos inábeis sugerem que a extração de informação de número de D pode ser tomada como evidência de concordância de número no âmbito do DP;

- (iii) As estratégias mais usadas pelos escreventes inábeis, no que diz respeito à realização das marcas de pluralidade no SN, estão próximas tanto às variantes populares do PB, como às construções encontradas em estudos sobre aquisição.

Em suma, diante de tudo o que foi exposto neste trabalho, as cartas dos sertanejos do semiárido baiano se mostram uma preciosa fonte a servir de base empírica para demonstrar que, desde o início do século XX, a variação da concordância nominal de número já ocorria nos textos escritos.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1927. 25p.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 38. ed. São Paulo: Saraiva, 1992. 658p.
- ANDRADE, P. R. de. *Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil: variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro*. 2003. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, UFBA, Salvador.
- BARBOSA, A. G. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio*. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
- BAXTER, A. A concordância de número. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 269-293.
- _____. Semicreolization? The restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 7-39, 2002.
- _____. Morfossintaxe. In: PERL, M.; SCHWEGLER, A. (orgs.). *América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main: Vervuert, 1998. p. 97-134.
- _____; LUCCHESI, D. Un paso más hacia la definición del pasado criollo del dialecto afro-brasileño de Helvécia (Bahia). In: ZIMMERMANN, K. (Ed.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Madri: Iberoamericana, 1999. p. 119-141.
- _____; _____. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, n. 19. 1997. p. 65-83.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1999.
- BERKO, J. *The child's learning of English morphology*. Word, 14. 1958. p. 150-177.
- BOUVET, N. E. *La escritura epistolar*. Buenos Aires: EUDEBA, 2006.
- BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. 1977. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- _____; SCHERRE, M. M. P. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. Encontro Nacional de Linguística, 1. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 464-77.
- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Org.). *Ensino de gramática-descrição e uso*. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

- CAMERON, R. Ambiguous agreement, functional compensation, and non-specific tu in Spanish of San Juan, Puerto Rico, and Madrid, Spain. *Language Variation and Change*, v. 5, n. 3, 1993. p. 35-49.
- CAPPELLARI, E. T.; ZILLES, A.M.S. A Marcação de Plural na Linguagem Infantil -Estudo Longitudinal. *Revista da Abralin*, v. 1, n. 1, p. 185-218, 2002.
- CARNEIRO, Z. O. N.; ALMEIDA, N. L. F. de. Demografia e norma linguística no semiárido baiano nos séculos XVIII e XIX: uma introdução. In: NEVES, E. F. (Org.). *Sertões da Bahia – Formação social, desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural*. Salvador: Arcádia, 2011. p. 599-617.
- CARVALHO, H. M. de. *Concordância nominal: uma análise variacionista*. 1997. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, UFPB, João Pessoa.
- CAZDEN, C. B. The Acquisition of Noun and Verb Inflections. *Child Development*, 39, 1968.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CHOMSKY, N. *O Programa Minimalista*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- _____. *The Minimalist Program*. Massachusetts, MIT Press, 1995.
- COELHO, F. A. Os dialetos românticos ou neolatinos na África, Ásia e América. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. 2. série, 3, p. 96- 129, 1880.
- CORRÊA, M. L. G. (Org.). *Aquisição da Linguagem e Problemas do Desenvolvimento Lingüístico*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio/Edições Loyola, 2006, p. 9-18.
- _____. Explorando a relação entre língua e cognição na interface: o conceito de interpretabilidade e suas implicações para teorias do processamento e da aquisição da linguagem. *Veredas (UFJF)*, Juiz de Fora, v. 6, 2002, p. 113-129.
- _____. A metalinguagem e o ensino de língua portuguesa. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, n. 22, jul.-dez., Campinas, 1993.
- COSTA, J.; FIGUEIREDO-SILVA, M. C. Notas Sobre a Concordância Verbal e Nominal em Português. *Estudos Lingüísticos*, n. 35, 2006.
- COSTA, M. T. B. da. Variação da concordância nominal no sintagma nominal: um estudo na escrita dos alunos do município de Ribeira do Pombal – Bahia. In: MOURA, D. (Org.). *Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL, 2008. p. 567-570.
- CUNHA, C; CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. p. 342-65.

EMBICK, D.; NOYER, R. Movement Operations after Syntax. *Linguistic Inquiry*, n. 32, 2001.

FERNANDES, M. *Concordância nominal na região sul*. 1996. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre.

FERRARI-NETO, J. *Aquisição de Número Gramatical no Português Brasileiro: Processamento de Informação de Interface e Concordância*. 2008. Tese (Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem), PUC, Rio de Janeiro, 2008.

_____. *Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do português brasileiro*. 2003. Dissertação de Mestrado – PUC, Rio de Janeiro.

FREIRE, L. C. M. Povoamento, produção agropecuária e trabalho escravo na comarca de Feira de Santana. In: NEVES, E. F. (Org.). *Sertões da Bahia – Formação social, desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural*. Salvador: Arcádia, 2011. p. 381-442.

GALVES, C. M. C. Posfácio. In: LOBO, T.; OLIVEIRA, K. de. (Org.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por Africanos no Brasil do Séc. XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 352-367.

GUINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras. 1989.

GUY, G. R. A Questão da crioulização no português do Brasil. In: ZILLES, A. M. S. A *Variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

_____. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the Phonology, Syntax, and Language History*. 1981a. Dissertation (PhD) – University of Pennsylvania, Philadelphia.

_____. Parallel variability in American dialects of Spanish and Portuguese. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. *Variation Omnibus*. Canada: Linguistic Research, 1981b, p.85-93.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, v. 59, n. 4, 1983, p. 781-819.

HOLM, J. Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole. In: D'ANDRADE, E.; KIHM, Al. (Org.). *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, 1992. p. 37-66.

_____. Creole influence on popular Brazilian Portuguese. In: GILBERT, G. G. (Org.). *Pidgin and creole languages: essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1987, p. 406-429.

KATO, M. A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES M. A. et al. (Org.). *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 2005.

_____. Apresentação: como e por que escavar. In: KATO, M; ROBERTS, I. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicam, 1993. p. 13-30.

KIPARSKY, P. Explanation in phonology. In: PETERS, S. *Goals of Linguistic Theory*. New Jersey: Prentice Hall, 1972. p. 189-225.

KROCH, A.; TAYLOR, A. *English Verb-second Constraint: case study in language and language change*. 1994.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008. [1972].

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins: 1982. p.17-92.

LACERDA, A. P. C. T. *Caminhos da liberdade: a escravidão em Serrinha-Bahia (1868-1888)*. 2008. 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LASS, R. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. (Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL e Fundação Ford). Rio de Janeiro, 1977.

LEMO, D. M. *Português brasileiro e português angolano: variação na concordância nominal de número*. 2014. Dissertação de mestrado – UEFS, Feira de Santana.

LOBO, T. A formação histórica do português brasileiro. O estado da questão. *Comunicação ao XI Congresso da AFAL*. Gran Canaria, 1996.

LOPES, N. S. O mecanismo da variação da concordância no Português: observações quanto a marcas nos verbos e nos nomes. *Rev. Estudos da linguagem*. Vitória da Conquista, v. 13, n. 2. 2015. p. 59-72.

_____. *Concordância nominal, contexto lingüístico e sociedade*. 2001. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LOPES, R. E. V. *Bare Nouns and DP Number Agreement in The Acquisition of Brazilian Portuguese*. Cascadilla Proceedings Project, 2006.

_____. Estágios no processo de aquisição de número no DP do português brasileiro. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 157-171, 2004.

LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In: LOBO, T. et al. (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 249-274.

_____. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. p. 41-73.

_____. Africanos, crioulos e a língua portuguesa. In: LIMA, I. S.; CARMO, L. do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 148-168.

_____. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, 2006, p. 83-112.

_____. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 272-284.

_____. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *DELTA*. São Paulo, n. 17, v. 1, 2001, p. 97-130.

_____. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n. 12, 1994, p. 17-28.

_____; BAXTER, A. Processos de criouliização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218.

_____. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. p. 101-124.

MAGALHÃES, T. M. V. *Valorando Traços de Concordância Dentro do DP*. Trabalho de Qualificação. UNICAMP, 2002.

MAIA, C. Linguística histórica e filologia. In: LOBO, T. et al. (Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 533-542.

MARQUILHAS, R. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MASCARENHAS, J. O. C. *Sentenças relativas em cartas de inábeis*. 2016. Dissertação de Mestrado, UEFS, Feira de Santana.

MASSOTTI, M. T. C. *Aquisição das Regras de Plural no Substantivo*. 1977. Dissertação de Mestrado, PUC, Campinas.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 221-254.

_____. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Primeiros estudos. v. 2. t. 2. São Paulo: Humanitas/ FAPESB, 2001. p. 275- 301.

MEISEL, J. M. Principles of Universal Grammar and strategies of language use: on some similarities and differences between first and second language acquisition. In: *Point-Counterpoint: UG in the Second Language* [Language Acquisition and Language Disorders 3]. L. Eubank (ed.). Amsterdam: John Benjamins. 1991, p. 231-276.

MERVIS, C.B.; JOHNSON, K.E. Acquisition of Plural Morpheme. A Case Study. *Developmental Psychology*, n. 27, 1991.

MUSSA, A. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. 1991. Dissertação de Mestrado - UFRJ, Rio de Janeiro.

MYERS-SCOTTON, C.; JAKE, J. L. Four types of morpheme: evidence from aphasia, code switchim, and second-language acquisition. In KLEIN, Wolfgang et alii (ed.). *Linguistics: an interdisciplinary journal of the language sciences*. V. 38-6, 2000, p. 1053-1100.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v. 57, n. 1, 1981, p. 63-98.

_____; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, S. B. et al. *Papers from the parasession on diachronic syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976. p. 221-241.

_____; SCHERRE, M. M. A concordância de número no português do Brasil um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. da (Org.). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-114.

_____; SCHERRE, M. M. Disfluencies in the analysis of speech data. *Language Variation an Change*. 1996, p. 1-12.

_____; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 9, n. esp., 1993. p. 437-54.

_____; SCHERRE, M. M. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____; VOTRE, S. J. Emergência da sintaxe como um efeito discursivo. In: NARO, A. J. et al. *Relatório final de pesquisa do Projeto subsídios do Projeto Censo à educação*. Rio de Janeiro, 1986. p. 81- 454.

NEVES, E. F. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio* (um estudo de história regional e local). Feira de Santana: UEFS, 1998.

NINA, T. J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. 1980. Dissertação de Mestrado – PUC, Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, K. *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história*, edição filológica de documentos e estudo linguístico. 2006. 3v. Tese de Doutorado – Instituto de Letras, UFBA, Salvador, Bahia.

_____; SOUZA, V.; COELHO, J. S. B. Concordância nominal (cenários da variação em palcos do século XIX). In: LOBO, T. C. F. (Org.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 255-316.

PALHARES, M. F. *Aquisição das Regras de Plural das Palavras Terminadas em -L e -U Assilábico*. 1981. Dissertação de Mestrado – PUC, Rio de Janeiro.

PAREDES SILVA, V. L. Subject omission and functional compensation: evidence from written Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v. 5, n. 1, 1993, p.35-49.

PONTE, V. M. L. *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. 1979. Dissertação de Mestrado – PUC, Rio Grande do Sul.

PONTES, E. S. L. *O tópico no português do Brasil*. São Paulo: Pontes Editores, 1987.

_____. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Pontes Editores, 1986. 287p.

POPLACK, S. Mortal phonemes as plural morphemes. In: SANKOFF, D., CEDERGREN, H. (Ed.) *Variation Omnibus*. Canadá: Linguistic Research, 1981. p. 59-71.

_____. Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish. *Language*, v. 56, n. 2, 1980a. p. 85-371.

_____. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on/ s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.). *Locating Language in Time and Space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980b. p. 55-67.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

RIOS, I. N. A. *Nossa Senhora da Conceição do Coité: poder e política no século XIX*. 2003. 155f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

SALOMÃO, M. H. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto*. 2010. Dissertação de Mestrado – UNESP, São José do Rio Preto.

SAMPAIO, D. A. Histórico de Riachão do Jacuípe. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE Cidades*. [2010]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

SANKOFF, D. et al. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 01 de maio de 2016.

SANTOS, M. R. A. dos. *Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750*. 2010. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTIAGO, H. S. *As memórias dos sertanejos baianos: expressões sobre suas práticas de escrita*. In: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica, Modos de Viver, Narrar e Guardar. Rio de Janeiro, 2014.

_____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. n. 12, dez. de 1994, p. 37-49.

_____. *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de mãos “cândidas” do sertão baiano*. 2012. Dissertação de Mestrado - UEFS, Feira de Santana.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1997.

SCHERRE, M. M. P. Phrase level parallelism effect on noun phrase number agreement. In: *Language Variation and Change*, 2001.

_____. Sobre a Influência de três Variáveis Relacionadas na Concordância Nominal em Português. In: SCHERRE, M. M. P. ; SILVA, G. M. de O e. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.

_____. Concordância nominal e funcionalismo. *Alfa*, São Paulo, 41(n.esp), 1997. p. 181-206.

_____. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon – A variação no português do Brasil*. Porto Alegre, UFRGS-Instituto de Letras, 1991. p. 52-70.

_____. Reanálise da concordância nominal em Português. *ABRALIN – Boletim da Associação Brasileira de Linguística*. São Paulo, UNICAMP, 1989, p. 97-124.

_____. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese de Doutorado em Linguística – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1978. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

_____; NARO, A. J.. Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil. *DELTA* 9(1), 1993, p. 1-14.

SCHMITT, C.; MUNN, A. Against the nominal mapping parameter: bare nouns in Brazilian Portuguese. In: TAMANJI, P.; HIROTANI, M.; HALL, D. *Proceedings of NELS*, n. 29, 1999, p. 339-353.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1950.

SIMIONI, L. *Aquisição da Concordância Nominal de Número: um estudo de caso*. Monografia de Conclusão de Curso. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2002.

_____. *A aquisição da concordância nominal de número no português brasileiro: um parâmetro para a concordância nominal*. 2007. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis.

SIMÕES, L. Concordância Nominal de Número: questões de variação e aprendizagem. In: *ANPOLL – Boletim Informativo*, Maceió, v. 32, n. 1, 2004.

TAVERES, L. *História da Bahia*. 10. ed. Salvador: EDUFBA, 2001.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].

XAVIER, M. F.; MIRA MATEUS, M. H. (Org.). *Dicionário de termos linguísticos*. v. II. Lisboa: Edições Cosmos, 1990.

APÊNDICE